

Jovens Açorianos Qualificados

Relatório Final

Gilberta Pavão Nunes Rocha (Coord.)

Ana Cristina Palos

Oswaldo Silva

Rolando Lalanda-Gonçalves

Colaboração

Heraldina Belchior Chattopadhyaya

Filipe Machado

Débora Pavão

OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE DOS AÇORES

Jovens Açorianos Qualificados

Relatório Final

Gilberta Pavão Nunes Rocha (coordenação)

Ana Cristina Palos

Oswaldo Silva

Rolando Lalanda-Gonçalves

Colaboração

Heraldina Belchior Chattopadhyaya

Filipe Machado

Débora Pavão

Dezembro de 2015

Índice Geral

Índice de Gráficos.....	v
Índice de Quadros.....	x
Índice de Figuras	11
Enquadramento.....	12
Introdução.....	15
1. População e Qualificação (2001-2011)	19
Introdução	19
1.1. Dinâmica Demográfica	20
1.2. Análise prospetiva 2015-2021	27
1.3. Ensino Básico e Secundário (2001-2014).....	30
1.4. Ensino Superior (2001-2011).....	39
Nota conclusiva.....	44
2. Jovens na Universidade dos Açores (2001/2002-2014/2015).....	46
Introdução	46
2.1. Evolução Global	46
2.2. Evolução Por Idade e Sexo	50
2.3. Evolução por Naturalidade	52
2.4. Evolução por Área Científica	55
2.5. Evolução por Nível de Graduação	60
2.6. Perfis	61
Nota Conclusiva.....	69
3. Jovens açorianos em outras universidades portuguesas (2011/2012-2013/2014).....	71
Introdução	71
3.1. Evolução global e por regiões.....	72
3.2. Evolução por Idade e Sexo	74
3.3. Evolução por Naturalidade	75
3.4. Por Área Científica	77
3.5. Por Nível de Graduação	79
3.6. Perfis	80
Nota conclusiva.....	87

4. Jovens açorianos na investigação na Universidade dos Açores e outras Instituições Regionais	89
Introdução	89
4.1. Bolseiros na Universidade dos Açores	90
4.2. Bolseiros do Fundo Regional de Ciência e Tecnologia	97
4.3. Técnicos nos Centros de Interpretação	100
Nota Conclusiva.....	103
5. Ensino Profissional.....	105
Introdução	105
5.1. Evolução Global	106
5.2. Evolução por instituição	111
5.3. Evolução por Idade e Sexo	113
5.4. Evolução por área de educação e formação	116
5.5. Perfis	117
5.6. Empregabilidade	125
Nota Conclusiva.....	127
Conclusão	128
Bibliografia.....	133
ANEXOS	136

Índice de Gráficos

1. População e Qualificação (2001 - 2011)

Gráfico 1.1.1. Variação percentual da população dos Açores, por ilha, entre 2001 e 2011, (%)	20
Gráfico 1.1.2. Importância relativa do volume populacional das ilhas dos Açores, em 2011, (%)	21
Gráfico 1.1.3. Evolução da estrutura etária da população dos Açores, de 2001 para 2011, (%)	22
Gráfico 1.1.4. Estrutura etária da população das ilhas dos Açores, em 2011, (%).....	22
Gráfico 1.1.5. Importância relativa do volume populacional dos jovens (20-34 anos) das ilhas dos Açores, em 2011, (%).....	24
Gráfico 1.1.6. Evolução das Taxas Brutas de Natalidade (TBN) e Mortalidade (TBM) nos Açores, de 2001 a 2013.....	25
Gráfico 1.1.7. Evolução das Taxas de Crescimento Migratório nos Açores, de 2001 a 2012	26
Gráfico 1.2.1. Variação percentual do número de jovens (18-34 anos) nos Açores, de 2015 a 2021	28
Gráfico 1.2.2. Evolução do número de jovens nos Açores, idade a idade, em 2015 e 2021	28
Gráfico 1.2.3. Variação percentual do número de jovens, idade a idade, nos Açores, entre 2015 e 2021	29
Gráfico 1.2.4. Relação de Masculinidade dos jovens (18-34 anos) nos Açores, entre 2015 e 2021, (%)	30
Gráfico 1.3.1. Escolaridade média nos Açores, segundo os anos de permanência, em 2001 e 2011	31
Gráfico 1.3.2. Escolaridade média nos Açores, por grandes grupos etários, em 2001 e 2011, segundo o número de anos de permanência	32
Gráfico 1.3.3. Taxa de analfabetismo nos Açores, em 2001 e 2011, (%)	33
Gráfico 1.3.4. Taxa de abandono precoce de educação e formação nos Açores, em 2001 e 2011, (%)	34
Gráfico 1.3.5. Taxa de abandono escolar nos Açores, em 2001 e 2011, (%).....	35
Gráfico 1.3.6. Taxas de retenção no ensino básico e secundário nos Açores, nos anos de 2001/2002, 2005/2006, 2010/2011 e 2013/2014, (%).....	36
Gráfico 1.3.7. Alunos matriculados no 1º ciclo do ensino básico, em idade ideal de frequência e com “desvio etário”, nos Açores, (%).....	37
Gráfico 1.3.8. Alunos matriculados no 2º ciclo do ensino básico e secundário, em idade ideal de frequência e com “desvio etário”, nos Açores	38
Gráfico 1.3.9. Alunos matriculados no 3º ciclo do ensino básico, em idade ideal de frequência e com “desvio etário”, nos Açores.....	38

Gráfico 1.3.10. Alunos matriculados no ensino secundário, em idade ideal de frequência e com “desvio etário”, nos Açores.....	39
Gráfico 1.4.1. População com o Ensino Superior nos Açores, por grupos de idade, em 2001 e 2011, (%)	40
Gráfico 1.4.2. População com o Ensino Superior nos Açores, por grupos de idade e sexo, em 2001, (%).....	41
Gráfico 1.4.3. População com o Ensino Superior nos Açores, por grupos de idade e sexo, em 2011, (%).....	42
Gráfico 1.4.4. População com o Ensino Superior nos Açores, do sexo masculino, por grupos de idade, em 2001 e 2011, (%)	43
Gráfico 1.4.5. População com o Ensino Superior nos Açores, do sexo feminino, por grupos de idade, em 2001 e 2011, (%)	43

2. Jovens na Universidade dos Açores (2001/2002 - 2014/2015)

Gráfico 2.1.1. Importância relativa dos jovens no conjunto dos estudantes da Universidade dos Açores, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)	47
Gráfico 2.1.2. Número dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, de 2001/2002 a 2014/2015	48
Gráfico 2.1.3. Variação percentual do número de jovens inscritos na Universidade dos Açores, de 2001/2002 a 2014/2015, (%).....	48
Gráfico 2.1.4. Número de jovens inscritos e graduados na Universidade dos Açores, de 2001/2002 a 2014/2015	49
Gráfico 2.2.1. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por grupos de idade, de 2001/2002 a 2014/2015, (%).....	50
Gráfico 2.2.2. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores por sexo, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)	51
Gráfico 2.3.1. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores por Naturalidade, de 2001/2002 a 2014/2015, (%).....	52
Gráfico 2.3.2. Distribuição dos jovens das ilhas de S ^{ta} . Maria, Graciosa, S. Jorge. Faial, Flores e Corvo inscritos na Universidade dos Açores, de 2001/2002 a 2014/2015, (%).....	53
Gráfico 2.4.1. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Área Científica, de 2001/2002 a 2014/2015, (%).....	56
Gráfico 2.4.2. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por grandes áreas científicas, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)	57
Gráfico 2.5.1. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por nível de graduação, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)	61
Gráfico 2.6.1. Relação de Masculinidade dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Naturalidade, (%).....	62
Gráfico 2.6.2. Jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Sexo e Áreas Científicas, (%).....	63
Gráfico 2.6.3. Jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Sexo e Níveis de Formação, (%).....	64

Gráfico 2.6.4. Jovens inscritos na Universidade dos Açores, por idade e sexo, (%)	65
Gráfico 2.6.5. Jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Idade e Naturalidade, (%)	66
Gráfico 2.6.6. Jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Idade e Área Científica, (%)	67

3. Jovens açorianos em outras universidades portuguesas (2011/2012 - 2013/2014)

Gráfico 3.1.1. Estudantes açorianos a frequentar o ensino universitário em outras regiões do País, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%).....	73
Gráfico 3.1.2. Importância relativa dos estudantes jovens no conjunto dos estudantes que se encontram fora dos Açores, de 2011/2012 a 2013/2014, por regiões	73
Gráfico 3.2.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por sexo, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)	74
Gráfico 3.2.2. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por grupo etário, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)	75
Gráfico 3.2.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por sexo, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)	74
Gráfico 3.2.2. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por grupo etário, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)	75
Gráfico 3.3.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por ilha de origem, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%).....	76
Gráfico 3.3.2. Comparação da população das várias ilhas dos Açores, dos jovens açorianos a frequentar o ensino universitário fora dos Açores e os jovens a frequentar a Universidade dos Açores, por ilha de origem, (%).....	76
Gráfico 3.4.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por área científica, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)	78
Gráfico 3.4.2. - Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por cursos de Licenciatura com mais de 50 alunos, por ano letivo, (%).....	79
Gráfico 3.5.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por nível de graduação, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%).....	80
Gráfico 3.6.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e sexo, (%)	81
Gráfico 3.6.2. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e grupo de idade, (%).....	81
Gráfico 3.6.3. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e ilha de naturalidade, (%).....	82
Gráfico 3.6.4. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e área científica, (%).....	82
Gráfico 3.6.5. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por cursos de Licenciatura com mais de 50 alunos, por sexo, (%).....	83
Gráfico 3.6.6. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e por cursos com mais de 50 alunos, (%)	84

Gráfico 3.6.7. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por ilha e por cursos de Licenciatura com mais de 50 alunos, (%)	84
Gráfico 3.6.8. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e segundo o nível de graduação, (%).....	85

4. Jovens açorianos na investigação na Universidade dos Açores e outras Instituições Regionais

Gráfico 4.1.1. Evolução e contratação dos bolseiros na Universidade dos Açores, de 2001 a 2015	91
Gráfico 4.1.2. - Tipos de bolsas na Universidade dos Açores em 2015, (%).....	94
Gráfico 4.2.1. Distribuição dos bolseiros da FRCT, por grupos de idade, em 2015, (%)	97
Gráfico 4.3.1. Número de técnicos nos Centros de Interpretação, por grupo de idade, em 2015, (%)	101
Gráfico 4.3.2. Número de técnicos nos Centros de Interpretação, por ilha, em 2015..	102
Gráfico 4.3.3. Número de técnicos por Centro de Interpretação e sexo, em 2015.....	102
Gráfico 4.3.4. Evolução do número de técnicos admitidos, de 2011 a 2015	103

5. Ensino Profissional

Gráfico 5.1.1. Distribuição de alunos matriculados no ensino secundário, por modalidade de ensino (ensino público e privado), de 2002/2003 a 2012/2013	107
Gráfico 5.1.2. Distribuição do número de jovens que aprovam/concluem o ensino profissional, por ilhas, no período de 2001 a 2014.....	108
Gráfico 5.1.3. Distribuição do número de jovens que aprovam / concluem o ensino profissional, por ilhas, no período de 2001 a 2014, (%).....	109
Gráfico 5.1.4. Distribuição do número de jovens que aprovam / concluem o ensino profissional por concelhos, de 2001 a 2014	110
Gráfico 5.2.1. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, por instituição, de 2001 a 2014 (ilhas do grupo oriental).....	111
Gráfico 5.2.2. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, por instituição, de 2001 a 2014 (ilhas do grupo central)	112
Gráfico 5.3.1. Distribuição do número de jovens que aprovam / concluem o ensino profissional, por idades, de 2001 a 2014	114
Gráfico 5.3.2. Distribuição do número de jovens que aprovam / concluem o ensino profissional, por grupos de idade e sexo, de 2001 a 2014	115
Gráfico 5.4.1. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, nos Açores, por área de educação e formação, rede pública e privada, de 2001 a 2014	116
Gráfico 5.5.1. Relação de Masculinidade dos alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, por ilha, de 2001 a 2014, (%)	118

Gráfico 5.5.2. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, por área de educação e formação e por sexo, de 2011 a 2014	119
Gráfico 5.5.3. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, em S. Miguel, por área de educação e formação, de 2001 a 2014	121
Gráfico 5.5.4. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, na Terceira, por área de educação e formação, de 2001 a 2014	122
Gráfico 5.5.5. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, em S. Jorge, por área de educação e formação, de 2001 a 2014	123
Gráfico 5.5.6. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, no Pico, por área de educação e formação, de 2001 a 2014	123
Gráfico 5.5.7. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, no Faial, por área de educação e formação, de 2001 a 2014	124

Índice de Quadros

Quadro 1.1.1. População jovem nos Açores, por ilha, em 2011	23
Quadro 1.2.1. Evolução do número de jovens (18-34 anos) nos Açores, por sexo, de 2015 a 2021	27
Quadro 2.3.1. Importância relativa dos jovens e dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por ilha, (%)	54
Quadro 2.4.1. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores por Curso da Área das Ciências Naturais e Exatas no contexto desta grande área científica, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)	58
Quadro 2.4.2. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Curso da Área das Ciências Sociais e Humanas no contexto desta grande área científica, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)	59
Quadro 4.1.1. Ano de início da contratação dos bolsеiros na Universidade dos Açores, por grupos de idade, em cada um dos anos de 2010 a 2015.....	91
Quadro 4.1.2. Ano de início da contratação dos bolsеiros na Universidade dos Açores, por grupos de idade, entre 2010 a 2015.....	92
Quadro 4.1.3. Ano de finalização da contratação dos bolsеiros na Universidade dos Açores, por grupos de idade, nos anos de 2015 a 2019.....	93
Quadro 4.1.4. Ano de início da contratação dos bolsеiros na Universidade dos Açores, por grupos de idade, entre 2015 e 2019.....	94
Quadro 4.1.5. Tipos de bolsas na Universidade dos Açores, por grupos de idade, em 2015	95
Quadro 4.1.6. Distribuição dos bolsеiros da Universidade dos Açores, por área científica e tipo de bolsa, em 2015	96
Quadro 4.2.1. Distribuição dos bolsеiros da FRCT, por grupo de idade e sexo, em 2015	98
Quadro 4.2.2. Distribuição dos bolsеiros da FRCT, por tipo e início do contrato	99
Quadro 4.2.3. Distribuição dos bolsеiros da FRCT, por tipo de contrato e sexo	99
Quadro 4.2.4. Distribuição dos bolsеiros da FRCT, por Centro / Universidade de acolhimento	99
Quadro 4.3.1. Número de técnicos dos Centros de Interpretação, por grupo de idade, em 2015	101

Índice de Figuras

Figura 2.6.1. Medidas de discriminação (disposição das variáveis)	68
Figura 2.6.2. Mapa percetual obtido através da CatPCA	68
Figura 3.6.1. Medidas de discriminação (disposição das variáveis)	86
Figura 3.6.2. Mapa percetual	87

Enquadramento

Dando cumprimento ao solicitado pela ALRAA através do *Projeto de Resolução n.º 78/X – Estudo Analítico sobre Jovens Açorianos Qualificados*, e de alguns dos itens que nele constavam, com as reservas anteriormente explicitadas, quer no momento da contratualização, quer no Relatório Preliminar - apresenta-se agora o Relatório Definitivo do estudo elaborado pela equipa do Centro de Estudos Interdisciplinares de Ciências Sociais CICS-A/Centro de Estudos Interdisciplinares de Ciências Sociais CICS.NOVA - polo da Universidade dos Açores)¹.

O presente estudo que sofreu alterações face ao Plano Provisório inicialmente elaborado, principalmente devido a dificuldades de informação estatística, já fundamentadas de modo circunstanciado em Relatório anterior, tem como objetivo principal fazer uma caracterização da população jovem em formação nos Açores e nas restantes regiões do país, neste caso se considerarmos unicamente aquela que está inscrita nas várias instituições de ensino superior.

¹ O CICS-A é uma Unidade de Investigação da Universidade dos Açores, com regulamentos próprios desta Instituição de Ensino Superior e que, simultaneamente, integra o CICS.NOVA. enquanto polo da Universidade dos Açores, CICS.NOVA.UAC, que substitui o anterior Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores (CES-UA) parceiro da Direção Regional da Juventude no Observatório da Juventude dos Açores (OJA). Esta substituição decorre não só da criação ou alteração das unidades de investigação da Universidade dos Açores, como da integração desta unidade no CICS.NOVA, através de protocolo com a Universidade dos Açores, no concurso nacional da Fundação de Ciência e Tecnologia, (FCT) de 2013 relativamente aos centros de investigação portugueses, tendo sido aprovado com a classificação de Muito Bom.

A integração do então CES-UA no CICS.NOVA surgiu da necessidade de criar massa crítica que propicie uma melhor inserção e competitividade da investigação portuguesa no contexto internacional, sendo que este novo centro engloba unidades de investigação de várias universidades portuguesas (Universidade Nova de Lisboa; Universidade do Minho, Universidade de Évora, Instituto Politécnico de Leiria, além da Universidade dos Açores)

Para o conjunto dos jovens que exercem atividades de investigação só foi possível obter informação dos que estão inseridos em centros de investigação e ciência nos Açores, quer se atenda aos que estão enquadrados na Unidades dos Açores, como em outras Unidades de Ciência da RAA. Com efeito, foi impossível obter informação dos jovens açorianos integrados em centros de investigação em outros territórios nacionais e, mais ainda, no estrangeiro.

Neste sentido, apresenta-se, com os constrangimentos acima referidos, a análise respeitante às alíneas a), b), c), h), i) e j) do referido Projeto de Resolução, ou seja, as respeitantes ao número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário; número de jovens que desenvolvem trabalhos em unidades de investigação; respetivas áreas de estudo ou investigação; número de jovens a frequentar o ensino profissional; nível de empregabilidade pós-frequência do ensino profissional.

Apesar do enorme interesse em conhecer a população qualificada, em particular a população jovem natural ou residente nos Açores, com o objetivo de poder prever a possibilidade de aplicação das respetivas competências no desenvolvimento económico, social e cultural da Região, o objetivo é dificilmente atingível, principalmente se considerarmos a quantificação e caracterização pormenorizada de todo o universo ou mesmo de uma parte que seja significativa.

O desejável conhecimento global desta problemática pode, no entanto, ser sucessivamente melhorado e aprofundado, pois não se deve limitar a uma análise com base em informação estatística, como o resultante do projeto que nos propusemos a realizar e que a seguir se dá conta, e que poderá ser entendido como um primeiro passo deste conhecimento. Com efeito, embora não tenha sido esta a solicitação que deu origem ao presente estudo, cremos que se poderão conhecer outras vertentes e aplicar outras metodologias de trabalho, que permitam abordar algumas das questões que os dados disponíveis não possibilitam, ou até que a falta deles deixa em aberto. Estas questões respeitam fundamentalmente aos jovens que se encontram fora do arquipélago, em especial no estrangeiro, em formação ou até a exercer uma atividade profissional, como também à mobilidade, tanto no que respeita à emigração ou movimentos internos de saída, como até ao regresso. Uma vez que também não existem dados que fundamentem as migrações a nível regional, cremos que um dos caminhos poderá ser o conhecimento das motivações de saída dos Açores por parte dos jovens que estão em

formação na Universidade dos Açores, bem como as expectativas de regresso de alguns que residem no continente português e no estrangeiro. Ou seja, caracterizar os percursos escolares e profissionais dos jovens emigrados; identificar os principais fatores na origem do processo migratório e identificar os potenciais fatores associados a um provável regresso.

As dificuldades inerentes à recolha de dados estatísticos através das instituições diretamente ligadas a estes processos migratórios, já referidas, levam-nos a pensar na possibilidade de aprofundar o presente estudo com um projeto, em diferentes fases, com base na:

- Realização de um inquérito aos estudantes da Universidade dos Açores²;
- Constituição de *focus group* de estudantes do ensino superior residentes na Região sobre a temática da emigração de jovens qualificados;
- Recolha de informação através de informadores privilegiados acerca da população jovem qualificada que emigrou nos últimos cinco anos;
- Recolha de informação a partir da página do OJA acerca de jovens estudantes, trabalhadores e investigadores no estrangeiro;
- Realização de entrevistas exploratórias a jovens açorianos emigrados possuidores de diploma de ensino superior;
- Constituição de várias amostras “Bola de Neve” dos jovens açorianos que (e)migraram, nos últimos cinco anos;

A finalizar, releve-se que apesar de haver alguma informação estatística para a emigração a nível nacional, o que não acontece para os Açores, alguns dos estudos sobre os jovens qualificados e a emigração utilizam estas ou outras metodologias de análise (Gomes *et al.*, 2015; Araújo *et al.*, 2013)

² Poderemos ter como ponto de partida um inquérito realizado no ano letivo 2014-2015 aos estudantes da Universidade dos Açores sobre as saídas dos Açores (emigração e migração para outras regiões do País) e as expectativas de realização profissional, que suportaram uma comunicação de Gilberta Pavão Nunes Rocha e Derrick Mendes "Jovens Açorianos e a recente crise económica: (e)migrar é solução?" apresentada no Congresso da LSA (Lusophone Studies Association) em Junho/Julho de 2015 - Halifax, Canadá.

Introdução

A caracterização que nos propusemos elaborar pretende dar a conhecer os perfis dos jovens açorianos qualificados, mais especificamente os que estão em processo de qualificação média e superior, tendo em conta não só as variáveis base de uma descrição sociodemográfica, mas também as áreas científicas e o grau de formação em que se integram. Assim, ter-se-á um ponto de partida para uma reflexão sobre as suas potencialidades para o desenvolvimento dos Açores e a definição de Políticas Públicas para a Juventude, a Educação e até para as Migrações.

Inicia-se o presente estudo por uma apresentação da evolução mais recente da população jovem nos Açores, seguida de uma breve análise prospetiva deste grupo etário para o ano de 2021. Dadas as alterações demográficas que se fazem sentir em Portugal, em geral, e que em grande parte se estendem aos Açores, entendemos que teria todo o sentido não nos limitarmos à caracterização da situação presente, mas tentarmos também conhecer a base demográfica da juventude nos anos mais próximos, identificando, assim, as novas gerações que no futuro deverão integrar o mercado de trabalho.

Com efeito, o declínio da mortalidade, designadamente da mortalidade infantil e, principalmente, da natalidade, que na Região se inicia de forma mais evidente no princípio da década de noventa do século passado, quando esta passa a não renovar as suas gerações, não deixa de influenciar o atual volume de jovens qualificados, bem como os que nas próximas décadas poderão exercer a sua profissão na Região. Se neste trabalho este ponto não é desenvolvido, designadamente no que poderão ser o número

de jovens qualificados no contexto de todos os outros jovens no futuro próximo, permite uma melhor perceção dos potenciais qualificados e até a efetivação de Políticas Públicas, como já referimos.

A consideração da variável mobilidade, em especial da emigração, cuja intensidade aumentou significativamente nos últimos anos em Portugal, com estimativas que rondam os 300 mil indivíduos desde 2012, e que atinge pela primeira vez a população jovem qualificada do nosso país, não pode ser negligenciada, ainda que não tenhamos dados estatísticos que nos permitam conhecer a evolução desta variável nos Açores. Tal não obsta a que se procure perceber a sua importância na dinâmica da população no presente e, principalmente, no futuro.

O conceito de jovem açoriano adotado é também ele abrangente - entre os 17 e os 34 anos - não só no que respeita aos níveis etários, pois considera também a população adulta jovem, aquela que está entre os 25 e os 34 anos³, como todos aqueles que residam nos Açores, independentemente de serem naturais ou não da RAA. Com efeito, num contexto de desenvolvimento económico e social, a mobilidade é uma das características predominantes, quer se trate de nacionais de outras regiões do País, como até de imigrantes, embora estes não surjam especificados nesta investigação. Neste sentido, mantivemos o título do estudo solicitado, com o entendimento que a naturalidade pode ser ou corresponder a um sentido de pertença e permanência futura na Região, pelo que o conceito passa a abranger também aqueles que residem nos Açores. Ainda assim, sempre que possível a naturalidade, tal como a idade, será uma variável discriminante, a que se junta também o sexo, que pode propiciar também uma análise de género.

Num capítulo de enquadramento, designado População e Qualificação, far-se-á também uma breve evolução sobre a população do Ensino Básico e Secundário durante a última década, sensivelmente, bem como sobre os que neste período detêm o Ensino Superior. Neste sentido, as duas vertentes essenciais deste estudo - a população jovem e a sua

³ Sublinhe-se a diferenciação desta opção relativamente a outras classificações, em especial a demográfica, que considera Jovens todos os indivíduos com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos, sendo que aqueles que estão entre os 15 e os 64 anos, onde se integram a população deste estudo são designados de Ativos, ainda que em muitos estudos se adote a subdivisão entre Ativos (Adultos) Jovens (15-24 anos). Sabemos igualmente que em outros estudos, com objetivos distintos dos que nos propusemos realizar, o entendimento é ainda mais dilatado, considerando a população dos 18 aos 40 anos.

qualificação - encontrarão o suporte para uma análise mais específica que será posteriormente desenvolvida.

Nos capítulos seguintes, respeitantes aos jovens em formação universitária na Região e fora dela, mas sempre no País, ter-se-á em consideração a evolução recente - 2001 a 2013 ou 2014, sempre que para tal haja informação e em alguns casos o próprio ano de 2015. Além destas variáveis demográficas atender-se-á também aos vários ciclos de ensino e às áreas de educação e formação científica tal como elas estão identificadas pelo Ministério da Educação e Ensino Superior e também alguma referência aos cursos que integram estas áreas científicas.

Começar-se-á a análise mais específica pelos estudantes da Universidade dos Açores já que estes poderão ter uma maior propensão a ficarem a residir no arquipélago, em especial na sua ilha de origem. Acresce-se ainda a possibilidade de obtermos informação mais detalhada facultada por estabelecimento de Ensino Superior na RAA, com dados mais pormenorizados do que aqueles que são disponibilizados pelo Ministério da Educação e Ensino Superior⁴. Segue-se, de acordo com a informação disponível, segue-se uma análise das características dos jovens formados em outras instituições universitárias nacionais.

O mesmo não acontece quando se trata das atividades de investigação. Se nos Açores se torna relativamente fácil conhecer a situação atual⁵, já que uma grande parte é realizada no âmbito da Universidade dos Açores, já no que respeita a outras instituições portuguesas tal obrigaria a uma recolha de informação incompatível com o tempo e os recursos disponíveis para a realização deste estudo.

Por último, atender-se-á ao Ensino Profissional, o qual tem vindo a possibilitar um acréscimo na formação dos Jovens na Região, contribuindo igualmente para colmatar uma lacuna na educação de uma população que ainda hoje apresenta baixos níveis de qualificação e de sucesso escolar, mesmo entre os mais novos e que, não obstante as

⁴ No momento de finalização deste Estudo e decorrente da nova estrutura orgânica do XXI Governo da República, passou a designar-se Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES)

⁵ Releve-se que a informação disponível na Universidade dos Açores respeita unicamente aos que estão atualmente como bolseiros na instituição, situação que procuramos colmatar com outras existentes na Direção Regional de Ciência e Tecnologia e outros departamentos do Governo Regional dos Açores, como a Direção regional do Ambiente.

melhorias observadas nas últimas décadas, é, em termos comparativos, ainda bastante deficiente.

As Fontes de Informação utilizadas respeitam fundamentalmente às disponibilizadas pelo INE e pelo Eurostat no que respeita à população jovem, tanto em termos de evolução recente, como de projeções, sendo que as que têm o enfoque no ensino superior foram obtidas, fundamentalmente, através da Universidade dos Açores, do Ministério da Educação e Ensino Superior. No que respeita ao Ensino Profissional, os dados foram obtidos através da Secretaria Regional da Educação e do Observatório do Emprego e Formação Profissional dos Açores.

Inicia-se cada capítulo por uma análise univariada, seguindo-se uma análise bivariada e multivariada, com o intuito de estudar de forma pormenorizada as diversas variáveis de caracterização e também de avaliar a existência ou não de associações significativas entre pares de variáveis. Para aferir eventuais associações entre variáveis foi utilizada a análise multivariada de dados usando em especial a Análise em Componentes Principais Categórica.

1. População e Qualificação (2001-2011)

Introdução

No contexto nacional os Açores apresentam-se como a região mais jovem mas também com os mais baixos níveis de qualificação, sendo de sublinhar que o País é um dos mais envelhecidos da UE e também dos que registam os mais fracos níveis de ensino superior. Assim, ao iniciarmos um estudo sobre a qualificação da população açoriana com idades compreendidas entre os 17 e os 34 anos, que em termos demográficos corresponde ao grupo etário dos adultos mais jovens, entendemos que deve ser dado algum enquadramento mais geral sobre a sua evolução recente e até do seu quantitativo no futuro próximo, como anteriormente referimos.

Entendemos, ainda, que neste primeiro ponto deve ser dada alguma pormenorização sobre as principais características demográficas de todas as ilhas dos Açores e não só do conjunto do arquipélago, em particular no que respeita volume e à estrutura etária, uma vez que estas apresentam dinâmicas populacionais diferenciadas, como já várias vezes sublinhámos (Rocha, 1991; 2008a; 2013a). No presente estudo, esta especificação permite-nos perceber melhor algumas das questões dos pontos subsequentes, em especial quando se analisam os estudantes por naturalidade.

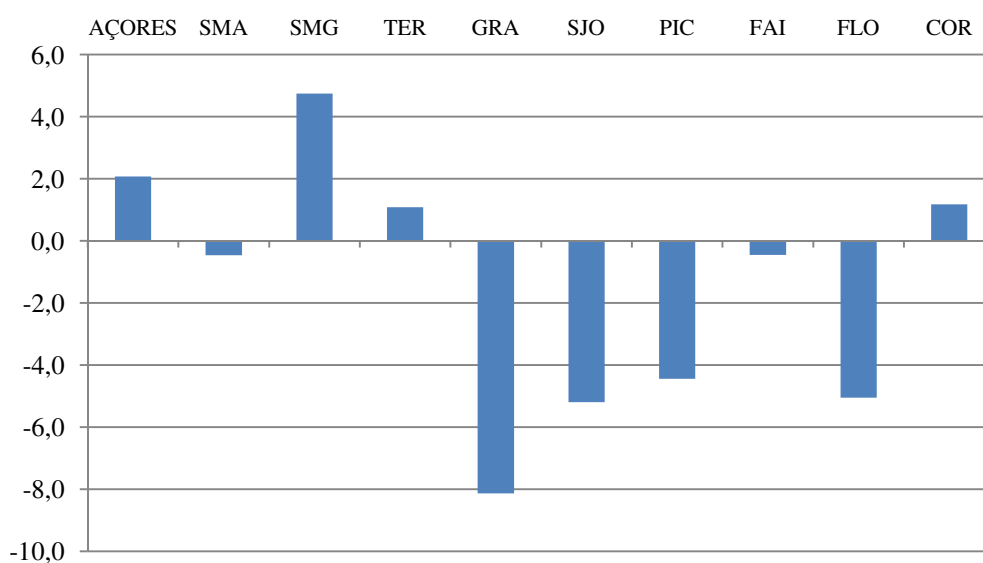
Já no que respeita à caracterização dos estudantes do Ensino Básico e Secundário, bem como do Ensino Superior, a análise centra-se unicamente na globalidade da Região. Ainda que se observe também alguma desigualdade no crescimento demográfico dos vários municípios (Rocha, 2013; Silva e Sousa, 2015) não os iremos aprofundar, embora eles possam justificar algumas das opções tomadas pelos poderes públicos e

privados em outros níveis de ensino, concretamente no Ensino Profissional. Neste sentido, no ponto dedicado a este tipo de formação encontraremos algumas diferenças de pormenorização decorrentes da sua especificidade e da existência de vários estabelecimentos de ensino na Região, cuja lógica de implantação é distinta da dos outros níveis de ensino.

1.1. Dinâmica Demográfica

Entre 2001 e 2011 a população dos Açores passa de 241 763 habitantes para 246 772, registando, assim, uma variação percentual de 2,1%. Este ritmo de crescimento positivo não é generalizado e respeita unicamente às evoluções verificadas nas ilhas de São Miguel, Terceira e Corvo, já que nas restantes 6 ilhas a tendência é de declínio. Quer os acréscimos, quer os decréscimos são também eles diferenciados entre si. No primeiro caso, é particularmente significativo em São Miguel (4,5%), seguindo-se o Corvo e Terceira com quantitativos similares, da ordem dos 1%, enquanto que no segundo caso os valores oscilam entre os -0,5% em Santa Maria e no Faial os -8,1% na Graciosa, sendo que os valores relativos às ilhas de São Jorge, Pico e Flores são também comparativamente elevados, de -5,2%, -4,4% e -5,1%, respetivamente.

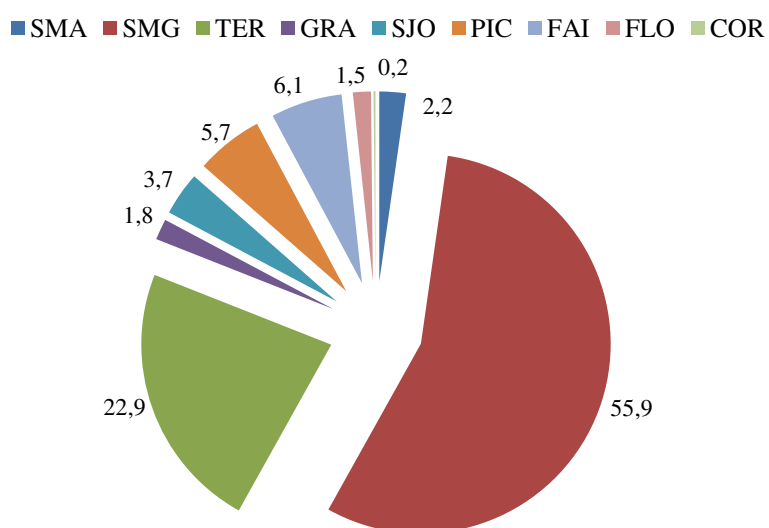
Gráfico 1.1.1. Variação percentual da população dos Açores, por ilha, entre 2001 e 2011, (%)



FONTE: INE, Censos da População 2001 e 2011

Dependente desta evolução recente, mas também de uma concentração demográfica nas ilhas de maior dimensão geográfica e mais densamente povoadas verificada desde há largas décadas, designadamente ao longo de todo o século XX (Rocha, 1991; 2008a; 2013a), constata-se que em 2011, cerca de 79% da população dos Açores reside nas ilhas de São Miguel (56%) e Terceira (23%), valores bastante distintos dos observados nas que se seguem em volume, como o Pico e o Faial, com valores da ordem dos 6%, enquanto que em São Jorge, Santa Maria, Graciosa e Flores, estes oscilam, entre os 4% e os 2%, sendo que o Corvo tem 0,2% da população total do arquipélago.

Gráfico 1.1.2. Importância relativa do volume populacional das ilhas dos Açores, em 2011, (%)



FONTE: INE, Censo da População de 2011

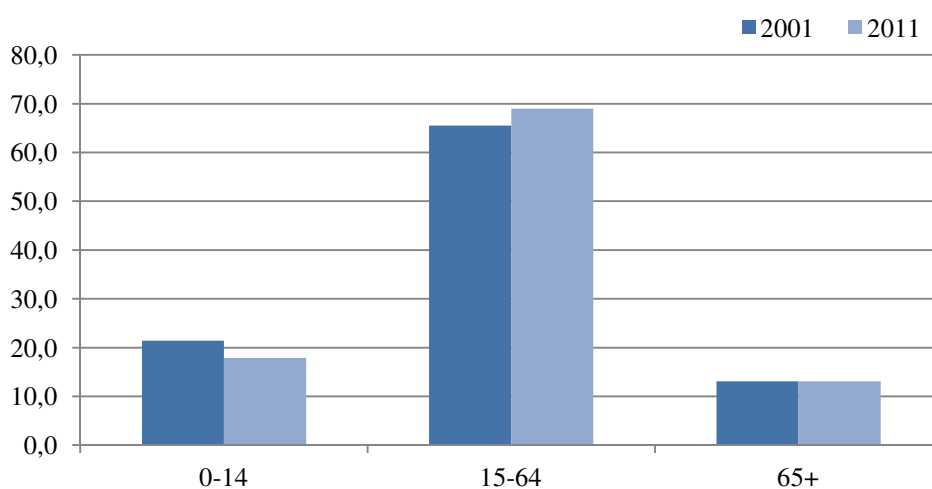
A volumes populacionais distintos - que não são unicamente consequência das diferentes áreas geográficas, mas resultando também de tendências diferenciadas não só das variáveis do movimento natural (mortalidade e natalidade), como, e principalmente, do movimento migratório, da emigração em particular - encontramos igualmente uma enorme diversidade na estrutura etária. Com efeito, apesar dos Açores serem, globalmente, a região (NUT II) mais jovem de Portugal, o mesmo não acontece com grande parte das suas ilhas.

O envelhecimento demográfico é, pois, uma realidade que já se faz sentir de forma evidente em algumas delas desde o ano censitário de 1991 (Rocha, 2008a), agravando-se em 2001 e 2011, conforme se pode constatar no gráfico anterior, ainda que este se

faça sentir unicamente na população mais jovem e não na mais idosa, fruto também do aumento observado na população em idade ativa.

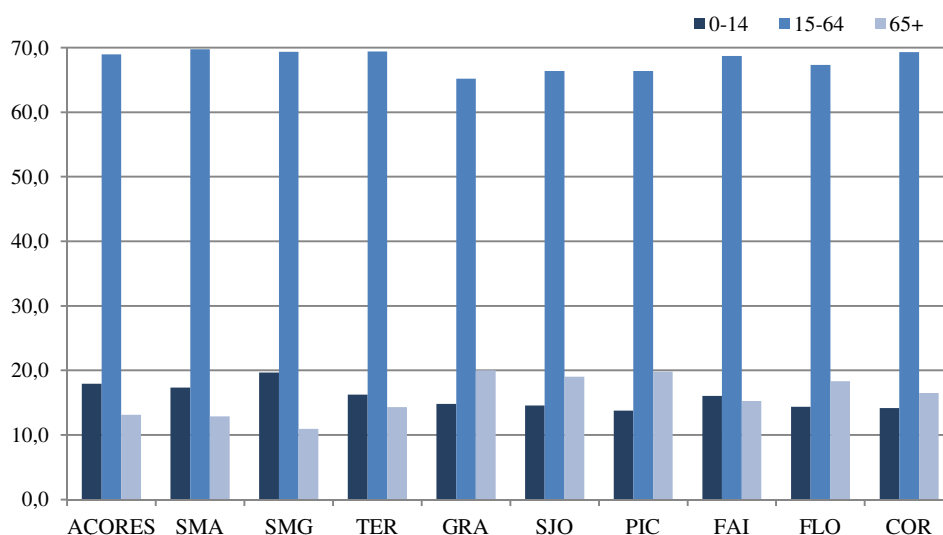
Nesta última data, a percentagem dos grupos funcionais que internacionalmente quantificam este fenómeno: Jovens (0 a 14 anos); Ativos (15 a 64 anos) e Idosos (65 e mais anos) são bastante distintas, conforme se pode observar no Gráfico 1.1.4.

Gráfico 1.1.3. Evolução da estrutura etária da população dos Açores, de 2001 para 2011, (%)



FONTE: INE, Censos da População 2001 e 2011

Gráfico 1.1.4. Estrutura etária da população das ilhas dos Açores, em 2011, (%)



FONTE: INE, Censo da População de 2011

Se na Região os valores para aqueles grupos funcionais são em 2011 de, respetivamente, 17,9%; 69% e 13,1%, podemos constatar que em algumas ilhas o valor percentual dos Idosos ultrapassa o do Jovens. É o caso da Graciosa, São Jorge, Pico, Flores e Corvo, situação bem distinta da observada nas ilhas de Santa Maria, Terceira ou Faial e, principalmente, em São Miguel, esta uma ilha com os valores superiores aos da globalidade do arquipélago. Ou seja, os Açores são uma região jovem devido à estrutura de idades da população de São Miguel e, de algum modo, de Santa Maria ou Terceira.

Esta estrutura demográfica, que identifica o fenómeno do envelhecimento em termos globais, será agora aprofundada relativamente ao grupo dos jovens em parte coincidente com a que adotámos neste estudo, ou seja, consideraremos os que têm idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos.⁶

Quadro 1.1.1. População jovem nos Açores, por ilha, em 2011

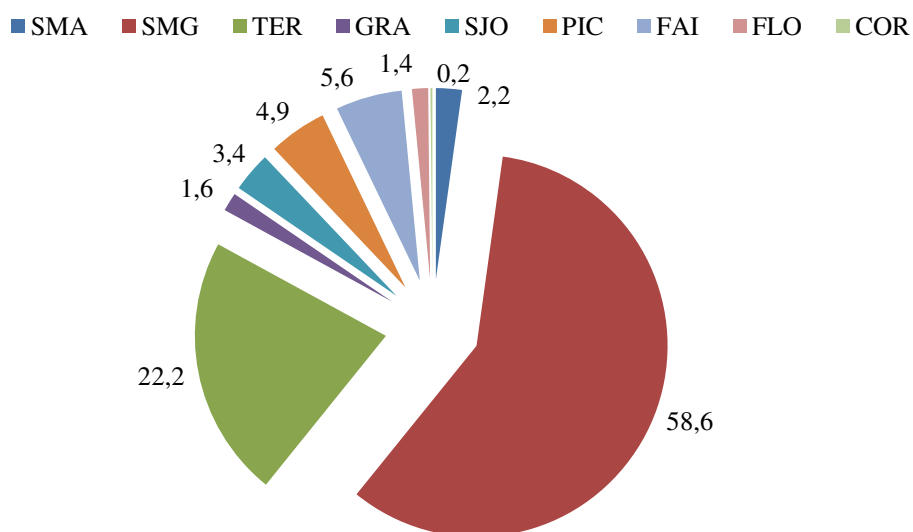
Ilhas	15-19	20-24	25-29	30-34
Açores	17.011	17.720	18.410	20.388
SMA	395	368	411	446
SMG	10.328	10.481	10.729	11.937
TER	3.627	3.976	4.180	4.368
GRA	257	282	277	330
SJO	526	586	632	694
PIC	814	918	850	1.014
FAI	843	886	1.035	1.251
FLO	202	208	261	296
COR	19	15	35	52

FONTE: INE, Censo da População de 2011

Observando os valores absolutos constantes no Quadro 1.1.1, uma primeira observação respeita à enorme disparidade entre as várias ilhas, como já tínhamos observado anteriormente, com São Miguel a registar mais de metade de todos os jovens em qualquer das categorias de idade entre os 15 e os 34 anos, sendo que nas restantes, com exceção da Terceira, o quantitativo é sempre inferior a 1000 jovens, em algumas ilhas abaixo dos 300 ou até os 100 jovens, como é o caso do Corvo.

⁶ Utilizámos as classificações dos grupos etários constantes nos recenseamentos e que são habitualmente as mais utilizadas e que não são coincidentes com as adotadas neste estudo.

Gráfico 1.1.5. Importância relativa do volume populacional dos jovens (20-34 anos) das ilhas dos Açores, em 2011, (%)



FONTE: INE, Censos da População de 2011

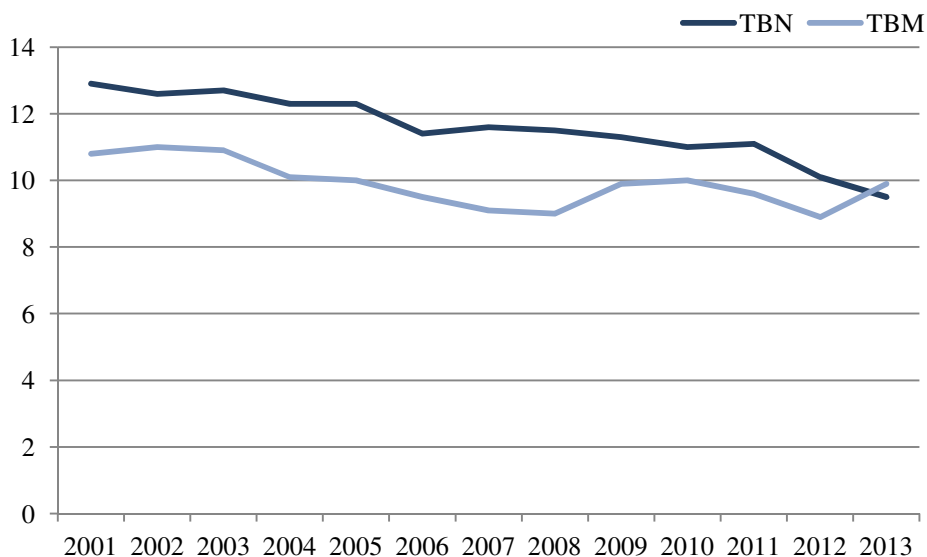
Com efeito, dos 56 518 jovens açorianos com idades compreendidas entre os 20 e os 34 anos, faixa etária que engloba a quase totalidade dos que se enquadram no conceito de juventude deste estudo, cerca de 59% residem na ilha de São Miguel, ou seja, uma concentração um pouco mais expressiva do que a verificada na população global, que apresentamos no Gráfico 1.1.2., tendo as restantes ilhas valores percentuais ligeiramente inferiores.

Será, pois, neste contexto de grande diversidade no volume de jovens nas várias ilhas que também se deverá entender algumas das diferenças que iremos analisar relativa aos que estão em formação no ensino superior e profissional, designadamente quando se atender à sua naturalidade. Assim, independentemente da opção que os jovens possam ter por uma formação académica mais qualificada, estes são em volume reduzido, mesmo para uma região de pequena dimensão demográfica, como é o caso dos Açores.

A dinâmica demográfica que ao longo de décadas justifica esta diversidade já tem sido várias vezes analisada (Rocha, 1991, 2008a, 2013a; Rocha e Ferreira, 2008, 2010) pelo que iremos agora apresentar apenas a evolução das variáveis demográficas para os anos mais recentes, que abrangem este estudo e unicamente a nível da globalidade dos Açores que, de algum modo, enquadram o ponto seguinte, respeitante ao futuro próximo. Consideraremos indicadores pouco sofisticados, mas que são os habitualmente

utilizados em caracterizações mais genéricas, como a que nos propusemos aqui realizar, mas que com as devidas cautelas de análise nos possibilitam ver as tendências demográficas da última década.

Gráfico 1.1.6. Evolução das Taxas Brutas de Natalidade (TBN) e Mortalidade (TBM) nos Açores, de 2001 a 2013



FONTE: INE, Dados Demográficos, 2014

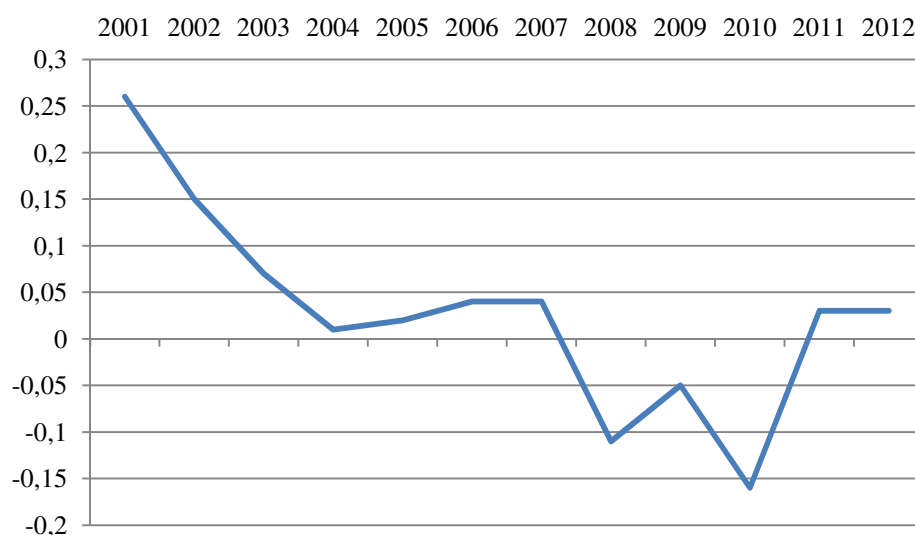
Se no início deste século as Taxas Brutas de Natalidade e Mortalidade⁷ já registam valores relativamente semelhantes entre si, entre os 11‰ e os 13‰, resultado de um longo processo de transição demográfica (Rocha, 1990; 2008a), só no ano de 2013 é que os níveis de mortalidade ultrapassam os de natalidade. Na ausência de movimentos migratórios positivos, esta tendência conduz, natural e inevitavelmente, a um declínio e a um envelhecimento acentuado da população, envelhecimento no topo mas também na base, aquele que neste momento interfere com o objeto de estudo que estamos a analisar.

Dada a dificuldade na obtenção de informação sobre os movimentos migratórios, fundamentalmente no que respeita à emigração, iremos considerar a evolução das taxas dos movimentos migratórios disponibilizadas pelo INE, que abrangem conjuntamente os dois movimentos, tanto de entrada, como de saída, ou seja, de imigração e de emigração.

⁷ São indicadores bastante influenciados pela estrutura etária e como tal não possibilitam um aprofundamento dos respetivos fenómenos fora deste contexto de envelhecimento demográfico.

Se historicamente a mobilidade nos Açores se caracteriza preponderantemente pela emigração, fenómeno que durante séculos configurou o evoluir da população açoriana (Rocha, 2008a; Rocha e Mendes, 2012), já no passado próximo, em especial no século XXI, a sua importância é bastante diminuta e coexiste com a entrada de estrangeiros, designadamente de imigrantes, que de forma um pouco mais expressiva procuram a região por motivos de ordem económica (Rocha *et al*, 2010; Rocha, 2014). Assim se compreende os valores dos anos iniciais constantes no Gráfico 1.1.7, onde apresentamos as taxas de crescimento migratório. Entre 2008 e 2010 há uma alteração no sentido das taxas que passam a ser negativas. Se nos últimos dois anos em análise (2011 e 2012) os valores são novamente positivos ainda assim ficam abaixo dos observados nos primeiros anos da década passada.

Gráfico 1.1.7. Evolução das Taxas de Crescimento Migratório nos Açores, de 2001 a 2012



FONTE: INE, Dados Demográficos, 2014

O acréscimo demográfico verificado entre 2001 e 2011, sendo que nesta última data o volume de população residente nos Açores atinge um valor superior aos observados em 1981, 1991 e 2001, pode assim não ter continuidade num futuro próximo, caso não se invertam os ritmos de declínio das variáveis do movimento natural e migratório. Em qualquer das circunstâncias o declínio da população jovem será, como tudo indica, uma realidade, aspeto que iremos aprofundar no ponto seguinte.

1.2. Análise prospetiva 2015-2021

Neste ponto iremos apresentar não um conjunto de cenários, o que normalmente acontece numa análise prospetiva⁸, na qual se identificam e discutem vários pressupostos de evolução e as suas consequência, mas tão somente as projeções efetuadas pelo Eurostat para os Açores para os anos compreendidos entre 2015 e 2021, data em que teremos um novo recenseamento da população da responsabilidade do INE. Os dados estão organizados ano a ano e idade a idade, o que nos permite analisar de forma mais pormenorizada os jovens com idades compreendidas entre os 18⁹ e os 34 anos.¹⁰

Quadro 1.2.1. Evolução do número de jovens (18-34 anos) nos Açores, por sexo, de 2015 a 2021

	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
HM	60.881	59.955	59.184	58.683	58.223	57.549	56.977
H	31.162	30.693	30.379	30.176	30.021	29.649	29.368
M	29.719	29.262	28.805	28.507	28.202	27.900	27.609

FONTE: EUROSTAT, Projeções da População, por regiões, 2013

Tendo em consideração o conjunto das idades (18-34 anos), constata-se que entre 2015 e 2021 os Açores poderão perder quase 4 000 jovens, cerca de 1 800 do sexo masculino e mais de 2 100 do sexo feminino, ou seja uma variação percentual para ambos os sexos de -6,4%, que no caso dos homens é de -5,8% e nas mulheres de -7,1%, quantitativos que consideramos relativamente elevados para um período de 6 anos.

O ritmo de declínio não é constante, sendo mais intenso nos primeiros e nos últimos anos do período em análise. Com efeito, entre 2015 e 2016 e deste ano para 2017 a

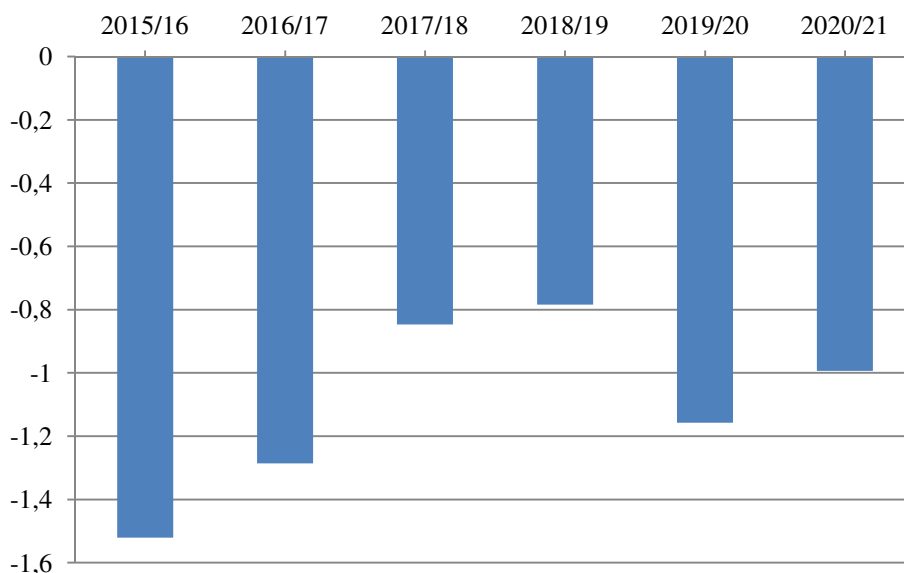
⁸ Em trabalho anterior (Rocha et al., 2012) tivemos a oportunidade de fazer uma análise prospetiva e suas consequências na educação, no emprego e nas desigualdades sociais.

⁹ Entendemos ser mais adequada a utilização dos que têm idades compreendidas entre os 18 e os 34 anos, apesar de esta não ser opção global deste estudo.

¹⁰ Em estudo anterior (Rocha et al 2012) no qual utilizámos projeções do INE, realizadas em 2004 e pelo Eurostat em 2009, tivemos a oportunidade de desenvolver o fundamental da análise prospetiva e da construção de cenários alternativos e seus pressupostos para os Açores até ao ano 2020, já que então o principal objeto de estudo se sustentava no conhecimento do futuro, o que não é a questão principal deste estudo.

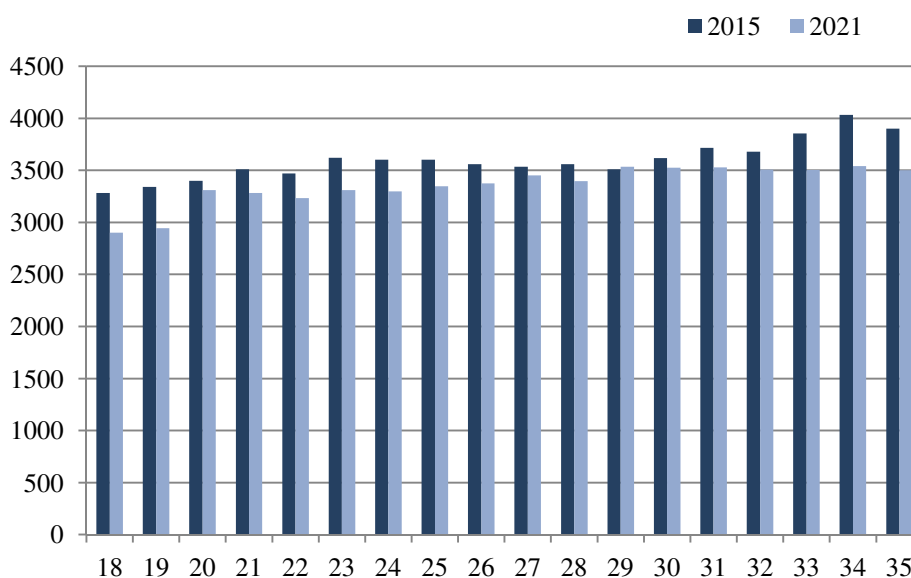
variação percentual é bastante elevada, superior a -1%, quantitativo que é retomado nos dois últimos períodos.

Gráfico 1.2.1. Variação percentual do número de jovens (18-34 anos) nos Açores, de 2015 a 2021



FONTE: EUROSTAT, Projeções da População, por regiões, 2013

Gráfico 1.2.2. Evolução do número de jovens nos Açores, idade a idade, em 2015 e 2021

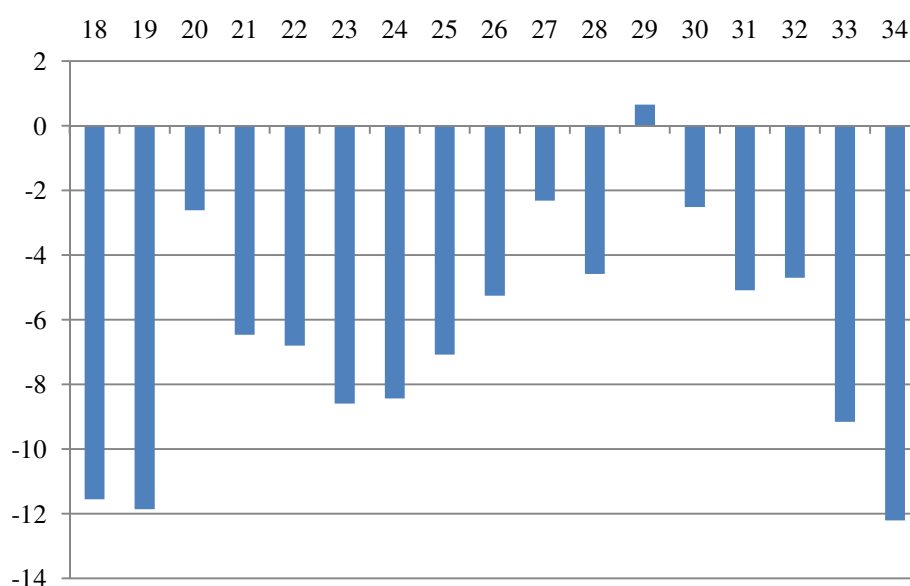


FONTE: EUROSTAT, Projeções da População, por regiões, 2013

Considerando novamente o conjunto dos anos, mas idade a idade, verifica-se um menor volume nas idades mais jovens, sendo que a variação percentual é também muito elevada e variável mesmo em idades muito próximas, o que nos pode remeter para algum enviesamento decorrente da pequenez de efetivos.

Independentemente desta questão, que não é obviamente negligenciável, o facto mais relevante é a possibilidade de vir a verificar-se um declínio acentuado da população jovem.

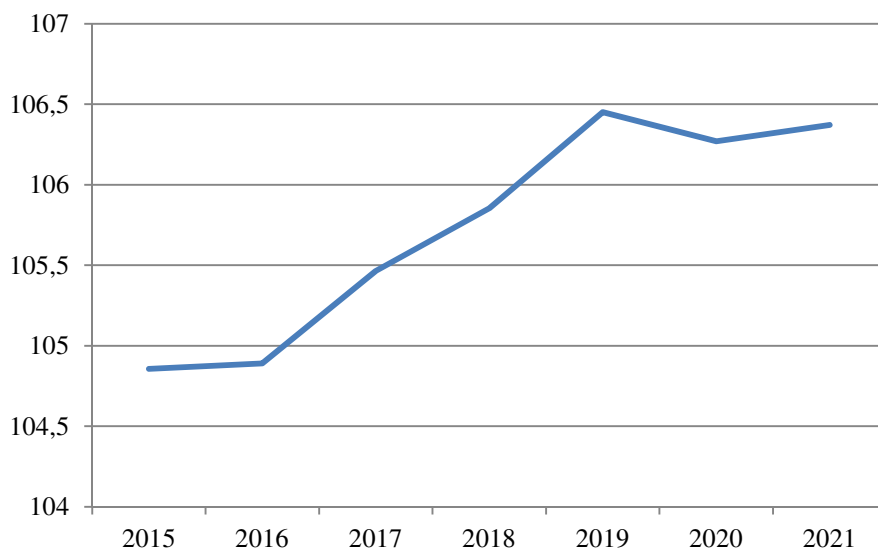
Gráfico 1.2.3. Variação percentual do número de jovens, idade a idade, nos Açores, entre 2015 e 2021



FONTE: EUROSTAT, Projeções da População, por regiões, 2013

No que respeita à distribuição da população jovem tendo em conta a variável sexo, constata-se que os valores são sempre superiores a 100, indicativos de uma superioridade numérica por parte dos homens, mas não podemos falar em desequilíbrio, uma vez que as diferenças não são muito acentuadas, oscilando, sensivelmente, entre os 104% e os 107%. Realce-se, no entanto, um acréscimo, ainda que ligeiro, ao longo do tempo, designadamente entre 2016 e 2019. Refira-se igualmente que não encontramos um padrão consistente na Relação de Masculinidade ano a ano e idade a idade, embora em alguns casos se observassem quantitativos superiores a 110%.

Gráfico 1.2.4. Relação de Masculinidade dos jovens (18-34 anos) nos Açores, entre 2015 e 2021, (%)



FONTE: EUROSTAT, Projeções da População, por regiões, 2013

Resultado de acentuado declínio da natalidade em especial desde a década de 90 do século passado, que interfere no número de jovens na nossa análise, e que nos anos mais recentes tem sido particularmente acentuada, como referimos anteriormente, não podemos também deixar de referir ainda os movimentos de saída. Dadas as atuais características da mobilidade, em que os países de acolhimento privilegiam a entrada de uma população qualificada, que se insira com facilidade no quadro de desenvolvimento económico que atualmente os caracterizam, a emigração de jovens açorianos, concomitante a uma estagnação e declínio da imigração poderá acentuar ainda mais a situação do volume da população jovem considerado nestas projeções.

1.3. Ensino Básico e Secundário (2001-2014)

O retrato da escolarização da população açoriana nas últimas décadas permite salientar, por um lado, a evolução marcadamente positiva de alguns indicadores e, por outro, o longo caminho que ainda é preciso percorrer para aproximar a região das médias europeias.

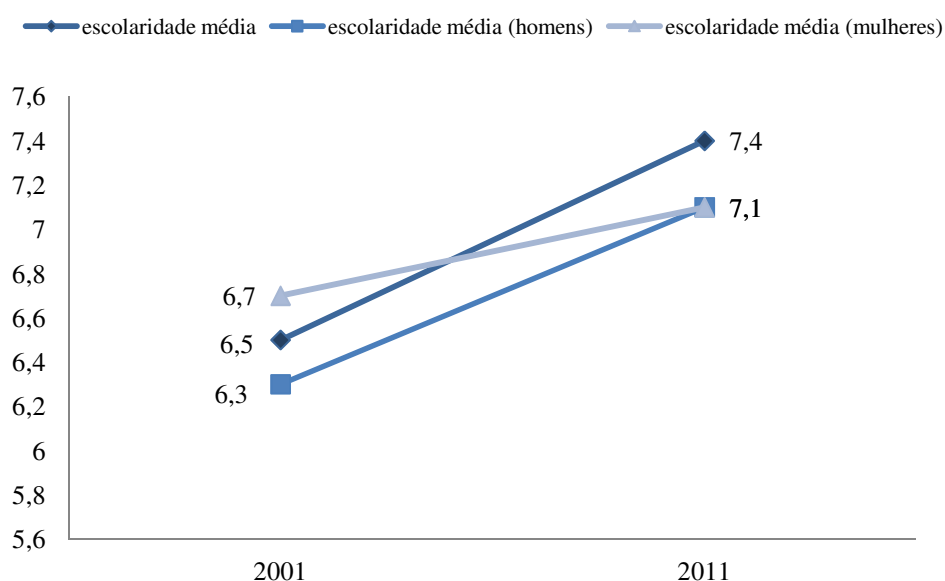
As políticas europeias e regionais para a área da educação e formação têm priorizado a construção de mais e melhores oportunidades educativas, que garantam um incremento

mais equitativo das qualificações escolares e a promoção da coesão social e da cidadania.

A duração da frequência da escola é um indicador que nos pode ajudar a perceber um dos constrangimentos estruturais do nosso país, com amplas repercussões na capacidade de desenvolvimento da sociedade e da economia.

O que os dados registam é que ao longo de uma década a escolaridade média dos açorianos aumentou cerca de 1 ano. Se em 2001 essa escolaridade se situava ao nível do 2º ciclo do ensino básico, em 2011 estava ainda muito afastada da escolaridade obrigatória de nove anos. O cenário açoriano não difere, nesta matéria, do encontrado para o território continental que, em 2001 apresentava uma média de escolaridade de 6 anos e, em 2011, 7,4 anos (CNE, 2014), aquém do registado na Noruega ou na Alemanha, que em 2010 registavam valores próximos dos 12 anos.

Gráfico 1.3.1. Escolaridade média nos Açores, segundo os anos de permanência, em 2001 e 2011

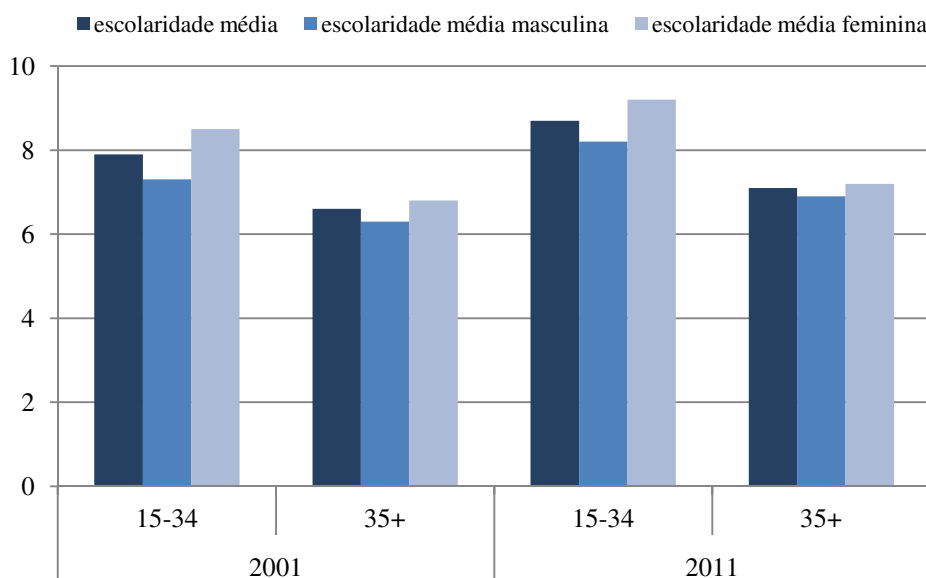


FONTE: INE, Censos da População 2001 e 2011

Em termos relativos, a formação da população masculina registou na década em análise um crescimento ligeiramente superior à da população feminina. A relativa estabilidade da média de escolaridade feminina, apesar da tendencial feminização da frequência escolar, dá conta de níveis de escolarização baixos nas mulheres das gerações mais velhas.

De facto, como podemos comprovar no gráfico que se segue, os jovens apresentam, nos dois anos em análise, uma escolaridade superior às gerações mais velhas e em 2011 as raparigas já estão na escola o tempo suficiente para cumprir a escolaridade obrigatória de 9 anos, mas ainda distantes dos 12 anos requeridos atualmente.

Gráfico 1.3.2. Escolaridade média nos Açores, por grandes grupos etários, em 2001 e 2011, segundo o número de anos de permanência



FONTE: INE, Censos da População 2001 e 2011

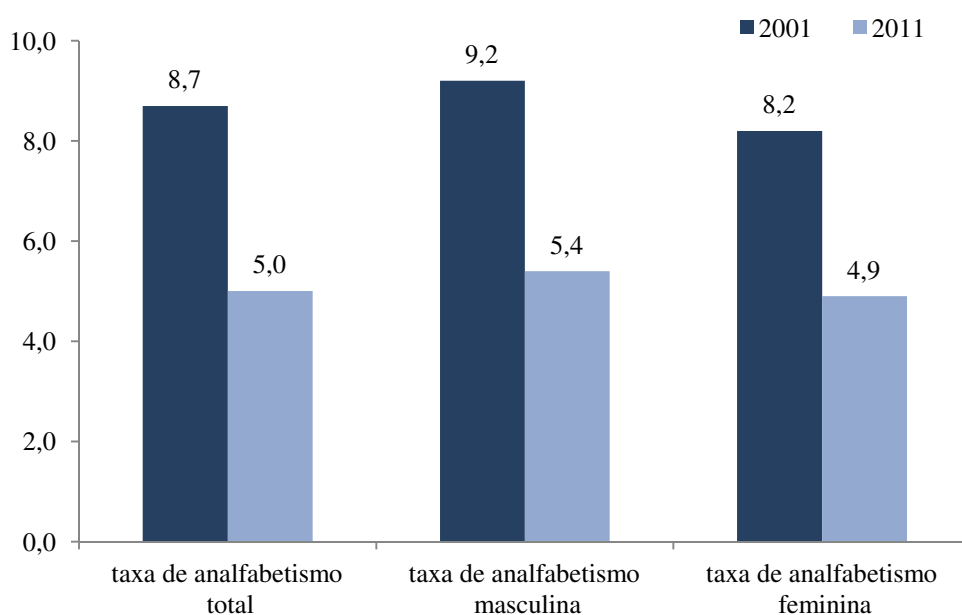
O que os dados também desvendam é que os anos médios de escolarização da população mais velha se mantêm em valores muito reduzidos ao longo da década e com oscilações insignificantes. A baixa escolaridade dos mais velhos constitui um problema que se coloca às Políticas Públicas de Educação e Formação, exigindo um franco investimento em programas e estratégias de qualificação da população adulta. A estratégia europeia para a educação e formação sinaliza esta prioridade como condição essencial para o desenvolvimento das economias baseadas no conhecimento e na inovação, mas também para a construção de sociedades mais inclusivas e cidadãos mais críticos e interventivos.

A importância do incremento das qualificações no contexto insular também se evidencia quando perspetivamos a taxa de analfabetismo, num contexto europeu em que este problema se encontra praticamente erradicado desde o início do século XX (CNE, 2014).

Na década em análise a Região conseguiu reduzir o analfabetismo em quase 4%, seguindo a tendência observada para o território continental. A disparidade entre homens e mulheres decresce ligeiramente entre os dois censos, mas mantém-se a tendência de superioridade da taxa de analfabetismo masculina em relação à feminina, com mais 3 pontos percentuais.

As limitações à democratização da educação também se manifestam quando perspetivamos o abandono precoce de educação e formação. Apesar do decréscimo significativo registado no espaço de uma década, a Região continua a figurar como um dos territórios europeus com mais dificuldades em combater a saída precoce da escola dos jovens com idade entre os 18-24 anos que concluíram apenas a escolaridade básica e não se encontram a estudar ou a receber formação.

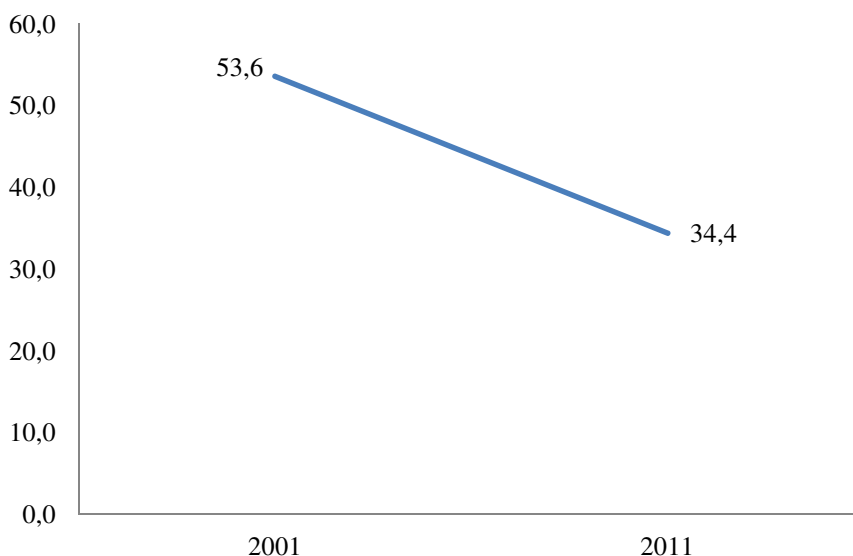
Gráfico 1.3.3. Taxa de analfabetismo nos Açores, em 2001 e 2011, (%)



FONTE: INE, Censos da População 2001 e 2011

E não são apenas as razões económicas que reclamam a redução deste problema, no contexto dos países europeus. O abandono precoce da escolaridade tem repercussões na integração social dos indivíduos, associa-se ao risco de exclusão social e de pobreza e tem impacto na integração escolar das novas gerações, podendo potenciar processos de insucesso e de abandono escolares que sustentam ciclos intergeracionais de pobreza.

Gráfico 1.3.4. Taxa de abandono precoce de educação e formação nos Açores, em 2001 e 2011, (%)



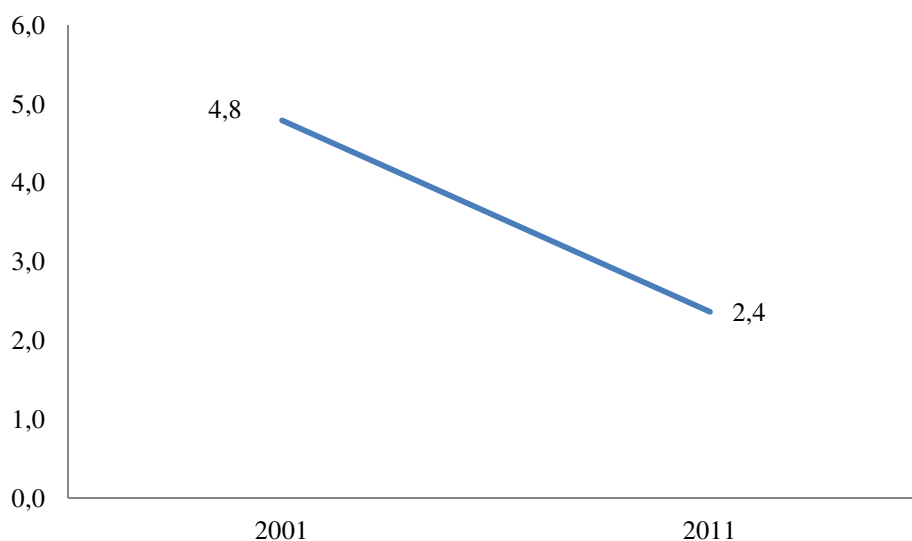
FONTE: EUROSTAT e Observatório das Desigualdades

O decréscimo significativo dos valores registados entre os censos não permite à Região, em 2011, suplantarmos o fosso que a separa do território continental - 23,2% - ou do contexto europeu – média EU-27 é de 13,5% (Observatório das Desigualdades).

O caráter multidimensional deste problema educativo tem dificultado a ponderação e exequibilidade de políticas e medidas educativas que favoreçam a sua redução e garantam que mais jovens permaneçam, durante mais tempo, na escola. A investigação sociológica tem permitido perceber que os recursos económicos e culturais familiares se correlacionam positivamente com o sucesso escolar e a prevenção do abandono, tendo aqui igualmente impacto as características das comunidades e dos contextos escolares locais (Diogo, 2008).

Num trabalho recente, realizado junto de jovens açorianos, damos conta da influência da idade no abandono escolar tem na trajetória profissional dos jovens. Alguns destes jovens, maioritariamente rapazes, abandonam a escola – na sequência de processos repetitivos de repetência escolar – antes de completarem a escolaridade obrigatória e antes da idade legal para se inserirem no mercado de trabalho, para se inserirem precocemente no mercado de trabalho em profissões desqualificadas e mal remuneradas (Palos *et al*, 2015).

Gráfico 1.3.5. Taxa de abandono escolar nos Açores, em 2001 e 2011, (%)



FONTE: INE, Censos da População 2001 e 2011

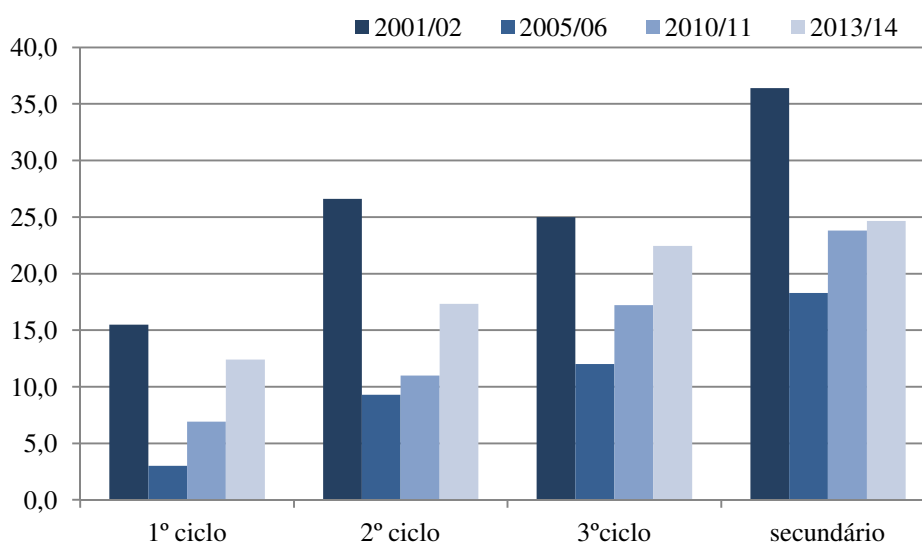
As dificuldades que os jovens experimentam de integração no universo escolar marcam os processos de abandono escolar. E aqui reportamo-nos ao abandono escolar dos jovens com idades compreendidas entre os 10 e 15 anos que abandonaram a escola sem concluir o 9º ano. Os valores censitários dão conta de um decréscimo assinalável entre 2001 e 2011, mas é um fenómeno ainda não erradicado e mantém-se mais elevado que no todo do território continental (1,7% em 2011).

Apesar dos progressos, os Açores surgem ainda entre as regiões nacionais onde o abandono é mais expressivo, particularmente nos concelhos marcadamente “rurais, em risco de desertificação, associados a bolsas de pobreza” (CNE, 2014, p. 34).

Referimos anteriormente que as dificuldades de integração dos jovens na escola podem sustentar processos de abandono escolar. Torna-se assim importantes perceber o problema do insucesso escolar junto dos jovens que frequentam o ensino básico e secundário nos Açores, utilizando como indicadores a taxa de retenção (relação entre os alunos retidos e os matriculados) e o “desfasamento etário” dos alunos que frequentam um determinado ciclo, relativamente à idade *ideal* de frequência desse mesmo ciclo.

Para aferir a incidência numérica deste problema junto das crianças e jovens açorianos seleccionámos 4 anos letivos, como podemos observar no gráfico seguinte.

Gráfico 1.3.6. Taxas de retenção no ensino básico e secundário nos Açores, nos anos de 2001/2002, 2005/2006, 2010/2011 e 2013/2014, (%)



FONTE: Direção Regional de Educação

Constatamos que no início da década partimos de uma situação desvantajosa que foi melhorando ao longo do período em análise com ligeiras oscilações. Em 2001/2002 as retenções são mais significativas no ensino secundário (36,4%), mas no ensino básico não deixam também de ser reveladoras das dificuldades que algumas crianças experienciam de integração na cultura escolar, em especial no 2º e no 3º ciclo onde cerca de um quarto das crianças não consegue atingir os objetivos mínimos.

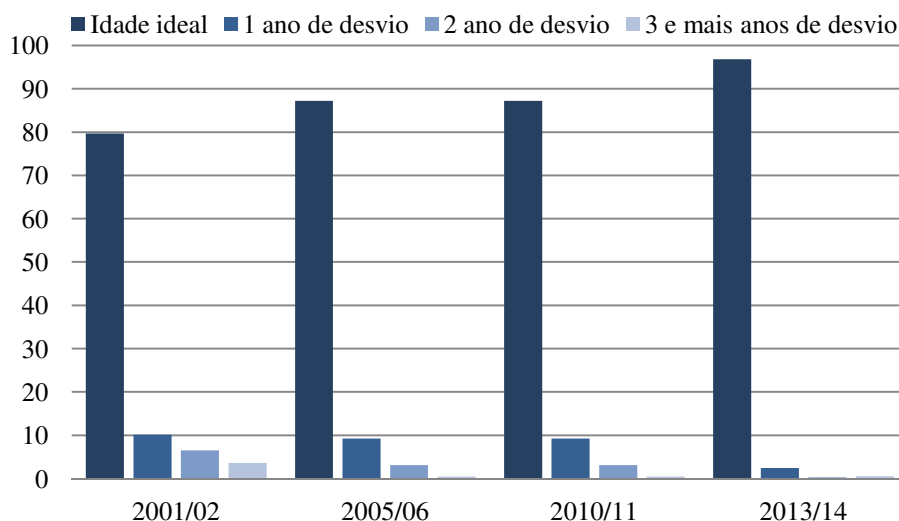
Em 2005/2006 os valores decaem muito expressivamente, mas em 2013/2014 as taxas de retenção voltam a subir em todos os ciclos do ensino básico, provavelmente na sequência da obrigatoriedade dos exames nacionais de final de ciclo a partir de 2011.

A dimensão do insucesso escolar também é revelada pelo “desvio etário” que referimos anteriormente, e que permite perceber as repetidas reprovações que podem ocorrer no percurso escolar das crianças e dos jovens.

Se tivermos em conta a evolução global nos diferentes níveis da escolaridade obrigatória de 12 anos, percebemos que, ao longo dos anos em análise, se evidencia uma tendência para a diminuição dos valores dos desvios etários, em especial nos 3 ciclos do ensino básico.

A retenção dos alunos no primeiro ciclo do ensino básico tem vindo a diminuir progressivamente ao longo dos anos em análise e em qualquer um dos anos de desvio considerados.

Gráfico 1.3.7. Alunos matriculados no 1º ciclo do ensino básico, em idade ideal de frequência e com “desvio etário”, nos Açores, (%)



FONTE: Direção Regional de Educação

No ano de 2001/2002 mais de 20% das crianças que frequentavam o 1º ciclo ficaram retidas e cerca de metade destas reincidiam na repetência. Em 2013/2014 o recurso à reprovação parece ser uma medida pontual e esporádica, sendo mais insignificante o número de crianças que apresenta 2 ou mais anos de desvio etário em relação à idade ideal de frequência.

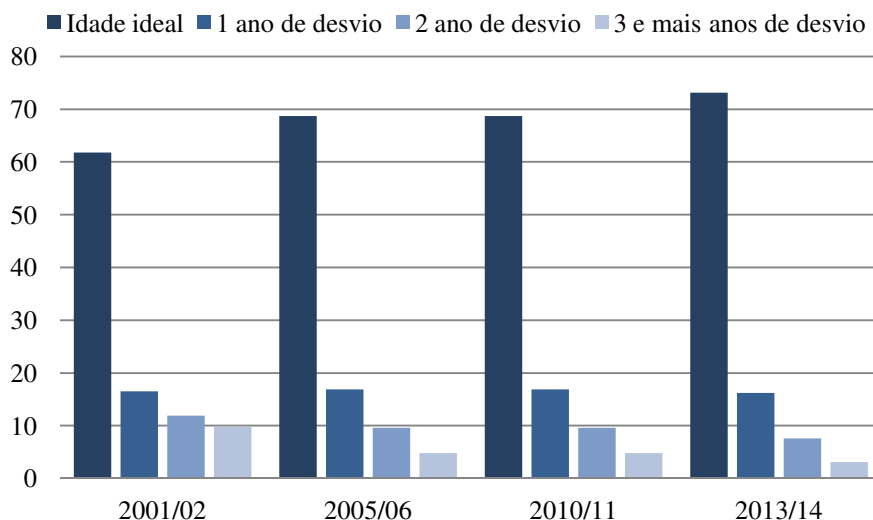
Mas na transição do 1º para o 2º ciclo aumenta muito significativamente o desvio etário de um ano e ao longo dos 4 anos letivos em análise os quantitativos deste desvio mantêm-se praticamente inalterados.

Em 2001/2002 cerca de 40% das crianças que frequentavam o 2º ciclo ficavam retidas e metade destas por mais de 2 anos, ou seja, uma em cada dez crianças fica retida dois e mais anos no 6º ano de escolaridade.

No 3º ciclo do ensino básico o número de jovens com desvio em relação à idade ideal parece decrescer, situação a que não será alheio o facto de as crianças que não obtiveram sucesso no 2º ciclo terem sido direcionadas para outras ofertas formativas de qualificação profissional, ou terem integrado programas específicos de recuperação da

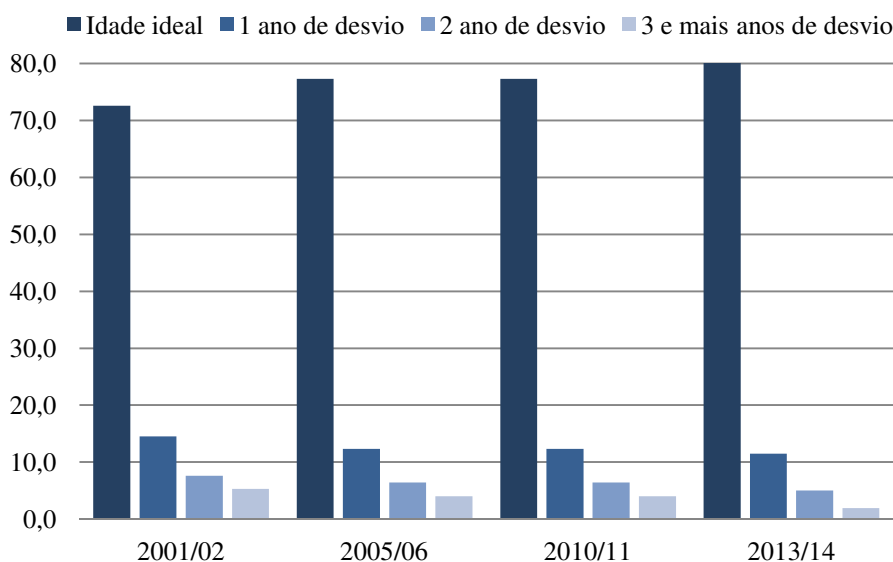
escolaridade dirigidos a crianças e jovens sujeitos a 2ª retenção – e que podem ser acionados em qualquer um dos 3 ciclos do Ensino Básico.

Gráfico 1.3.8. Alunos matriculados no 2º ciclo do ensino básico e secundário, em idade ideal de frequência e com “desvio etário”, nos Açores



FONTE: Direção Regional de Educação

Gráfico 1.3.9. Alunos matriculados no 3º ciclo do ensino básico, em idade ideal de frequência e com “desvio etário”, nos Açores



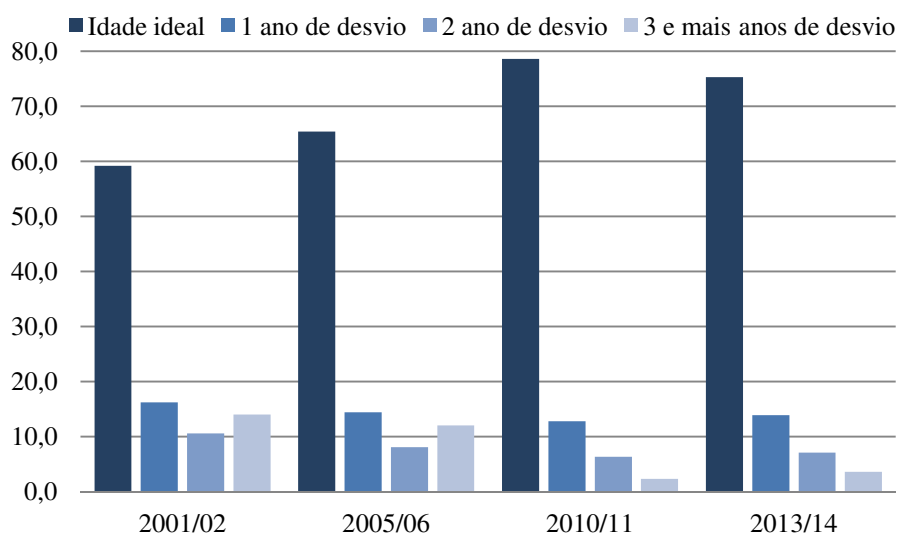
FONTE: Direção Regional de Educação

Entre 2001 e 2014 o número de jovens que falham no 3º ciclo decresce de 27,4% para 18,4%. Considerando que o insucesso escolar é um dos fatores de risco de abandono escolar, compreende-se porque é que a região, e em especial alguns concelhos, figuram,

em 2011, entre os que registam maiores taxas de abandono escolar (10-15 anos) e de abandono escolar precoce (18-24 anos) (Atlas da Educação, 2014).

Mas se na passagem do 3º ciclo para o ensino secundário existem muito jovens que abandonam a escola, os que continuam nem sempre o fazem sem dificuldades.

Gráfico 1.3.10. Alunos matriculados no ensino secundário, em idade ideal de frequência e com “desvio etário”, nos Açores



FONTE: Direção Regional de Educação

Este nível do sistema educativo é tradicionalmente mais seletivo, dada a sua função de preparação e de triagem de candidatos ao prosseguimento de estudos superiores. No entanto, ao longo dos anos letivos em análise esta seletividade foi abrandando pois, em 2001/2002, cerca de 40% dos jovens frequenta o ensino secundário com atraso escolar e em 2013/2014 este número decresce para 24,7%.

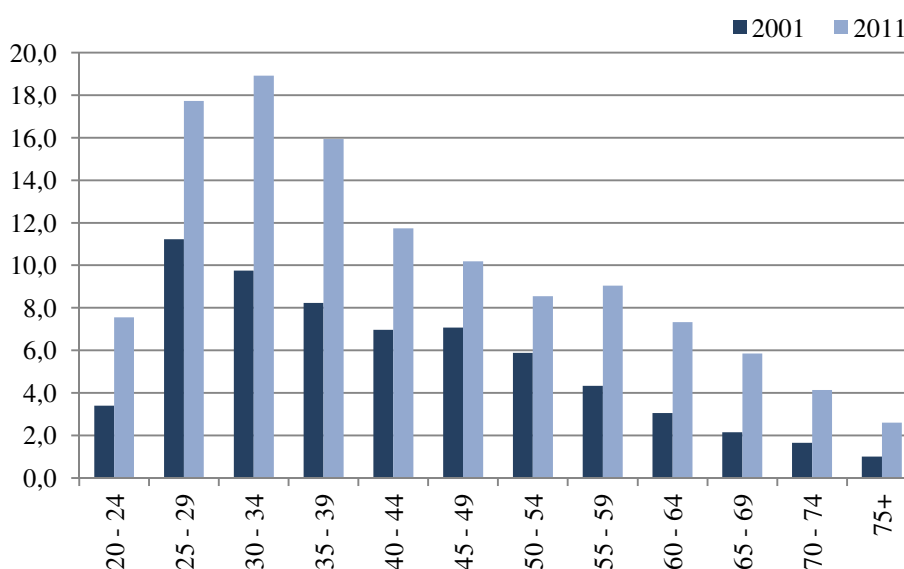
1.4. Ensino Superior (2001-2011)

Os Açores são a região do País com menores níveis de qualificação, designadamente no que respeita ao Ensino Superior, situação que contrasta com a sua maior juventude (Rocha *et al*, 2012). Sabendo-se das melhorias que têm a vindo a ocorrer em Portugal ao longo das últimas décadas - em especial nos últimos 40 anos, ou seja desde a instauração do regime democrático, da qual beneficiaram principalmente as gerações mais novas -, as regiões com menor envelhecimento demográfico deveriam ser aquelas

que apresentariam as qualificações mais elevadas, mas que tal não acontece no caso do arquipélago açoriano.

Esta visão sincrónica deve ser complementada com uma evolução observada, em especial nos últimos 10 anos, isto é, no período intercensitário 2001-2011, no qual se observam melhorias muito significativas. Com efeito, a percentagem da população com ensino superior face à população total passa de 4,2% para 8,2%, evolução que nos homens é de 3,2% para 5,9% e nas mulheres de 5,1% para 10,4%. Se considerarmos os que têm o ensino superior no conjunto da população com qualificação, ou seja com escolaridade completa, verifica-se uma melhoria global de 6% para 10,4%, sendo que no sexo masculino os valores percentuais passam de 2001 para 2011 de 4,6% para 7,5% e no feminino de 7,4% para 13,1%.

Gráfico 1.4.1. População com o Ensino Superior nos Açores, por grupos de idade, em 2001 e 2011, (%)



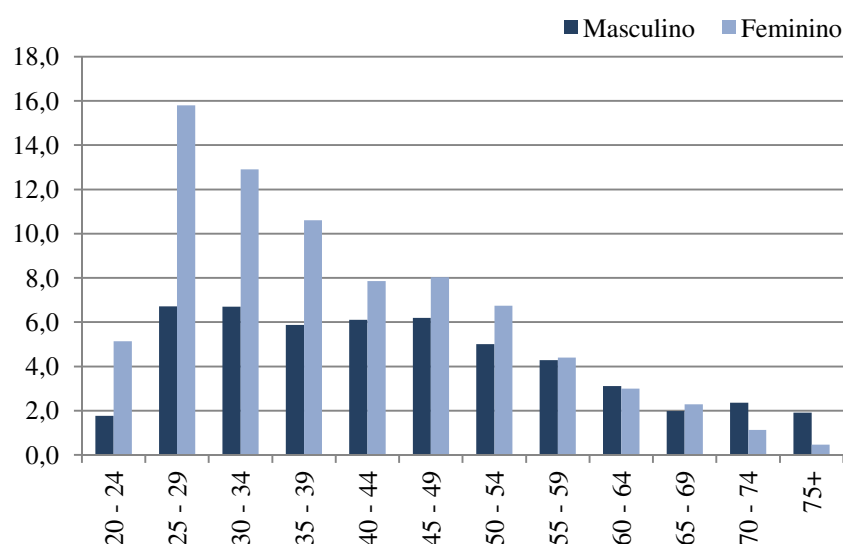
FONTE: INE, Censos da População de 2001 e 2011

Os aumentos acima assinalados são especialmente visíveis nas gerações mais jovens, mas não se limitam apenas a elas pois fazem-se sentir em todos os grupos de idade como se pode constatar no Gráfico 1.4.1. Todavia, mesmo os quantitativos mais elevados são inferiores 20% e só no grupo 30-34 anos ultrapassam em pouco os 18%. A este respeito relembre-se as metas da Agenda 2020 definidas pela UE para que a população entre os 30 e os 34 anos com ensino superior atingisse nesta data 40% do total deste grupo etário, o que parece muito difícil de acontecer nos Açores,

contrariamente às perspetivas analisadas para Portugal, como tivemos oportunidade de analisar em estudo anterior (Rocha *et al*, 2012).¹¹

Se as diferenças geracionais permitem explicar a melhoria observada na qualificação neste nível de ensino, não devemos negligenciar as desigualdades de género que são também elas significativas e com tendência a permanecerem, pois os efetivos do sexo masculino continuam a registar quantitativos significativamente mais baixos dos que os femininos, aspeto que iremos agora aprofundar analisando mais em pormenor os valores anteriormente apresentados para 2001 e 2011 e em cada um dos sexos.

Gráfico 1.4.2. População com o Ensino Superior nos Açores, por grupos de idade e sexo, em 2001, (%)

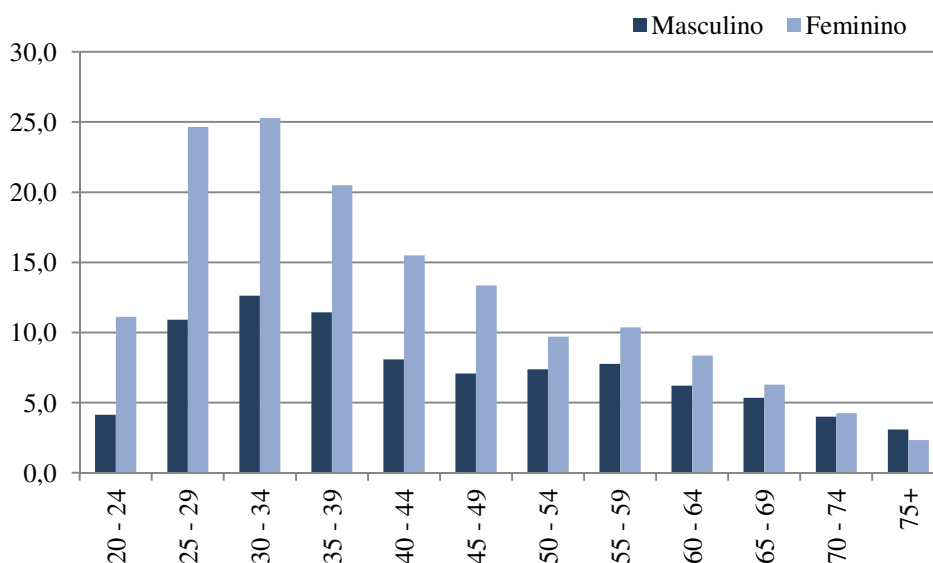


FONTE: INE, Censo da População de 2001

Um primeiro aspeto tem a ver ainda com as diferenças geracionais pois só para a população que em 2001 tinha menos de 55 anos é que as mulheres registam uma percentagem mais elevada do que os homens. Ou seja, só para as que em 1974 tinham no máximo 23 anos é que se verifica uma alteração mais positiva dos seus níveis de qualificação por comparação com os homens, embora os valores sejam bastante baixos para ambos os sexos, inferiores a 5% da população do mesmo nível etário. Na população que em 2001 tinha 65 e mais anos os efetivos do sexo masculino registam sempre valores superiores ao sexo feminino.

¹¹ Refira-se que quando da realização deste trabalho ainda não tinham sido publicados os resultados definitivos do Censo de 2011, pelo que as projeções utilizadas que tinham sido efetuadas pelo INE e pelo Eurostat não puderam ser comparadas com a os valores da base censitária por grupos de idade, apenas com os valores globais constantes nos resultados provisórios.

Gráfico 1.4.3. População com o Ensino Superior nos Açores, por grupos de idade e sexo, em 2011, (%)

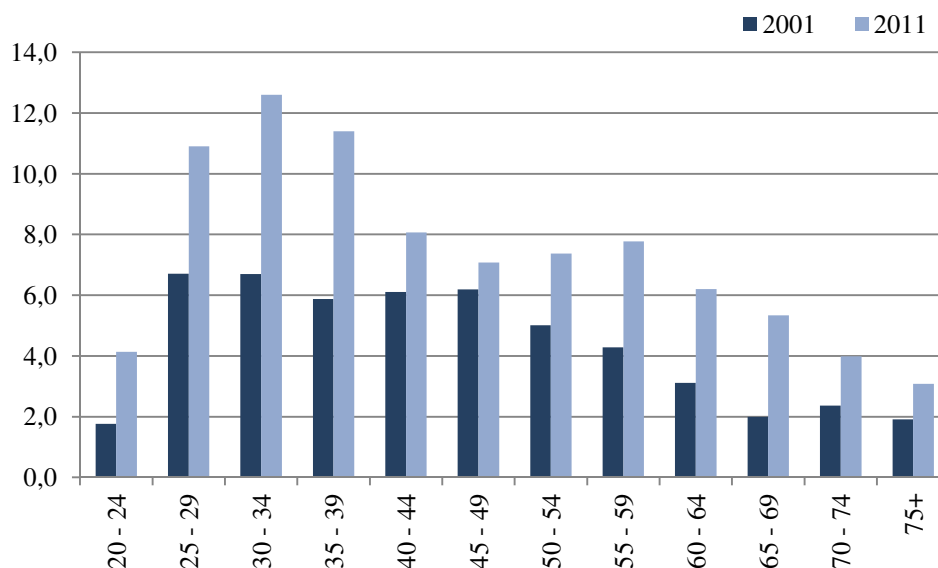


FONTE: INE, Censo da População de 2011

Um segundo aspeto tem a ver com o acentuar das diferenças nas gerações mais novas, designadamente as que estão entre os 25 e os 39 anos, sendo que as jovens registam valores percentuais que oscilam, sensivelmente, entre os 10% e os 15%, enquanto que para eles os valores rondam os 6% e 7% da população nos mesmos grupos de idade.

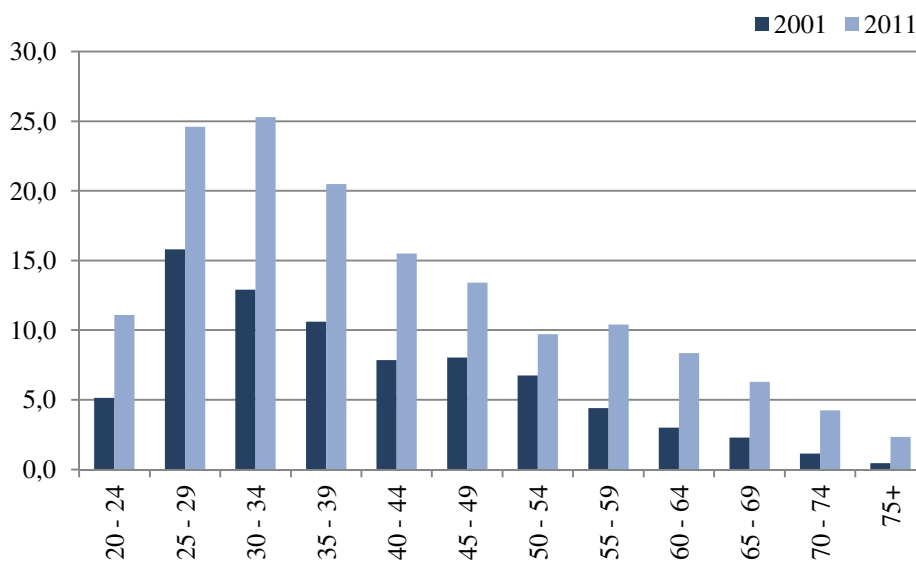
Em 2011, os quantitativos são bem mais elevados, em especial nas gerações mais jovens, como já vimos. Só na população com 75 e mais anos é que o sexo masculino regista valores superiores ao feminino, confirmando o que se verificava 10 anos antes para os que tinham então 65 e mais anos. Havendo um maior equilíbrio de género entre a população com idades compreendidas entre os 50 e os 75 anos, nos mais jovens as desigualdades mantêm-se apesar das melhorias visíveis quer nos homens, quer nas mulheres. Enquanto que elas registam valores percentuais entre os 20% e os 25% nas idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos, eles, nas mesmas idades, registam quantitativos da ordem dos 10%, com um máximo de 12,6% no grupo etário 30-34 anos. Os Gráficos 1.4.4 e 1.4.5, ainda que com a mesma informação que os anteriores, possibilitam uma leitura mais pormenorizada em cada um dos sexos, tornando mais visíveis as diferenças geracionais e os percursos universitários nos homens e nas mulheres.

Gráfico 1.4.4. População com o Ensino Superior nos Açores, do sexo masculino, por grupos de idade, em 2001 e 2011, (%)



FONTE: INE, Censos da População de 2001 e 2011

Gráfico 1.4.5. População com o Ensino Superior nos Açores, do sexo feminino, por grupos de idade, em 2001 e 2011, (%)



FONTE: INE, Censos da População de 2001 e 2011

A criação de universidades fora dos grandes centros possibilita a formação de um maior número de indivíduos que residem nas várias regiões (Rocha, 2008b), além de um conhecimento acrescido sobre a sua realidade em termos naturais, económicos, sociais ou outros, o que parece não estar a ser plenamente conseguido no caso da RAA pelo menos no que respeita a um aumento significativo na aquisição de um diploma de nível universitário.

Nota conclusiva

Em síntese, neste capítulo sublinha-se um ligeiro aumento da população global do arquipélago no período intercensitário de 2001 a 2011 que, no entanto, não se observa em todas as ilhas, dependendo fundamentalmente da evolução registada na ilha de São Miguel, ainda que o acréscimo seja também uma realidade nas ilhas Terceira e Corvo. É também a ilha micalense que sustenta o envelhecimento moderado, verificando-se em algumas das outras ilhas uma maior percentagem de Idosos (65 e mais anos) do que de Jovens (0-14 anos).

Se o aumento da população neste período encontra a sua principal justificação no declínio da mortalidade e num relativo aumento da imigração, principalmente no primeiro quinquénio do século XXI, já a natalidade regista uma diminuição acentuada que a não ser contrariada pela imigração, agravará num futuro próximo o equilíbrio demográfico da Região, em particular em algumas das suas ilhas.

O envelhecimento na base é identificado pela diminuição da população jovem e em idade ativa jovem, designadamente aquela que será objeto de análise mais detalhada neste estudo. A desigualdade no número de jovens nas várias ilhas não deixará de influenciar o volume daqueles que farão um percurso académico mais qualificado e que poderão contribuir de modo mais inovador para o desenvolvimento económico, social e cultural do arquipélago e de cada uma das suas ilhas.

Ainda que em menor número os jovens são os mais qualificados, distanciando-se de modo significativo dos níveis de instrução detidos pelas gerações mais velhas, tanto no ensino básico, como secundário ou superior. Todavia, esta mudança não é suficiente para que os Açores deixem de ser a região do País, como da UE, com mais baixas qualificações, identificada em vários indicadores, com especial relevância para o abandono escolar precoce que regista ainda valores muito elevados. Também as taxas de retenção nos ensinos básico e, principalmente, secundário são significativas, em particular no sexo masculino. É também neste caso que a graduação universitária é mais baixa, não obstante a melhoria registada entre 2001 e 2011.

Ainda que este estudo se centre nos jovens qualificados não podemos deixar de realçar o conjunto das crianças e jovens que na Região apresentam ainda baixos níveis de

instrução e frequências escolares de insucesso e abandono, que dificultarão num futuro próximo, ou mais longínquo, a sua plena integração no mundo do trabalho, em carreiras profissionais exigentes e consentâneas com os desafios sociais da contemporaneidade.

2. Jovens na Universidade dos Açores (2001/2002-2014/2015)

Introdução

Neste capítulo, pretende-se analisar a evolução dos estudantes da Universidade dos Açores com idades compreendidas entre os 17 e os 34 anos no período que compreende os anos letivos de 2001/2002 a 2014/2015. Atender-se-á, em primeiro lugar, ao número de inscrições e ao conjunto dos que se diplomaram, ou seja, aqueles que efetivamente atingiram níveis de formação universitária, para depois se considerar as variáveis demográficas idade, sexo e naturalidade, a que se acrescentam as áreas científicas e cursos, bem como o nível de graduação correspondente à sua formação.

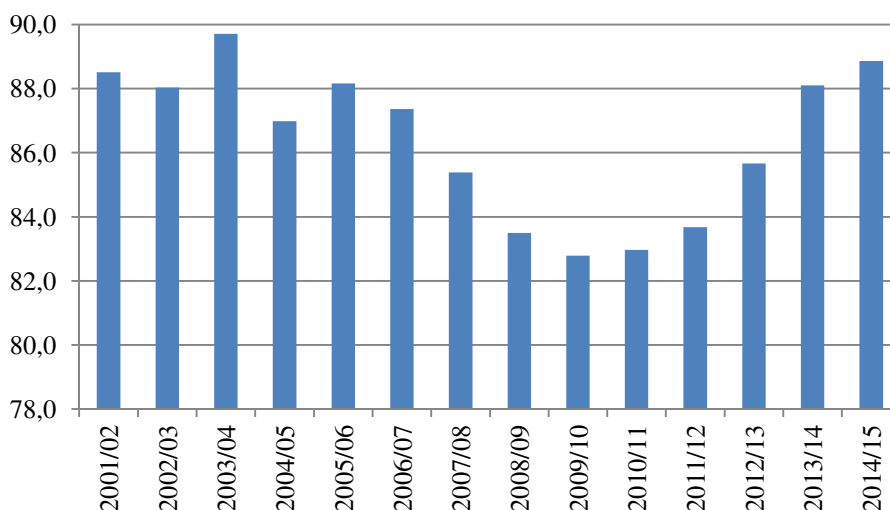
Se num primeiro ponto se faz uma análise da evolução global tendo em conta cada uma das variáveis anteriormente referidas, nos pontos seguintes estas são aprofundadas através de uma análise cruzada das diferentes características do conjunto do período, centradas na idade e sexo, procurando-se tipificar os principais perfis sociodemográficos dos estudantes da Universidade dos Açores.

2.1. Evolução Global

Nos últimos 15 anos, sensivelmente, o número de estudantes jovens inscritos na Universidade dos Açores oscilou entre um valor máximo de 3760 no ano letivo de 2010/2011 e um mínimo de 2 823 no de 2014/2015. Os jovens representam uma maioria muito significativa do conjunto dos estudantes desta instituição, com valores quase

sempre superiores a 85%, conforme é apresentado no Gráfico 2.1.1. Se entre 2008/2009 e 2011/2012 os valores são ligeiramente mais baixos, ainda assim ultrapassam os 82%. Sublinhe-se ainda o aumento da sua importância relativa verificada nos dois últimos anos letivos quando registam percentagens que quase atingem os 90%. Neste sentido, analisar os estudantes da Universidade dos Açores é, fundamentalmente, conhecer a sua população jovem, que é o objeto deste estudo, sem que tal signifique uma minimização da valorização académica por parte daqueles que ao longo da sua vida adulta procuram melhorar os seus níveis de habilitações.

Gráfico 2.1.1. Importância relativa dos jovens no conjunto dos estudantes da Universidade dos Açores, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)



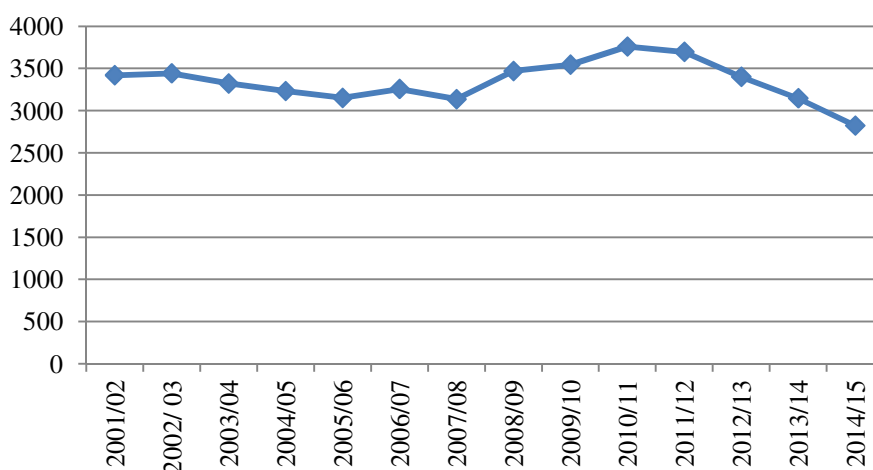
FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Observando-se no ano inicial deste estudo (2001/2002) um volume de 3.420 estudantes assiste-se nos anos letivos seguintes a um decréscimo, ainda que com algumas oscilações, não muito significativas, cuja tendência se inverte a partir do ano letivo de 2008/2009, com um aumento contínuo, ainda que de ritmo diferenciado, até 2010/2011. A partir desta última data regista-se um decréscimo significativo e relativamente constante até 2014/2015, conforme é ilustrado no Gráfico 2.1.2. Com efeito, se do ano letivo 2001/2002 para 2002/2003 a variação percentual, positiva, é bastante baixa, de 0,6%, já nos anos seguintes assiste-se a declínios, que são mais significativos, variando entre os -2,5% e os -3,7%, conforme se pode observar no Gráfico 2.1.3. É de 2007/2008 para 2008/2009 que se verifica o crescimento mais acentuado de todo o período, da ordem dos 10%. Sublinhe-se, no entanto, que no período mais recente a diminuição

atinge em alguns anos ritmos idênticos, ainda que de sentido inverso, em especial de 2013/2014 para 2014/2015 com uma variação percentual de -10,3%.

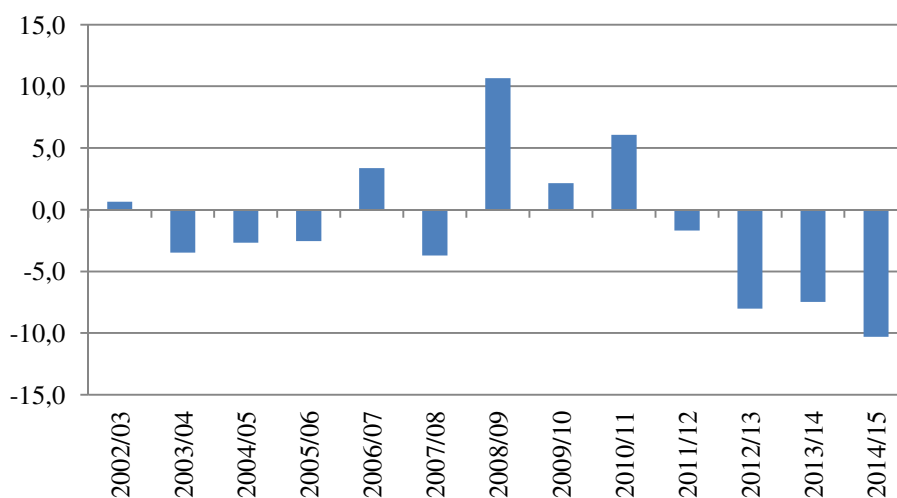
Parece-nos, assim, que além de outras razões que possam justificar a perda de alunos nos últimos anos, a crise económica e financeira nacional que se fez sentir na Região, principalmente a partir de 2011, ou seja, um pouco mais tardiamente do que no continente português, deve ser tomada em consideração na análise mais recente da tendência de declínio dos estudantes da Universidade dos Açores.

Gráfico 2.1.2. Número dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, de 2001/2002 a 2014/2015



FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

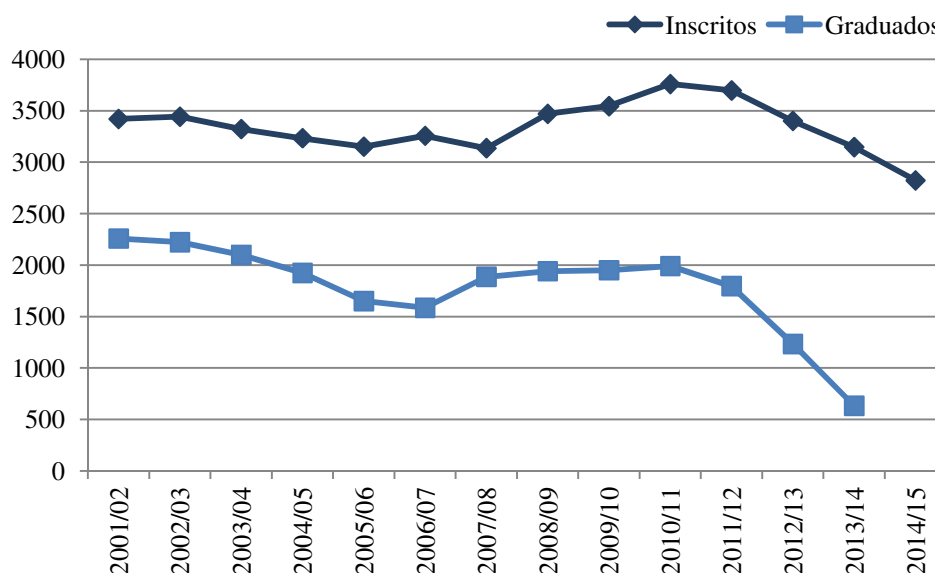
Gráfico 2.1.3. Variação percentual do número de jovens inscritos na Universidade dos Açores, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)



FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Se a evolução dos últimos anos pode estar associada a fatores de ordem externa à Universidade, já o acréscimo verificado nos anos compreendidos entre 2007 e 2011, a justificação parece estar, pelo menos em parte, na própria instituição, quer pela integração de novas Unidades Orgânicas, como as Escolas de Enfermagem nos anos de 2007 e 2008, como na criação de novos mestrados que passam a captar um maior número de estudantes, facto a que não deve ser alheia também a adaptação das licenciaturas ao designado Processo de Bolonha¹². De sublinhar, ainda, que após um ligeiro declínio ao nível das licenciaturas, que se faz sentir precisamente no ano em que aumenta o número de alunos inscritos nos mestrados, os últimos anos indicam alguma retoma, mas que regista valores ainda inferiores aos observados no início do período.

Gráfico 2.1.4. Número de jovens inscritos e graduados na Universidade dos Açores, de 2001/2002 a 2014/2015



FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Se a entrada no sistema universitário é um bom indicador para compreender a qualificação dos jovens açorianos, o fundamental, em nosso entender, respeita às suas graduações, isto é, às competências adquiridas nos vários ciclos de ensino superior, cuja informação consta do Gráfico 2.1.4. Comparando as duas curvas, cujas tendências são similares, as diferenças têm vindo acentuar-se, mesmo tendo em conta o desfasamento temporal entre as entradas e as saídas. Entre os anos letivos de 2010/2011 e 2013/2014

¹² Com o Processo de Bolonha, além de outras alterações de âmbito pedagógico, a maioria das licenciaturas passam de 4 para 3 anos de duração.

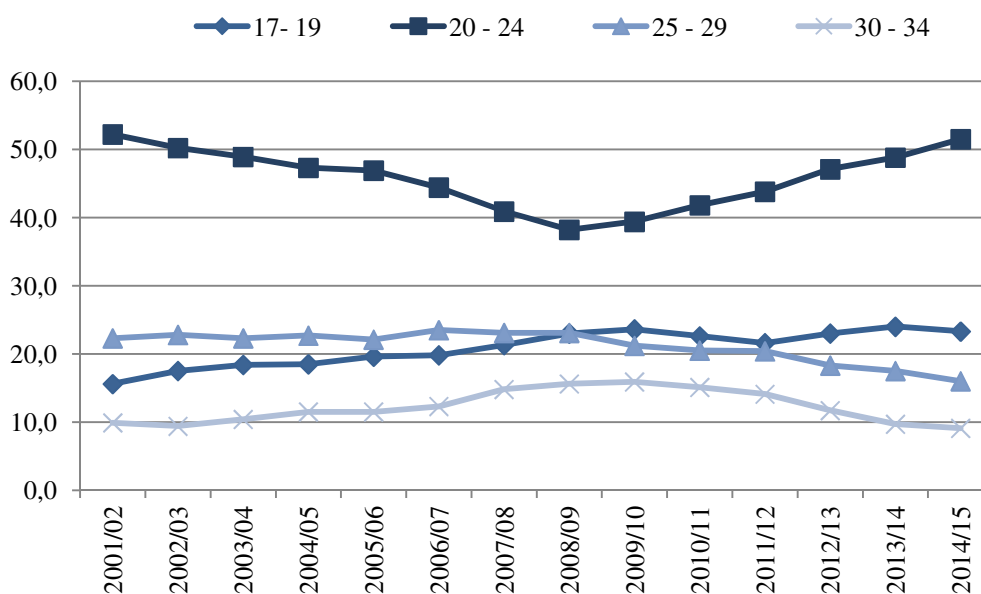
(última informação obtida para o número de graduados) aumenta a diferença entre as duas curvas que não parece poder ser explicada somente pela diminuição das entradas ou permanências no sistema.

Se a justificação estiver num insuficiente sucesso escolar, com ou sem desistência da frequência do ensino universitário, a situação de declínio nas inscrições atinge outros contornos, mais graves quando em causa está a qualificação da população açoriana, designadamente a mais jovem, com vista a recuperar a situação de desvantagem que sublinhámos no primeiro capítulo e que cremos fundamental para o desenvolvimento económico e social da RAA.

2.2. Evolução Por Idade e Sexo

Considerando as variáveis idade e sexo, constata-se que os estudantes inscritos na Universidade dos Açores, em especial os mais jovens, se inserem preponderantemente no grupo de idades entre os 20 e os 24 anos, tal como se pode constatar no Gráfico 2.2.1.

Gráfico 2.2.1. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por grupos de idade, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)

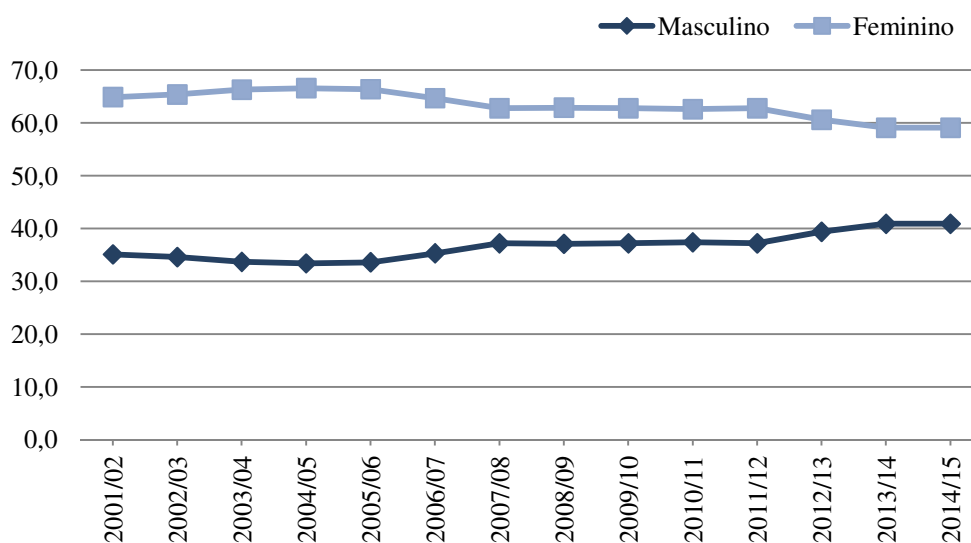


FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

No período de maior acréscimo no número de alunos, que não tem continuidade nos anos mais recentes, que são de decréscimo, como vimos no ponto anterior, assiste-se a um rejuvenescimento não só devido a um aumento deste grupo, mas também dos mais novos, ou seja dos que têm menos de 20 anos.

Já no que respeita ao sexo, a evolução é relativamente constante, com uma preponderância do sexo feminino que, todavia, se tem vindo a esbater, principalmente nos dois últimos anos letivos em estudo, isto é, em 2013/2014 e 2014/2015, como é mostrado no Gráfico 2.2.2. Com efeito, desde 2005/2006 que o número de jovens do sexo masculino tendo vindo, timida mas paulatinamente, a aumentar, parecendo querer contrariar a tendência, ainda bastante evidente, de feminização do ensino superior, uma realidade que integra os estudantes universitários a residir na RAA no contexto nacional e internacional.

Gráfico 2.2.2. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores por sexo, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)



FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

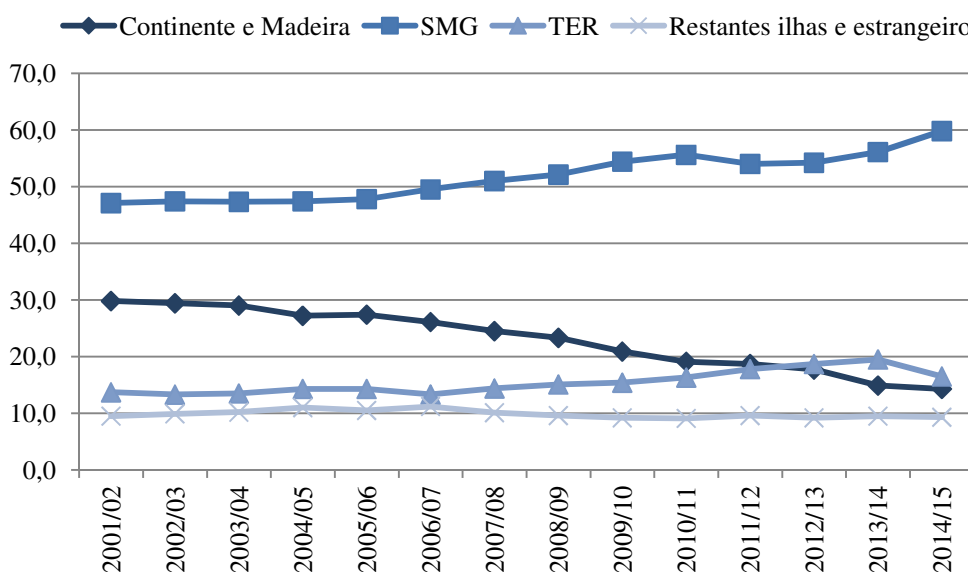
Se esta feminização pode ser, em parte, justificada pelas maiores dificuldades de entrada no mercado de trabalho por parte das mulheres, principalmente quando se trata de população com níveis de qualificação mais elevados, então podemos também pensar que a situação de desemprego mais recente, que afetou, ainda que de forma desigual, ambos os sexos, e que em determinados anos foi mais acentuada nos homens, possa ser

também um dos elementos justificativos para esta pequena alteração observada na variável sexo.

2.3. Evolução por Naturalidade

Entendemos que o conhecimento da naturalidade dos estudantes é ainda um aspeto a considerar pois não só identifica a capacidade de atração de novos alunos por parte da Universidade dos Açores, como a possibilidade de estudantes de outras regiões ou ilhas poderem optar por residir naquela em que tiraram o curso, no caso São Miguel ou Terceira, ou, ao contrário, regressar à terra de origem. Neste sentido se deve compreender as categorias constantes no Gráfico 2.3.1 no qual agrupamos conjunto das Outras Ilhas onde não há ensino universitário¹³, embora depois se siga uma análise relativa às restantes ilhas (Gráfico 2.3.2).

Gráfico 2.3.1. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores por Naturalidade, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)



FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

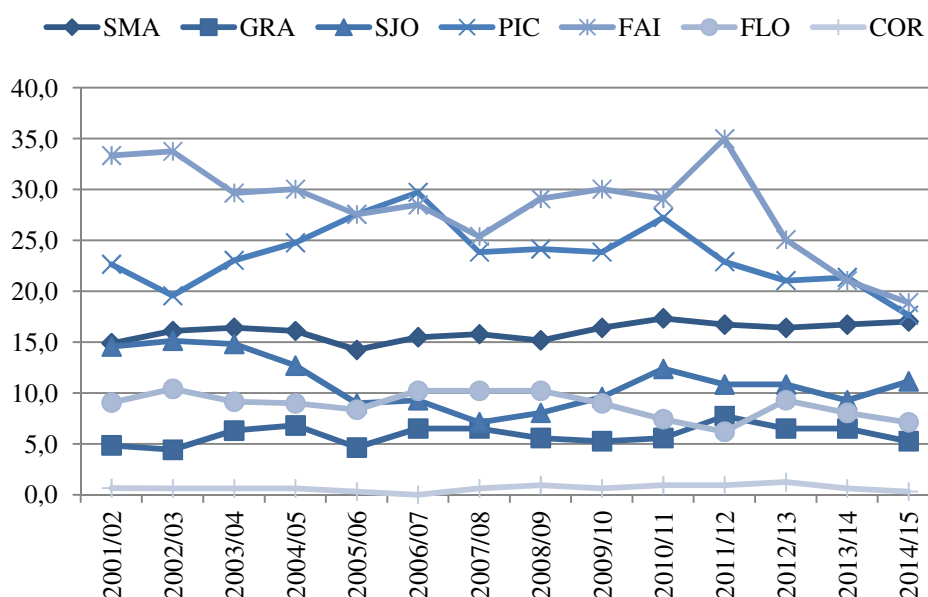
A grande maioria dos estudantes da Universidade dos Açores são naturais da ilha de São Miguel, cuja preponderância se tem vindo a acentuar nos dois últimos anos, tendência que, de algum modo, encontramos também para os da ilha Terceira, que

¹³ De referir que, apesar de existir três Polos da Universidade dos Açores (São Miguel, Terceira e Faial), na ilha do Faial não há lecionação, pelo menos de carácter regular.

nestes anos ultrapassaram os provenientes do continente português e da Madeira. Não devemos, contudo, negligenciar o maior peso relativo dos habitantes destas ilhas, bem como a sua estrutura etária, que é mais jovem, como vimos no capítulo anterior, sendo que também aqui uma das justificações pode corresponder à crise económica e financeira do País e aos custos correspondentes à deslocação e alojamento, apesar da tendência de diminuição já se verificar em anos anteriores. As "Outras Ilhas" têm valores percentuais mais baixos, ainda que relativamente constantes, da ordem dos 10% do total de alunos, enquanto que os Estrangeiros registam quantitativos residuais.

Para uma melhor compreensão desta questão, será necessário tomar em consideração as desigualdades nos volumes populacionais das várias ilhas e nas suas estruturas demográficas, principalmente no que respeita ao conjunto da população jovem, que tivemos oportunidade de analisar no primeiro capítulo. No entanto, uma primeira análise da importância relativa dos estudantes de cada ilha, permite-nos desde já ver algumas diferenças dignas de registo.

Gráfico 2.3.2. Distribuição dos jovens das ilhas de S^{ta}. Maria, Graciosa, S. Jorge, Faial, Flores e Corvo inscritos na Universidade dos Açores, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)



FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

O Faial e o Pico são as ilhas de maior dimensão a seguir a São Miguel e Terceira e têm uma população de volume idêntico, da ordem dos 15 000 habitantes, embora a primeira

tenha uma população mais jovem. Não admira assim que sejam também as ilhas com maior preponderância de estudantes a frequentar a Universidade dos Açores. Não encontramos, porém, esta relação entre o número de habitantes e os estudantes inscritos na Universidade dos Açores ao compararmos as evoluções observadas entre Santa Maria e São Jorge ou entre Santa Maria e a Graciosa. Mesmo considerando que a primeira tem uma população bastante mais jovem do que as outras duas, o facto é que tem um volume demográfico pouco superior ao da Graciosa e que é cerca de metade do da ilha de São Jorge. Algo de semelhante acontece com os das Flores, já que em alguns anos o número de estudantes ultrapassa os de São Jorge que tem mais do dobro de habitantes.

Quadro 2.3.1. Importância relativa dos jovens e dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por ilha, (%)

Ilhas	Jovens (UAc)	Jovens (Ilha)¹⁴
SMA	2,1	2,2
SMG	67,7	59,1
TER	20,2	22,0
GRA	0,8	1,6
SJO	1,4	3,3
PIC	3	4,9
FAI	3,6	5,5
FLO	1,1	1,3
COR	0,1	2,2

FONTE: INE, Censos 2011; Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Considerando de modo mais específico o valor percentual de jovens de cada uma destas ilhas no conjunto do arquipélago e o seu peso relativo na Universidade dos Açores, verifica-se, todavia, uma situação nem sempre idêntica à anteriormente referida. Com efeito, tendo em conta a média das percentagens dos alunos jovens que estão em formação na Universidade dos Açores naturais de cada uma das ilhas na globalidade dos anos em análise e comparando com as que decorrem da população jovem no censo de 2011, constata-se, a partir do Quadro 2.3.1., que apenas São Miguel apresenta um valor

¹⁴ Segundo o censo de 2011, os jovens dos 15 aos 34 anos.

mais elevado de jovens na Universidade dos Açores do que o peso que os respetivos jovens têm nesta ilha.

Pelos dados anteriores parece não se confirmar a possibilidade dos jovens das outras duas ilhas, onde existem os polos da Universidade dos Açores, a Terceira e o Faial principalmente a primeira, frequentarem mais do que os das restantes o ensino superior, pelo menos na Região.

2.4. Evolução por Área Científica

A escolha por uma área científica, e mais especificamente de um curso, depende de vários fatores, quer os de ordem externa, individual e societal, como interna, neste caso decorrente da oferta da instituição universitária. Neste sentido, não podem ser negligenciados fatores explicativos que vão, no primeiro caso, depender das motivações e inclinações dos estudantes, com influência muitas vezes determinante dos professores do ensino secundário, como da facilidade, ou apenas a sua perceção, de entrada no mercado de trabalho e das condições de progressão profissional, enquadradas em contextos sociais particulares. Por outro lado, no que respeita à Universidade, a criação de novos cursos não é alheia à formação e consolidação do seu corpo docente¹⁵. Com efeito, o contexto histórico de criação da Universidade dos Açores (Rocha e Lalanda, 2007), acrescido da impossibilidade de entrada de novos docentes ao longo da última década - sendo que as dificuldades de renovação já se fazem sentir em anos anteriores, pelo menos desde o início do período em análise - 2001/2002, determinam a inexistência de algumas formações ou a mitigação de outras, sendo que alguns cursos só existem em parcerias com outras universidades portuguesas, cabendo à instituição açoriana apenas a lecionação dos primeiros anos das licenciaturas¹⁶.

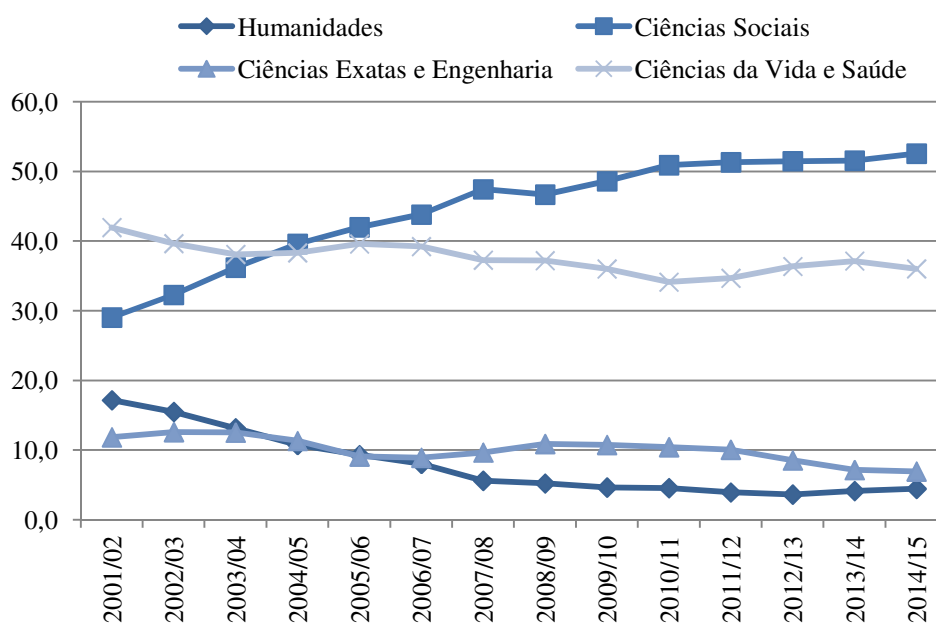
O Gráfico 2.4.1. deve, pois, ser lido tendo em conta as duas condicionantes que acabámos de referir, sendo claro que são dominantes as áreas das Ciências Sociais e as das Ciências da Vida e da Saúde, em detrimento das Humanidades e das Ciências Exatas e Engenharias.

¹⁵ De referir algumas alterações nos cursos ao longo deste período, com a criação de novas licenciaturas nos anos iniciais deste período, em especial nas Ciências Sociais e Humanidades.

¹⁶ É o caso dos cursos de Medicina, Ciências de Engenharia e Arquitetura em S. Miguel.

Tal como acima referimos, se a escolha por uma área científica depende da oferta letiva da instituição, não podemos deixar de referir que em alguns cursos inseridos nas Ciências Exatas e Engenharias a Universidade dos Açores lecciona apenas os primeiros anos da licenciatura, sendo os estudos neste nível de ensino finalizado em outras instituições nacionais, o que não pode deixar de se refletir no número de estudantes que frequentam estes cursos. Ainda assim por perceber se serão suficientemente apelativos para os estudantes.

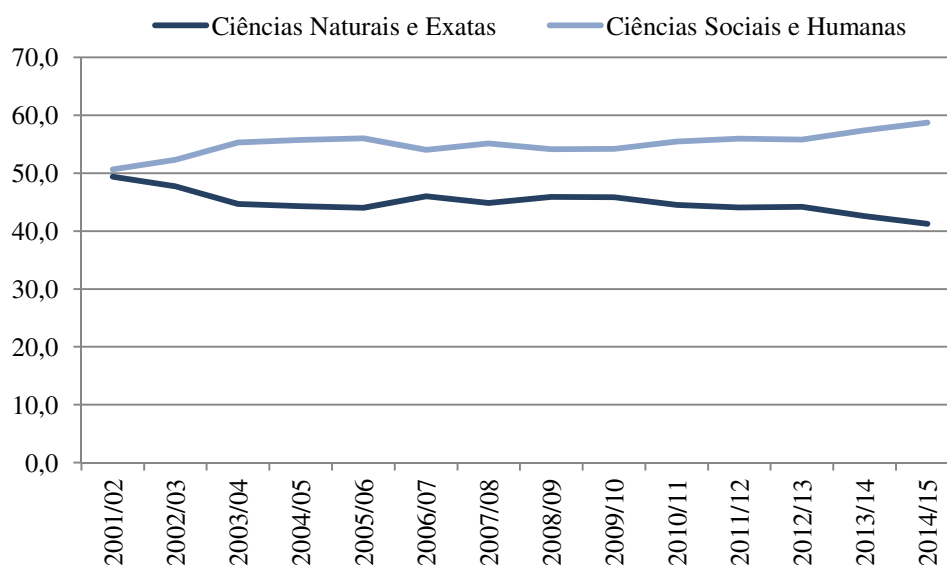
Gráfico 2.4.1. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Área Científica, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)



FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Será interessante perceber de modo mais específico as preferências dos estudantes e a oferta letiva da Universidade dos Açores no contexto das duas áreas científicas que tradicionalmente configuravam a estrutura universitária portuguesa, e internacional, tendo em conta, por um lado, as Ciências Naturais e Exatas e, por outro, as Ciências Sociais e as Humanidades, mesmo que elas entre si comportem diferenças significativas ou abarquem cursos que anteriormente estavam fora do contexto universitário como o Ensino Básico, a Enfermagem ou o Serviço Social.

Gráfico 2.4.2. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por grandes áreas científicas, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)



FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Existindo uma distribuição equitativa no princípio deste século, no ano letivo de 2001/2002, a evolução altera-se logo no ano seguinte, com um declínio acentuado das Ciências Exatas e Naturais e conseqüente aumento das Ciências Sociais e Humanas, tendência que não obstante algumas pequenas mudanças se mantém até ao ano letivo de 2014/2015.

Independentemente de outras razões que possam justificar estas tendências, devemos sublinhar que há cerca de 15 anos a maioria dos estudantes da Universidade dos Açores frequentam cursos nas áreas das Ciências Sociais e Humanas. Se é verdade que se assitiu a abertura de novos cursos, alguns destes surgiram na sequência de outros que entretanto tinham encerrado.

Se considerarmos os vários cursos de licenciatura mais representativos ao longo de todo o período considerado - com um peso relativo a variar entre os 46,8% e os 63,7%, no conjunto de todos os cursos (licenciatura, mestrado e doutoramento) da Universidade dos Açores no período de 2001/2002 a 2014/2015 - destacam-se de imediato os de Enfermagem e Gestão, principalmente este último cuja importância relativa tem uma

tendência crescente nos últimos anos letivos¹⁷. Sublinhe-se, ainda, o do Ensino Básico que tem igualmente um acréscimo no período mais recente, ainda que não especificamente nos últimos anos letivos. Apesar de terem uma importância relativa bastante inferior no que respeita ao número de alunos, destacam-se ainda as licenciaturas em Serviço Social e Relações Públicas e Comunicação.

Para uma melhor perceção da evolução destes cursos, apresentamos em seguida o peso de cada no conjunto das grandes áreas científicas anteriormente referidas.

Quadro 2.4.1. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores por Curso da Área das Ciências Naturais e Exatas no contexto desta grande área científica, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)

	Biologia	Enfermagem	Eng. Zootécnica e C. Agrárias	Eng. Civil e Mecânica	Informática
2001/02	37,8	30,3	19,0	7,9	5,0
2002/03	31,2	42,2	14,8	8,5	3,4
2003/04	24,5	50,5	12,2	9,7	3,1
2004/05	20,1	58,5	10,4	8,4	2,5
2005/06	17,6	65,7	8,3	6,5	1,8
2006/07	16,9	58,7	7,7	6,8	10,1
2007/08	15,7	60,9	7,9	7,6	15,5
2008/09	13,4	59,8	6,3	7,6	20,5
2009/10	12,1	61,0	6,1	8,9	20,7
2010/11	12,4	57,7	7,3	9,0	22,6
2011/12	12,0	54,0	6,3	9,2	18,5
2012/13	11,8	52,9	6,9	11,0	17,4
2013/14	13,3	52,9	8,6	9,7	15,4
2014/15	12,5	53,1	10,7	7,5	16,2

FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Considerando o conjunto das Ciências Naturais e Exatas destaca-se, a partir do Gráfico 2.4.4., como já anteriormente tínhamos visto, a licenciatura em Enfermagem, que apresenta um aumento muito significativo quando ainda não tinha integrado a Universidade dos Açores e que apesar de posteriormente ter diminuído ainda se mantém com o valor percentual mais elevado e com um número de alunos relativamente estabilizado, da ordem ou superior a 50%. Apesar desta diferença de enquadramento institucional, entendemos que era importante a sua referência ao longo de todo o período em estudo, não só porque hoje integra o ensino desta instituição mas também pela relevância da formação que presta.

¹⁷ Conferir Anexo VI.

Quadro 2.4.2. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Curso da Área das Ciências Sociais e Humanas no contexto desta grande área científica, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)

	Biologia	Economia	Enfermagem	Eng. Zootécnia e C. Agrárias	Ensino Básico	Gestão	História	Eng. Civil e Mecânica	Informática	Psicologia	Serviço Social	Sociologia	Comunicação Social e Cultura	R.P. e Comunicação	Estudos Europeus
2001/02	18,9	7,0	15,2	9,5	9,2	12,4	5,8	3,9	2,5	0,0	5,2	10,3	0,0	0,0	0,0
2002/03	7,5	3,7	10,1	3,5	4,4	6,2	2,3	2,0	0,8	0,6	3,1	4,4	0,0	1,9	1,2
2003/04	5,5	4,3	11,3	2,7	4,8	6,2	1,8	2,2	0,7	1,2	4,2	4,8	0,0	3,1	2,2
2004/05	7,5	8,2	21,8	3,9	8,0	11,6	1,9	3,1	0,9	2,0	7,5	8,4	1,8	8,2	5,2
2005/06	5,9	7,9	22,2	2,8	6,2	12,7	1,4	2,2	0,6	2,3	7,6	8,5	3,7	10,1	5,9
2006/07	6,1	7,0	21,1	2,8	5,2	15,7	0,8	1,0	3,6	3,3	6,6	8,4	4,7	9,1	4,7
2007/08	5,5	6,5	21,4	2,8	7,7	16,9	0,2	2,7	5,4	3,8	6,8	6,0	4,4	7,4	2,6
2008/09	4,7	5,6	21,1	3,4	8,0	16,0	0,1	2,7	7,3	5,5	6,7	4,5	4,5	7,1	2,8
2009/10	3,9	6,7	19,4	3,2	9,8	15,7	1,0	2,8	6,6	5,5	6,8	4,1	4,4	6,9	3,0
2010/11	3,8	5,4	17,7	2,2	11,0	17,3	1,3	2,8	6,9	5,5	6,9	5,1	4,5	6,5	3,1
2011/12	3,8	5,2	17,0	2,9	12,1	19,1	1,1	2,9	5,8	5,8	6,7	4,9	4,1	6,0	2,7
2012/13	4,6	4,5	17,4	3,0	11,4	19,6	0,4	3,6	5,7	6,0	6,4	4,5	4,4	5,6	2,7
2013/14	5,2	4,4	17,1	3,5	10,1	20,0	1,0	3,1	5,0	6,9	6,6	3,3	4,6	6,1	3,1
2014/15	5,1	4,1	17,7	4,1	9,3	18,3	1,8	2,5	5,4	6,6	7,1	3,4	4,8	6,8	3,2

FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Segue-se a licenciatura em Biologia que no ano inicial regista o quantitativo mais elevado para nos anos seguintes ter um declínio acentuado que só nos últimos anos se inverte ligeiramente, mas ainda com valores baixos, registando percentagens que são menos de metade das que tinha em 2001/2001. Com efeito, nesta data tinha 38% dos estudantes desta grande área científica, enquanto que em 2013/2014 e 2014/2015 este é de apenas 15%, ainda assim superior aos 11% e 12% que apresentou entre 2008/2009 e 2011/2012.

A licenciatura em Informática tem, tal como a Enfermagem, uma tendência positiva, ainda que com valores bastante inferiores. Se até 2005/2006 as percentagens de estudantes são bastante reduzidas, oscilando entre os 5% e os 2%, a partir desta data o aumento é muito relevante, atingindo no ano letivo de 2010/2011 o seu valor máximo (21%), enquanto que nos anos mais recentes tem variado entre os 18% e os 15%.

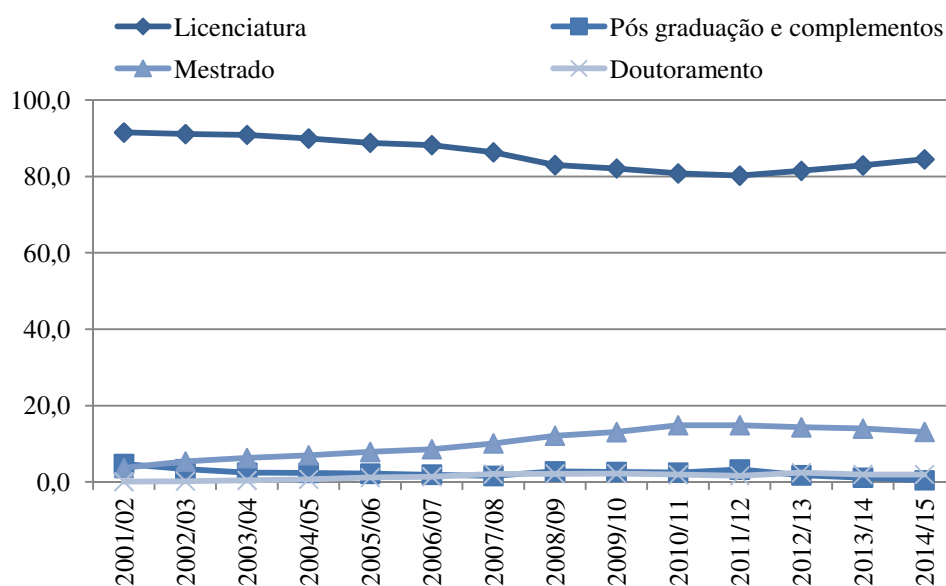
As Engenharias e as Ciências Agrárias têm uma tendência diferente, de decréscimo ou estabilização, e uma representatividade bastante inferior ao longo de todo o período.

No contexto das Ciências Sociais e Humanas destacam-se os cursos de Gestão e do Ensino Básico, como também já tivemos oportunidade de sublinhar, mas também os de Serviço Social, Relações Públicas e Comunicação e Comunicação Social e Cultural, com uma evolução distinta de outros como é o caso da licenciatura em História que ao longo de todo o período regista valores muito baixos, conforme pode ser constatado a partir do Quadro 2.4.2.

2.5. Evolução por Nível de Graduação

Independentemente das alterações decorrentes em Portugal com a implementação do Processo de Bolonha, que alterou o número de anos de frequência da grande maioria dos cursos de licenciatura de 4 para 3 anos, estes não deixam de ter a maior importância no contexto dos vários níveis de graduação do Ensino Superior. A intenção de uma formação de 5 anos, mais flexível do que as licenciaturas de há algumas décadas atrás, de 5 anos, formada por 2 ciclos - licenciatura (3 anos) e mestrado (2 anos), não tem tido, em nosso entender, os efeitos previstos nos estudantes que frequentam a Universidade dos Açores, já que uma parte muito significativa dos alunos fica pelo 1º ciclo.

Gráfico 2.5.1. Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por nível de graduação, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)



FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

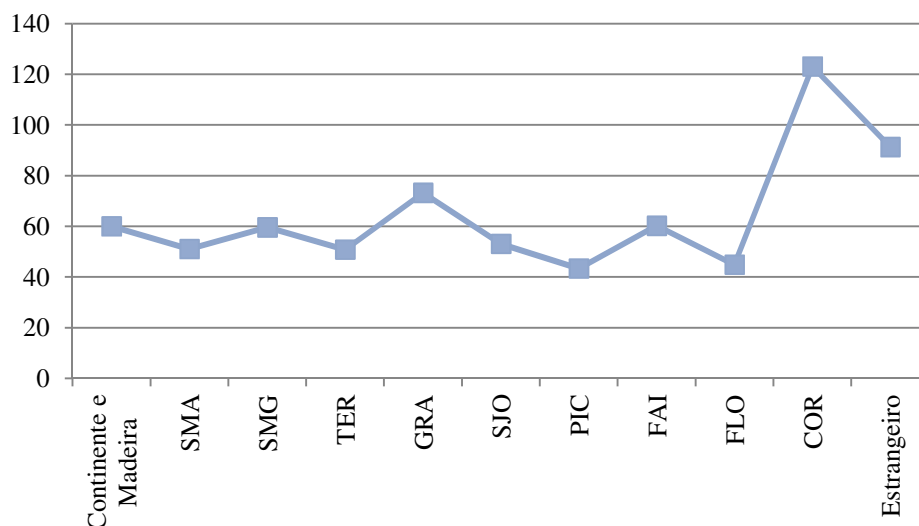
Se esta pode ser uma realidade generalizada a todas as universidades portuguesas, é bem visível na Universidade dos Açores, não obstante o aumento verificado na inscrição em mestrados ao longo dos últimos 15 anos (Gráfico 2.5.1.), apesar da quebra, ligeira, observada nos 3 últimos anos letivos, que pode, também ela, estar relacionada com problemas de ordem financeira.

2.6. Perfis

Iremos aprofundar um pouco mais a caracterização dos estudantes jovens da Universidade dos Açores, estabelecendo uma diferenciação dos estudantes inscritos, e em alguns casos, graduados, através de uma análise bivariada, centrada fundamentalmente no sexo e na idade, sendo que a estes associaremos outras como a naturalidade, as áreas científicas de formação e o nível de graduação. Independentemente das variações observadas em cada um dos anos, trataremos neste

ponto a informação da totalidade do período em análise, ou seja, do somatório referente aos anos 2001/2002 a 2014/2015¹⁸.

Gráfico 2.6.1. Relação de Masculinidade dos jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Naturalidade, (%)



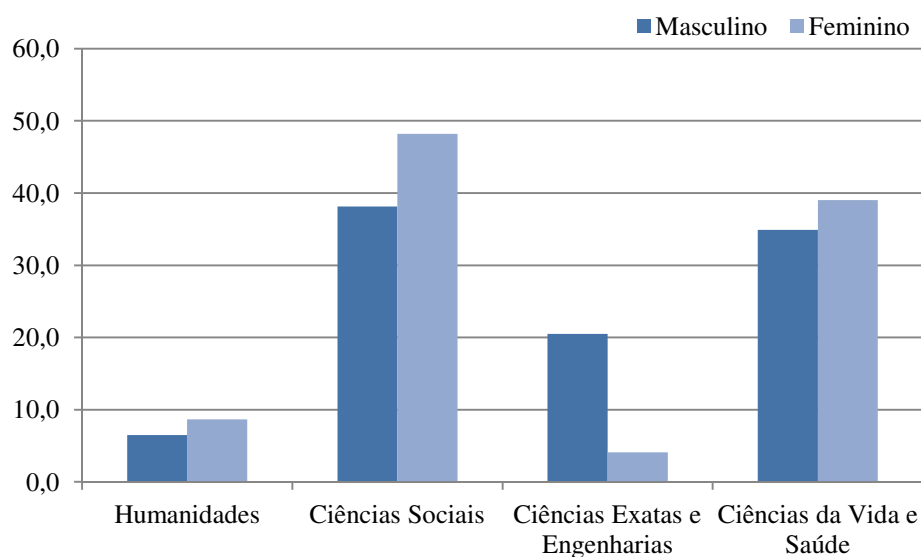
FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Como anteriormente verificámos, a maioria dos estudantes pertencem ao sexo feminino, verificando-se uma Relação de Masculinidade Global de 58%. Se atendermos às diferenças entre o número de homens e mulheres segundo a Naturalidade a única exceção respeita aos estudantes da ilha do Corvo que regista um quantitativo na Relação de Masculinidade de 123%, facto a que não será alheia a pequenez da população desta ilha açoriana, já que nos das restantes ilhas, ou mesmo do Continente e Madeira, verifica-se que os elementos do sexo masculino são sempre inferiores aos do sexo feminino. Os valores oscilam, sensivelmente entre os 40% e os 70%, excetuando o caso dos que são oriundos do estrangeiro que registam uma maior proximidade entre ambos os sexos, mas que, como anteriormente observámos, são em número bastante diminuto.

Independentemente do peso que os estudantes de cada um dos sexos tem a nível global, constata-se diferenças respeitantes às áreas científicas de formação também estas com frequências bastante desiguais.

¹⁸ Esta opção apesar de não nos permitir identificar a situação em cada um dos anos, observada nos pontos anteriores para cada uma das características, possibilita a simplificação de informação e consequente visualização e análise, bem como a minimização de flutuações por pequenez de efetivos.

Gráfico 2.6.2. Jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Sexo e Áreas Científicas, (%)

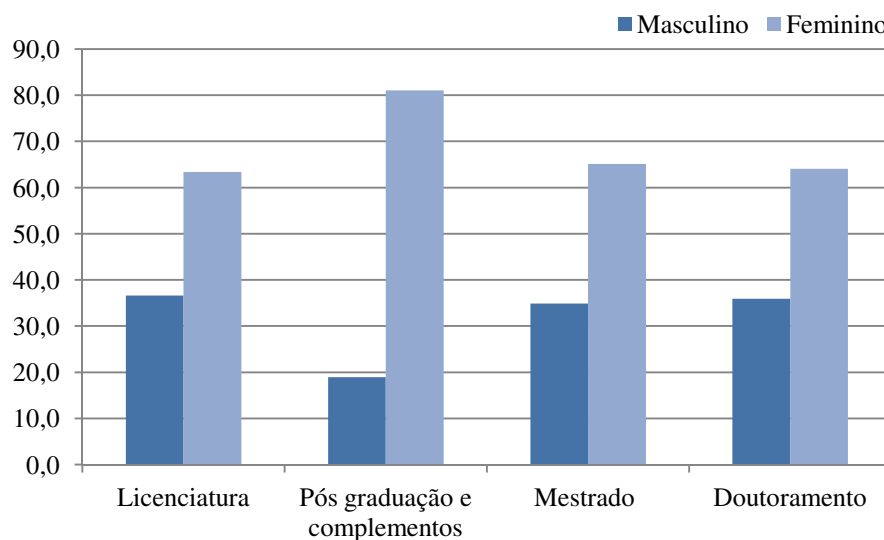


FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

As Ciências Exatas e Engenharias são a única área que surge com maior preferência por parte do sexo masculino em comparação com o feminino, já que nas restantes acontece o contrário, como é apresentado no Gráfico 2.6.2. Sublinhe-se ainda que a diferença surge mais acentuada do que a verificada nas outras áreas científicas. Englobando cursos relativamente distintos, não podemos deixar de assinalar um certo pendor tradicional nesta diferenciação de género, sendo que as engenharias foram durante décadas quase que exclusivamente uma opção masculina. Na mesma linha de diferenciação, ainda que de modo bastante mais ténue, podemos inserir a menor participação masculina nas restantes áreas científicas, quer Humanidades, esta uma área mais feminizada desde a massificação do ensino superior em Portugal, e até em épocas anteriores, como de resto acontece também em outros países. Também nas Ciências da Vida e da Saúde, na qual se verifica uma grande preponderância os alunos da licenciatura em Enfermagem, a percentagem de elementos do sexo feminino é relevante. Todavia, é nas Ciências Sociais que a diferença é mais significativa, com um peso relativo de mulheres superior aos dos homens em cerca de 10 pontos percentuais. De qualquer modo estas desigualdades surgem-nos menos evidentes em comparação com a observada nas Ciências Exatas e Engenharias, ainda que estejamos a considerar grupos que têm um diferente número de alunos.

Atendendo ao cruzamento entre o sexo e o nível de formação, sabendo-se que a grande maioria dos estudantes frequentam cursos de licenciatura, não se observam diferenças muito significativas na repartição dos vários ciclos em cada um dos sexos. Com efeito, do conjunto dos elementos do sexo masculino, a grande maioria, cerca de 87%, está inscrita na licenciatura, percentagem semelhante à verificada no conjunto do sexo feminino, no qual este nível de ensino corresponde a 85% do total dos efetivos deste sexo. De igual modo, os mestrados e doutoramentos registam valores percentuais idênticos em ambos os sexos, da ordem dos 10% no primeiro caso de 1,4% no segundo, valores que se tornam demonstrativos da importância também dada pelo sexo feminino na aquisição de formação avançada. Somente nas pós-graduações e complementos se assiste a uma diferença um pouco mais elevada do que as anteriores, sendo que no caso das jovens temos um valor de 2,4%, enquanto que no sexo masculino este se fica pelos 1,3%, situação que pensamos estar associada às características deste tipo de formação, em especial dos Complementos de Formação que correspondem a cursos na área da Educação, mais frequentados pelo sexo feminino.

Gráfico 2.6.3. Jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Sexo e Níveis de Formação, (%)



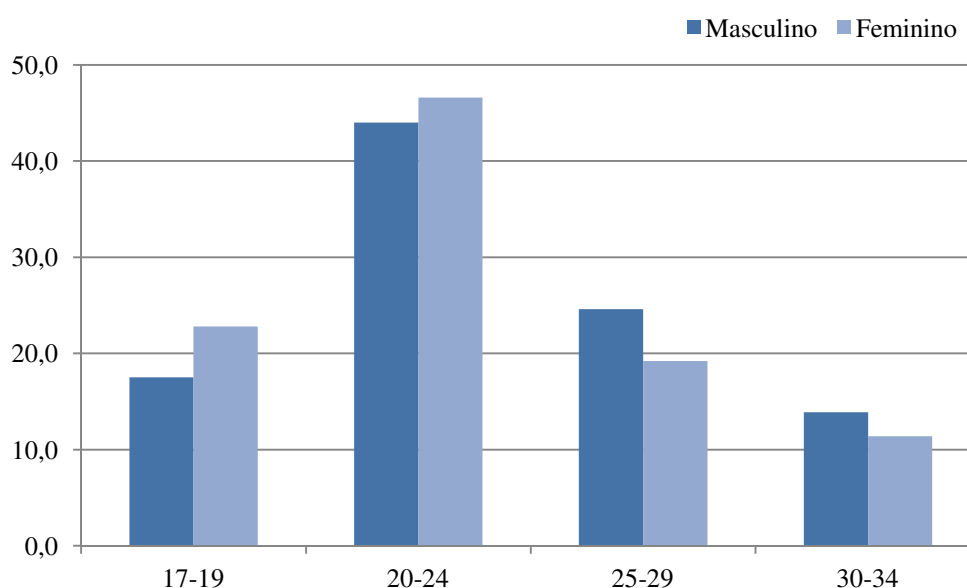
FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Se colocarmos um maior ênfase numa análise em cada um dos níveis de formação, que terá maiores repercussões nas futuras entradas no mercado de trabalho, constata-se que a Relação de Masculinidade é de 57% no caso da licenciatura, de 23% nas pós-

graduações e complementos, de 54% e 56%, respetivamente nos mestrados e doutoramentos, ou seja, com uma predominância clara do sexo feminino.

Num contexto de feminização do ensino universitário, podemos, em síntese, sublinhar que além de algumas diferenças entre as ilhas, já anteriormente justificadas, a maior desigualdade de género respeita à pouca preferência do sexo feminino pela área das Ciências Exatas e Engenharias.

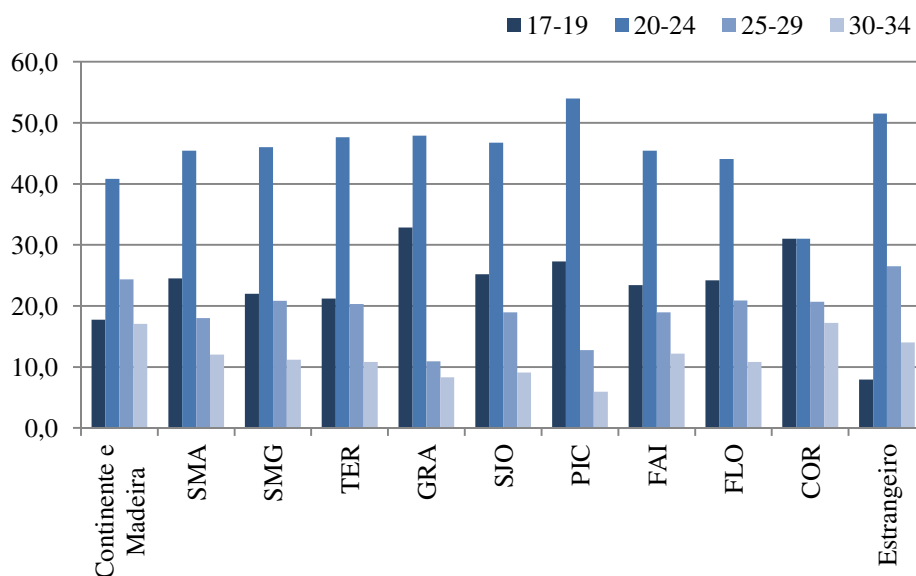
Gráfico 2.6.4. Jovens inscritos na Universidade dos Açores, por idade e sexo, (%)



FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Atendendo agora à variável idade, verifica-se que na globalidade dos anos em análise, quase metade (45%) dos estudantes inscritos na Universidade dos Açores com idades compreendidas entre os 17 e 34 anos, estão na faixa etária dos 20-24 anos, tendo valores percentuais similares os dos grupos etários que o enquadram, com 21%, sendo em número inferior aqueles que têm idades compreendidas entre os 30 e os 34 anos. Se atendermos a uma diferenciação por sexo, mantem-se a tendência geral, ainda que as jovens sejam um pouco mais preponderantes nos grupos de idade inferiores aos 24 anos. Ou seja, não encontramos diferenças muito significativas entre Homens e Mulheres no que respeita à idade, tal como acontecia com a quase totalidade das outras variáveis.

Gráfico 2.6.5. Jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Idade e Naturalidade, (%)

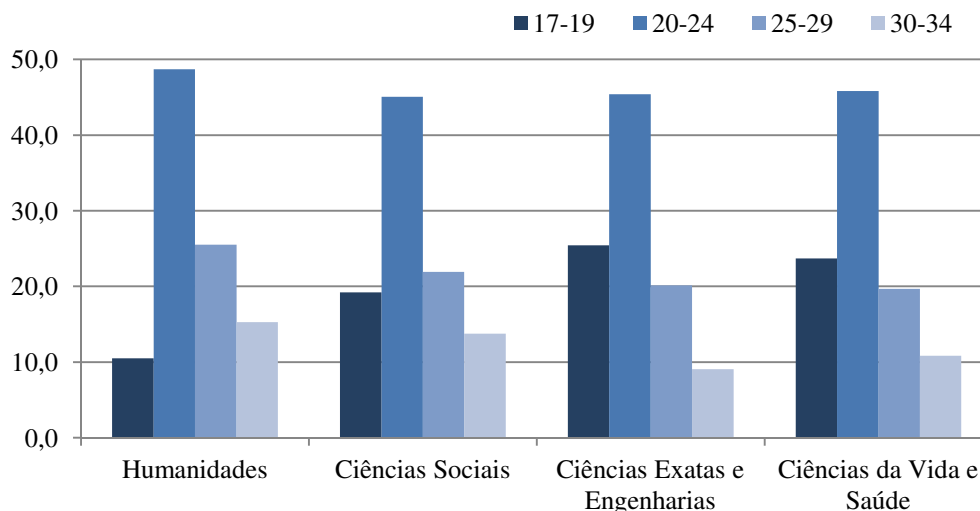


FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

A faixa etária preponderante dos estudantes que frequentaram a Universidade dos Açores no período de 2001/2002 a 2014/2015, independentemente da sua naturalidade, é a dos 20 a 24 anos. A partir do gráfico 2.6.5, verifica-se que são os estudantes naturais do Pico e do Estrangeiro os que apresentam na faixa etária dos 20 a 24 anos valores percentuais superiores a 50%, enquanto que o valor percentual mais baixo nessa faixa etária, de cerca de 40%, é relativo aos estudantes provenientes do Continente e da Madeira.

Em todas as áreas científicas verifica-se que é igualmente relevante o grupo de 20 a 24 anos tal como acontecia a nível global. É de sublinhar, no entanto, o peso que os mais novos, da faixa etária entre os 17 e os 19 anos, têm nas Ciências Exatas e Engenharias e nas Ciências da Vida e da Saúde. O mesmo já não acontece nas Ciências Sociais e, principalmente nas Humanidades, onde os mais novos são em número inferior aos que têm idades compreendidas entre os 25 e os 29 anos, e neste último caso - das Humanidades - mesmo relativamente aos que têm entre 30 e 34 anos. Ou seja, os estudantes que escolhem as Ciências Sociais e as Humanidades, mais de 30% são jovens um pouco mais velhos, com mais de 25 anos, que provavelmente já iniciaram o seu percurso profissional.

Gráfico 2.6.6. Jovens inscritos na Universidade dos Açores, por Idade e Área Científica, (%)



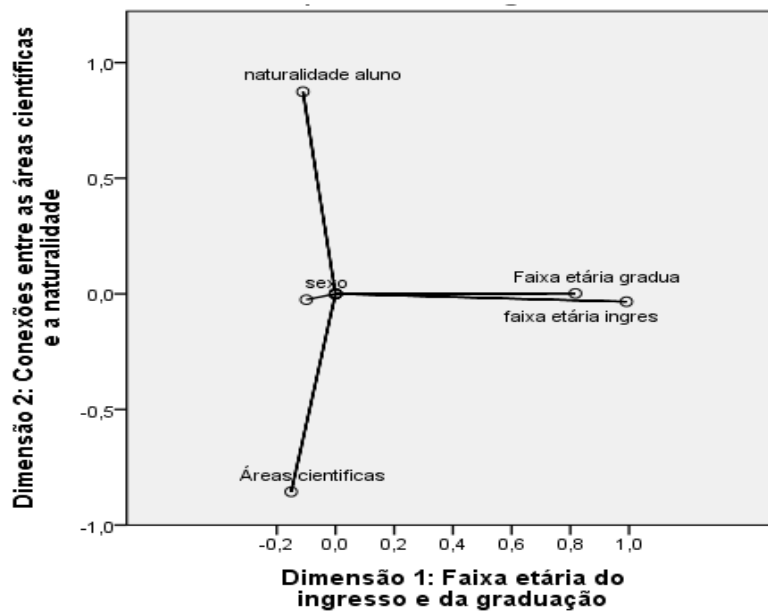
FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

Com o objetivo de estudar as associações entre as categorias das diversas variáveis qualitativas (nominais e ordinais) foi utilizada a Análise em Componentes Principais para dados Categóricos (CatPCA). A utilização de mapas percetuais permite identificar as associações que se estabelecem entre as categorias das variáveis em análise, com o objetivo de identificar possíveis perfis relativos dos jovens alunos inscritos na Universidade dos Açores no período em estudo.

Na Tabela 1 do Anexo VIII apresentam-se os pesos de cada variável em cada dimensão e a percentagem da variância explicada. A 1ª dimensão pode ser designada por “*Faixa etária de ingresso e de graduação*” enquanto a 2ª dimensão pode ser designada por “*Conexões entre as áreas científicas e a naturalidade*” com base nas variáveis que lhe estão associadas. As duas dimensões extraídas explicam cerca de 79.6 % da variância total.

Através da Figura 2.6.1. podemos analisar as associações entre as variáveis e a respetiva importância para a definição das duas primeiras dimensões. As variáveis faixa etária de ingresso e a faixa etária da graduação são as que mais contribuem para a dimensão 1 enquanto para a dimensão 2 as que mais contribuem são as variáveis área científica e naturalidade do aluno.

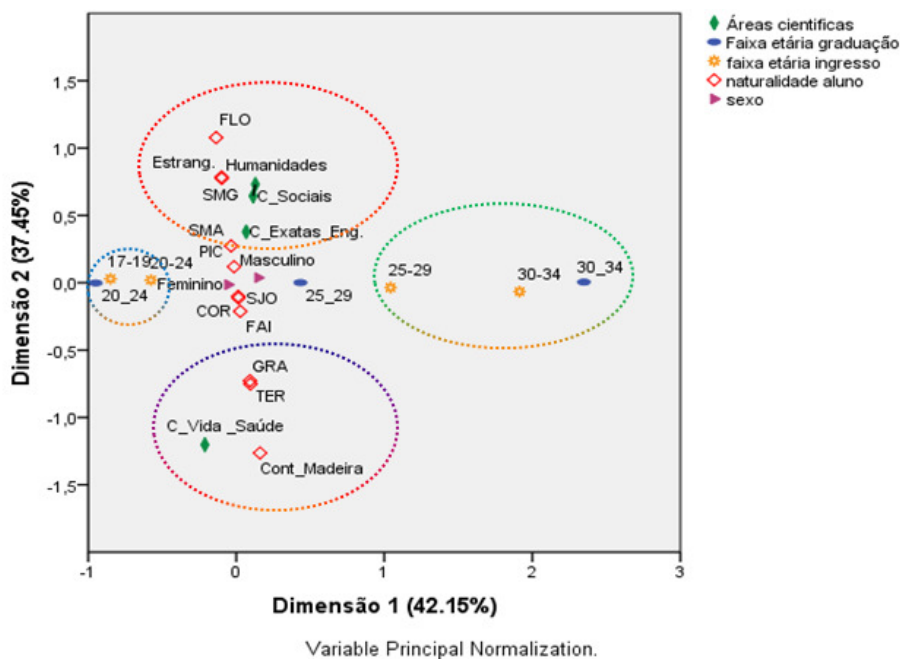
Figura 2.6.1. Medidas de discriminação (disposição das variáveis)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

As quantificações das categorias das variáveis utilizadas, como são apresentadas na Tabela 2 do Anexo VIII, vão permitir projetar as categorias num gráfico bidimensional como o apresentado na Figura 2.6.2. A representação das categorias tem como objetivo facilitar a análise e a visualização das associações entre as categorias das variáveis.

Figura 2.6.2. Mapa perceptual obtido através da CatPCA



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Com base no mapa percetual, podemos destacar essencialmente na dimensão 1 a oposição entre os alunos que ingressaram na Universidade nas faixas etárias dos 17 aos 19 anos e dos 20 aos 24 anos e que conseqüentemente também obtiveram a graduação mais cedo, na faixa etária dos 20 aos 24 anos; e os alunos que ingressaram na Universidade numa fase mais adulta, com 25 ou mais anos, e que completaram a sua graduação principalmente na faixa etária dos 30 a 34 anos.

Na dimensão 2 nota-se uma oposição entre os alunos com naturalidade, maioritariamente, do Continente e da Madeira, da Terceira e da Graciosa, mais ligados à área das Ciências da Vida e da Saúde; e os oriundos das Flores, do estrangeiro, de São Miguel e de Santa Maria, que tendem preferencialmente a frequentar cursos das áreas das Humanidades e das Ciências Sociais.

Nota Conclusiva

Podemos sintetizar este capítulo afirmando que, nos últimos anos, houve uma diminuição do número de alunos inscritos na Universidade dos Açores e mais ainda daqueles que se diplomaram, o que não favorece a necessidade de formação qualificada para que a Região possa igualar outras regiões do País e, mais ainda, de outros países da UE.

São bastante jovens, principalmente com idades entre os 20 e os 24 anos, tendência que se tem vindo a acentuar. São principalmente do sexo feminino, apesar do ligeiro aumento verificado nos últimos anos no sexo masculino. São naturais dos Açores, principalmente das ilhas de maior dimensão e nas quais existem polos da Universidade dos Açores que lecionam os vários ciclos de ensino universitário. Ainda que as diferenças se devam mais aos diferentes volumes populacionais das ilhas do que a uma maior apetência pelo Ensino Superior por parte dos jovens destas ilhas, constata-se que os jovens da ilha de São Miguel que frequentam a Universidade dos Açores têm um peso relativo superior aos do conjunto dos jovens desta ilha no mesmo grupo de idades, o que indica que a sua maior preponderância não depende unicamente de serem provenientes da mais populosa e mais jovem ilha do arquipélago, mas porventura também por ser nela que existe um maior e mais diversificado número de cursos, designadamente de licenciatura.

Os jovens que frequentam a Universidade dos Açores escolhem mais as áreas das Ciências Sociais e das Ciências Biológicas e da Saúde, em detrimento das de Humanidades e das Ciências Exatas e Engenharias, em particular os cursos de Gestão e Enfermagem, sendo que os mais velhos e das ilhas de São Miguel e Santa Maria são mais significativos nas áreas das Ciências Sociais ou nas Humanidades.

3. Jovens açorianos em outras universidades portuguesas (2011/2012-2013/2014)

Introdução

Sabendo-se que existe um número muito significativo de jovens açorianos que optam por fazer a sua formação académica, de nível universitário, fora da RAA, em especial em outras instituições nacionais existentes nas várias regiões do País, entendemos que seria importante ter também um conhecimento sobre estes jovens, utilizando, tanto quanto possível, as características adotadas no capítulo anterior, referente aos estudantes que frequentam a Universidade dos Açores, o que nem sempre foi possível pela informação estatística disponível, como já foi referido e que a seguir se explicita de modo mais pormenorizado.

Apesar das migrações, internas ou internacionais, serem uma das características que melhor identificam a atual modernidade, o que possibilita uma elevada mobilidade, principalmente entre os jovens com formação superior, cremos que esta população estudantil que pretendeu integrar o ensino superior português em outros estabelecimentos de ensino fora dos Açores, terá uma maior propensão a regressar ao seu território de origem do que aqueles que são naturais de outras regiões e que nunca residiram no arquipélago açoriano.

Neste sentido, faremos a sua caracterização tendo em conta a região do País em que estão a estudar, o nível de formação, as áreas científicas, e até a especificação de alguns dos cursos nos quais estão inseridos, estabelecendo ainda uma diferenciação destas

características por idade, sexo e naturalidade, ou seja tendo em conta a ilha dos Açores de que são provenientes.

A informação é a constante no Ministério da Educação e Ciência que apresenta dados também para os que estão a frequentar a Universidade dos Açores. Alertamos, no entanto, que os dados respeitantes aos Açores não são perfeitamente coincidentes com os que nos foram fornecidos por esta instituição e que analisámos no capítulo anterior. Ainda que os dados registados pelo referido Ministério relativamente aos que estudam nos Açores não sejam aqui trabalhados fica aqui a salvaguarda da diferença entre as duas fontes de informação. Releve-se ainda que só nos foi possível ter dados mais discriminados para um período de 3 anos, isto é para os anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014.

3.1. Evolução global e por regiões

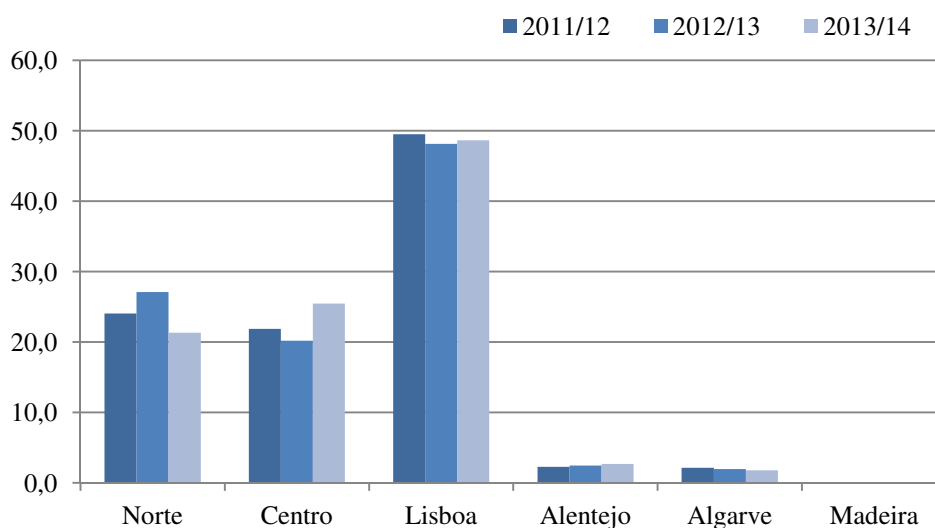
No período de 2011/2012 a 2013/2014, sensivelmente, o número de estudantes inscritos em instituições do ensino superior fora da RAA oscilou entre um valor máximo de 3085 no ano letivo de 2011/2012, com um mínimo de 2623 no de 2012/2013 e 2716 em 2013/2014, o que representa respetivamente 61,9%, 54,5%, 55,3% do total dos alunos açorianos que frequentam o ensino superior, quantitativos que não podemos deixar de realçar, pois correspondem, segundo a informação constante no Ministério da Educação e Ciência a que já fizemos referência, a uma opção maioritária por uma formação fora da região de origem.

O Gráfico 3.1.1. mostra que a maioria, cerca de 50%, escolhe a região de Lisboa, seguindo-se as preferências pelas do Norte e do Centro, que ainda assim registam uma diferença significativa face a Lisboa, com cerca de metade dos valores dos que optaram por esta última região. Já o Alentejo e o Algarve apresentam valores percentuais muito inferiores da ordem dos 2% e 0,1% respetivamente.

Esta distribuição é compreensível atendendo às características das diversas regiões continentais e mesmo a da Madeira, com dimensões populacionais, económicas e culturais bem contrastantes, sendo que as mais importantes e diversificadas formações

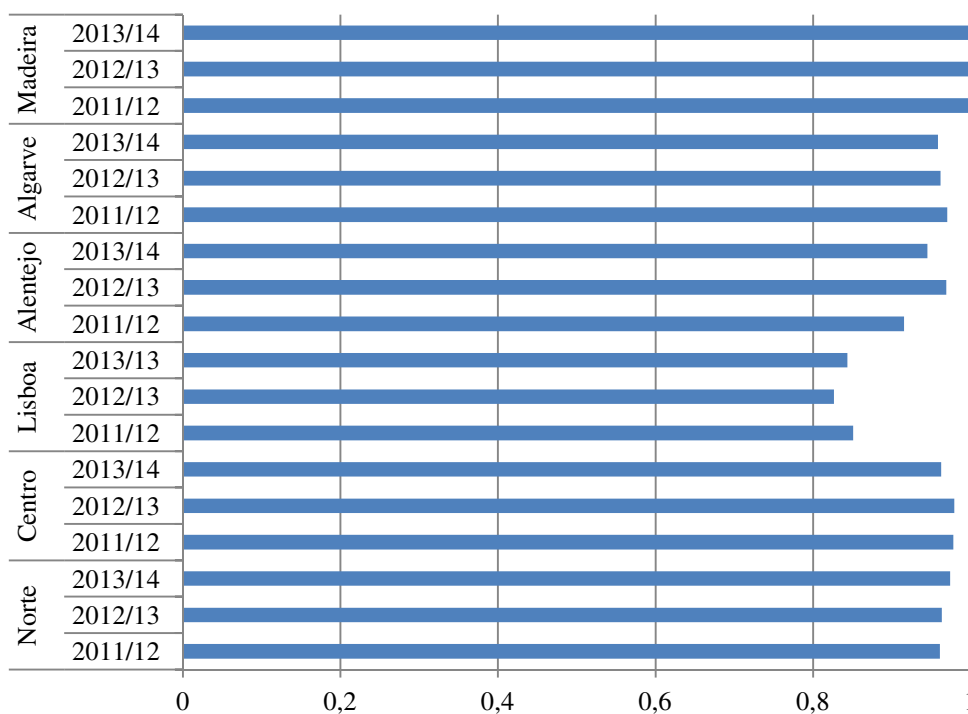
académicas respeitam a instituições de ensino superior como as Universidades de Lisboa, do Porto, de Coimbra ou mesmo as Universidades do Minho e Aveiro.

Gráfico 3.1.1. Estudantes açorianos a frequentar o ensino universitário em outras regiões do País, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Gráfico 3.1.2. Importância relativa dos estudantes jovens no conjunto dos estudantes que se encontram fora dos Açores, de 2011/2012 a 2013/2014, por regiões



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

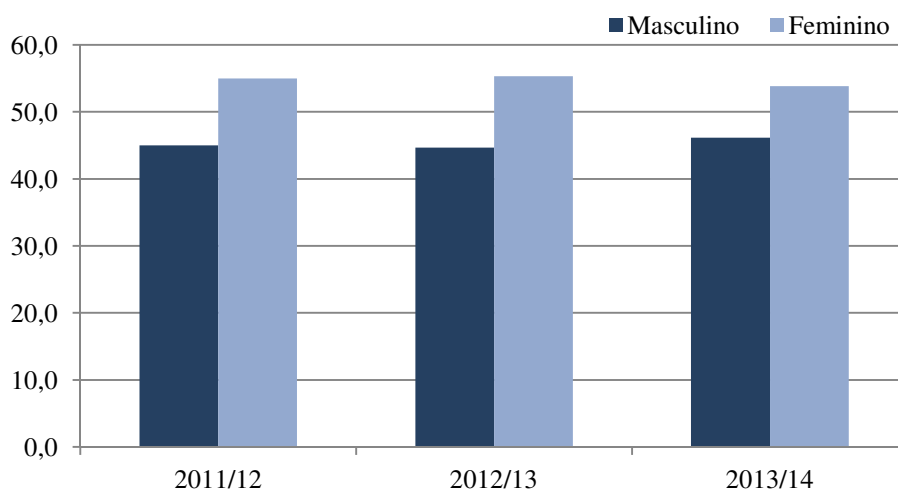
Todavia, se nos concentrarmos especificamente nos Jovens, encontramos algumas diferenças face à caracterização anterior, pois para os anos em análise os jovens, ou seja, os que têm idades compreendidas entre os 17 e os 34 anos, que representam cerca 90% do total dos que estão a estudar fora, as opções não são perfeitamente similares, conforme se pode constatar no Gráfico 3.1.2.

Apesar dos elevados valores, que oscilam entre os 80% e os 100%, verifica-se que a região de Lisboa regista valores percentuais comparativamente mais baixos, entre os 82% e os 85% no que respeita aos jovens, uma vez que uma parte está a frequentar cursos de mestrado e doutoramento e como tal têm idades mais elevadas do que as definidas como integrando o conceito de jovem adotado neste estudo.

3.2. Evolução por Idade e Sexo

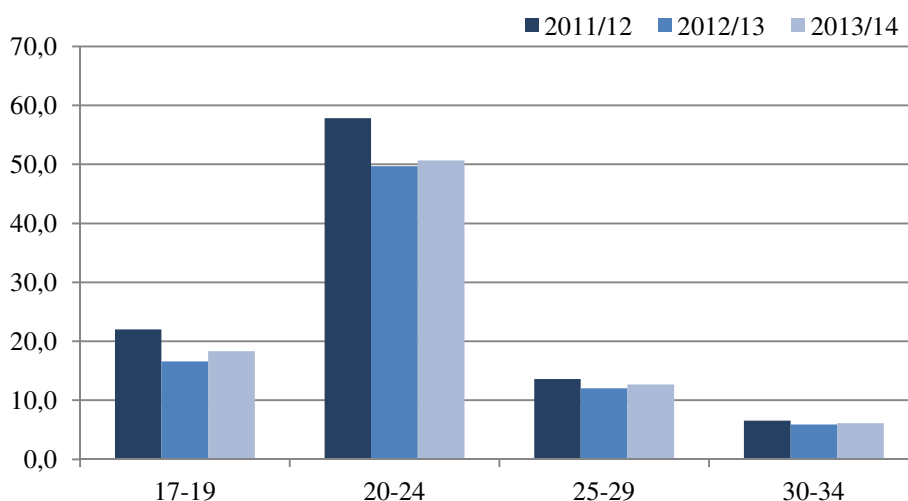
Considerando separadamente as variáveis sexo e idade, constata-se, no primeiro caso, que os estudantes inscritos em instituições de ensino superior fora da Região, em especial os mais jovens, são maioritariamente do sexo feminino (ver Gráfico 3.2.1.) e, no segundo, inserem-se preponderantemente no grupo de idades entre os 20 e os 24 anos, conforme é apresentado no Gráfico 3.2.2., o que indicia uma frequência universitária, a nível de licenciatura, que apresentaremos mais à frente, na sequência imediata à graduação no ensino secundário.

Gráfico 3.2.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por sexo, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Gráfico 3.2.2. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por grupo etário, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

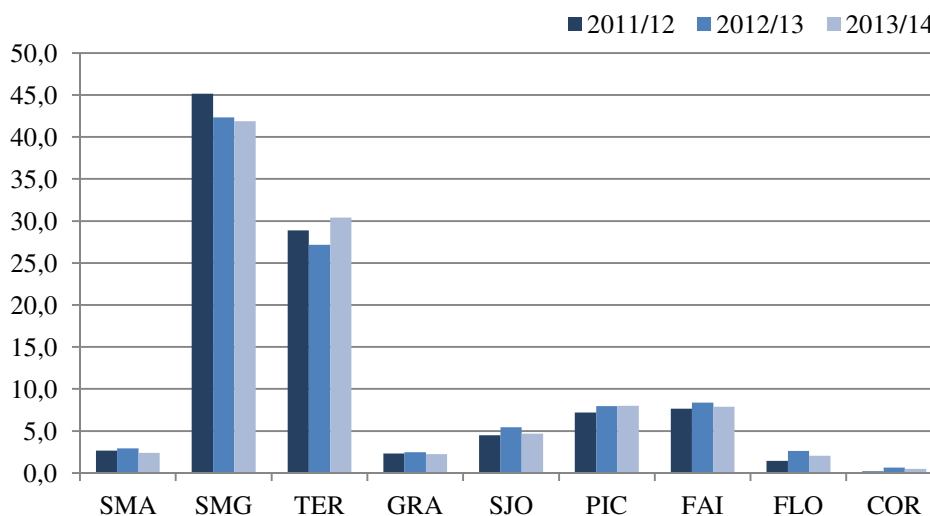
Com efeito, cerca de 80% dos jovens açorianos que estão a estudar em outras regiões portuguesas têm menos de 24 anos, registando um valor bastante baixo, da ordem dos 5%, os que estão na faixa etária dos 30-34 anos. Esta é uma situação que não é muito distinta da que encontramos para os que frequentam a Universidade dos Açores já que é neste grupo etário que encontramos também os valores percentuais mais elevados.

3.3. Evolução por Naturalidade

Tendo em conta a ilha de origem dos açorianos que estão a estudar em outras regiões do País nos anos considerados, verifica-se que estes não apresentam, naturalmente, grandes diferenças entre si, já que são considerados apenas 3 anos de um período temporal contíguo.

Com base no Gráfico 3.3.1., verifica-se que os naturais de São Miguel oscilam entre os 41% e os 45%, sensivelmente, enquanto que os da ilha Terceira registam quantitativos da ordem dos 29%. Seguem-se, ainda que uma diferença significativa, os das ilhas do Faial, Pico e São Jorge, com valores percentuais entre os 4,5% e os 8,4% e os das restantes ilhas com percentagens entre os 0,2% e os quase 3%, identificando, desde logo as grandes desigualdades territoriais do arquipélago, aspeto que também já abordámos em capítulos anteriores.

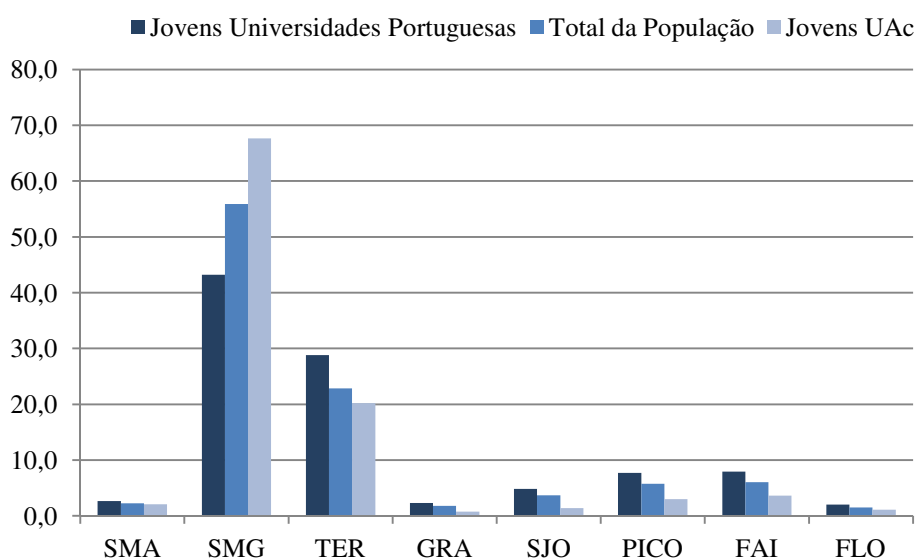
Gráfico 3.3.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por ilha de origem, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

As desigualdades no peso relativo dos estudantes das várias ilhas não são, todavia, uma consequência exclusiva da existência de territórios de dimensões muito díspares, pois podem observar-se diferenças não só quando se compara com o volume da globalidade da população, como com a naturalidade dos estudantes da Universidade dos Açores.

Gráfico 3.3.2. Comparação da população das várias ilhas dos Açores, dos jovens açorianos a frequentar o ensino universitário fora dos Açores e os jovens a frequentar a Universidade dos Açores, por ilha de origem, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Da observação do Gráfico 3.3.2 sobressai a excecionalidade da ilha de São Miguel, em primeiro lugar no que respeita ao menor peso dos que frequentam o ensino superior fora da Região face ao peso relativo da sua população no contexto regional, tanto mais que é uma ilha bastante mais jovem do que as restantes, como também já foi referido. Em segundo lugar, pelo menor valor que nela têm os que estão a estudar fora da Região em comparação com os que o fazem na Universidade dos Açores, o que indicia a importância que esta instituição tem na captação dos alunos desta ilha.

O mesmo não acontece com as restantes ilhas onde a percentagem dos que escolhem outros estabelecimentos de ensino superior é mais elevada do que a relativa à Universidade dos Açores. Sublinhe-se, ainda, que mesmo nas ilhas mais envelhecidas, o peso relativo dos que estudam, designadamente fora dos Açores, é superior à importância relativa da população no conjunto do arquipélago.

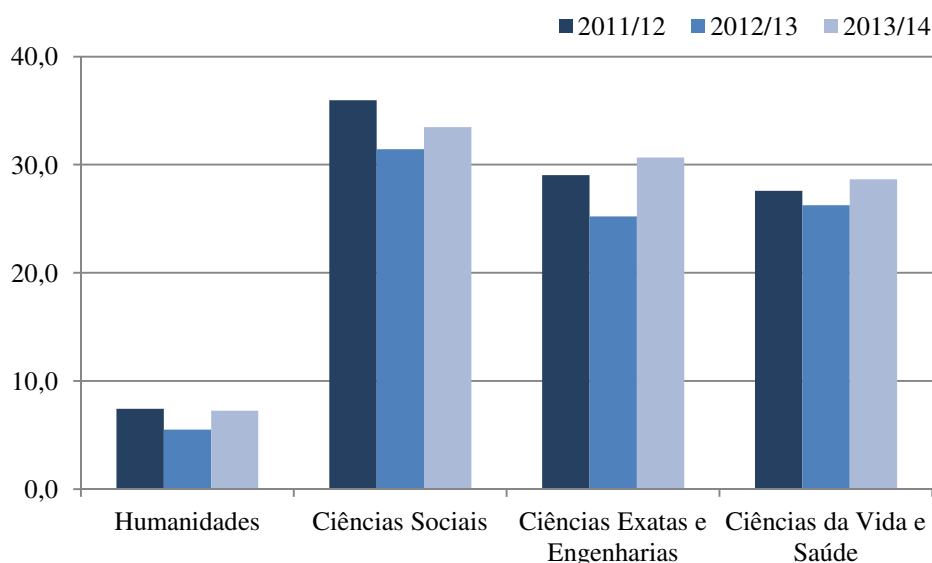
Neste sentido, parece-nos legítimo afirmar que em São Miguel os jovens apostam numa formação de nível superior preponderantemente na Universidade dos Açores enquanto que os restantes preferem prosseguir os seus estudos em instituições fora da Região.

3.4. Por Área Científica

No que se reporta às áreas científicas dos cursos que os estudantes açorianos frequentaram em instituições do ensino superior fora dos Açores, no período de 2011/2012 a 2013/2014, verifica-se que a área científica predominante é a das Ciências Sociais (a variar entre os 31,4% e os 36%), seguindo-se as das Ciências Exatas e Engenharia (25,2% a 30,7%) e as das Ciências da Vida e Saúde (26,3% a 28,6%) e em último lugar as Humanidades (5,5% a 7,4%), conforme é apresentado no Gráfico 3.4.1.

Ainda que exista uma maior oferta formativa em outras regiões do País, não se verifica uma diferença muito acentuada face ao que encontramos para as opções nas várias áreas científicas na Universidade dos Açores, com exceção das Ciências Exatas e Engenharia, que regista valores percentuais bem mais significativos do que encontramos na Instituição Universitária na Região. Esta situação é compreensível sabendo-se que nesta a oferta é limitada, designadamente no caso das Engenharias, como referimos no capítulo anterior.

Gráfico 3.4.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por área científica, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)

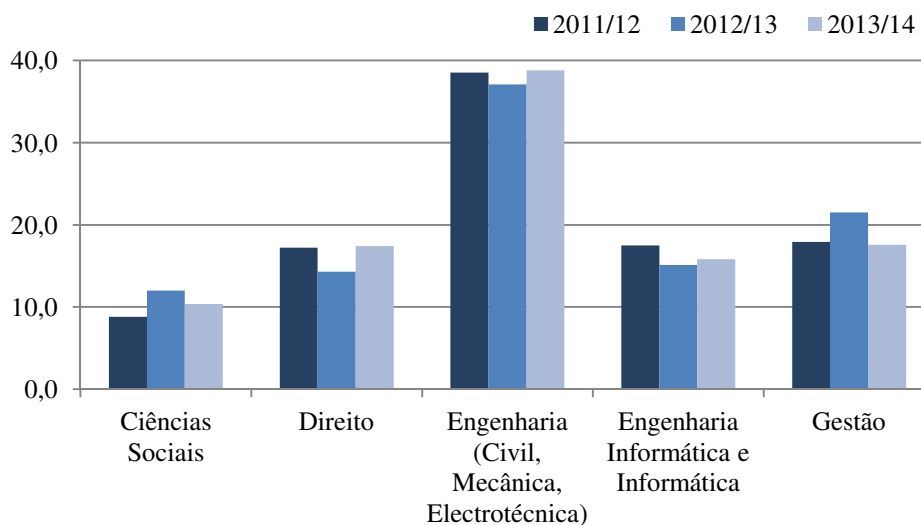


FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Releva-se ainda a fraca importância relativa das Humanidades, em valores inferiores aos que encontramos para aqueles que frequentam a Universidade dos Açores. Já no caso das Ciências Sociais, que surge também aqui preferencial, só uma análise mais pormenorizada por cursos permitiria ver se as opções respeitam a cursos distintos dos que oferece a Universidade dos Açores. Todavia, dado o enorme volume de informação, presente em 416 Instituições de ensino superior (universitário e politécnico) e em 817 cursos, com designações que podem corresponder a formações idênticas, entendemos fazer uma análise tendo como base unicamente aqueles que tinham um número mínimo de 50 alunos.

Conforme se pode constatar no Gráfico 3.4.2 são cinco os cursos de licenciatura que no conjunto registam este número mínimo de alunos: Ciências Sociais, Direito, Engenharia (Civil, Mecânica e Eletrotécnica), Engenharia Informática/Informática e de Gestão, sendo os de Engenharias (Civil, Mecânica e Eletrotécnica) os mais procurados, seguindo-se com valores percentuais muito similares os cursos de Gestão, Engenharia Informática/Informática e de Direito, com os das Ciências Sociais a apresentarem o menor número de alunos em cada ano letivo (variando entre os 60 e 73 alunos).

Gráfico 3.4.2. - Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por cursos de Licenciatura com mais de 50 alunos, por ano letivo, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Verificou-se que todos os 198 alunos que frequentaram o curso de Ciências Sociais, ao nível de licenciatura, optaram por o frequentar na Universidade Aberta, e que cerca de 38% destes estudantes são naturais da ilha Terceira.

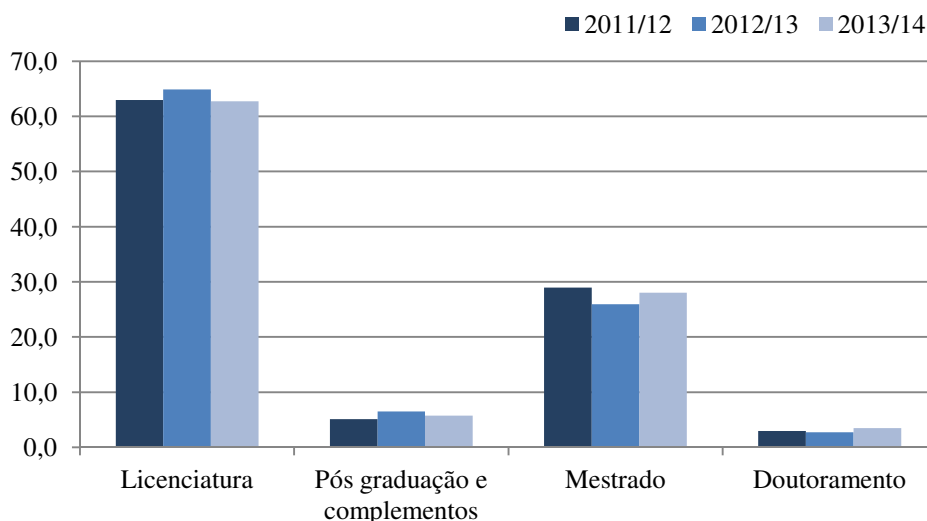
Fica, no entanto, mais claro que alguns cursos de maior frequência, como o de Gestão ou Informática, são escolhidos mesmo que tal formação seja também oferecida pela Universidade dos Açores na ilha de São Miguel. O curso de Gestão foi frequentado, neste período em análise, em 37 instituições fora dos Açores, com cerca de 57% dos alunos deste curso a optarem pela Universidade Aberta. Em sentido inverso está o curso de Direito, que recolhe uma percentagem relativamente elevada de estudantes açorianos cuja formação só pode ter lugar fora dos Açores. Também no que respeita às Engenharias, designadamente a Eletrotécnica e a Informática, os estudantes residentes na Região só podem fazer os seus estudos nestas áreas se se integrarem em instituições universitárias fora do Arquipélago.

3.5. Por Nível de Graduação

Os estudantes açorianos que se deslocam para estudar em instituições do ensino superior fora dos Açores fazem-no, principalmente, para frequentarem a licenciatura (57,1% a 59,6%), seguida do mestrado, neste caso com valores a variar entre 37,4% e

38,4%, conforme é ilustrado no Gráfico 3.5.1. É de realçar que os valores não diferem substancialmente de ano letivo para ano letivo no período em análise em cada um dos níveis de formação.

Gráfico 3.5.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por nível de graduação, nos anos letivos de 2011/2012 a 2013/2014, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Tal como no capítulo anterior iremos em seguida aprofundar os dados com base numa análise bivariada e multivariada, neste caso com a identificação de alguns perfis dos estudantes açorianos que estão a fazer a sua formação superior fora da RAA.

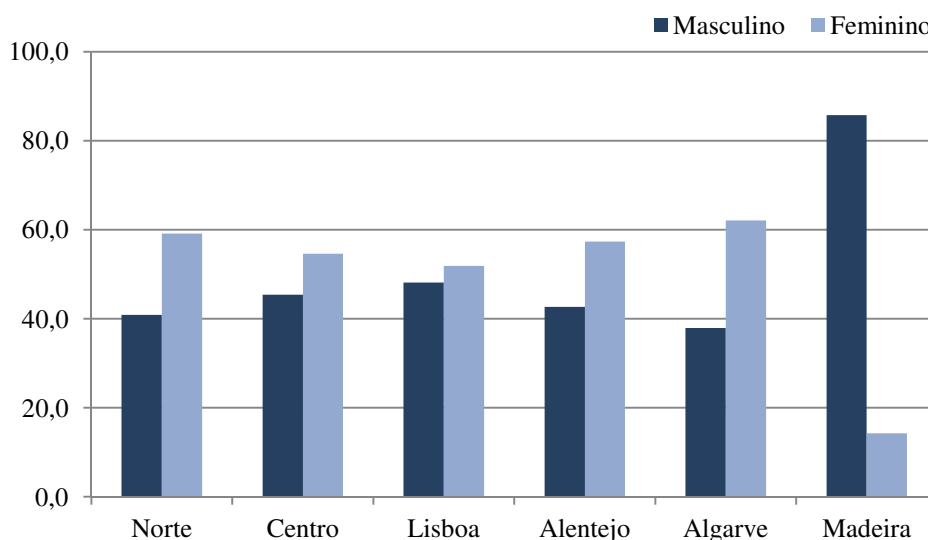
3.6. Perfis

Iniciaremos este ponto pela análise conjunta da Região onde está inserido o curso escolhido, por sexo e idade.

Constata-se que em todas elas, com exceção da Madeira, os cursos são maioritariamente frequentados por estudantes do sexo feminino, conforme se pode avaliar com base no Gráfico 3.6.1. e, principalmente, por jovens com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos, no Gráfico 3.6.2., não se observando assim uma diferença significativa face ao que se verifica naqueles que optam por estudar na Universidade dos Açores, e que confirma a tendência nacional de feminização do Ensino Superior e a prossecução de estudos na sequência imediata à frequência do ensino secundário.

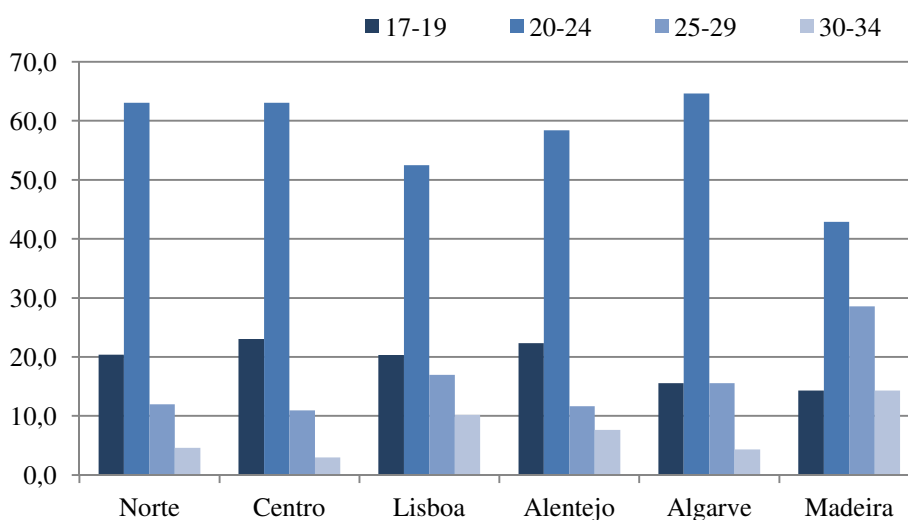
Sublinhe-se, embora a desigualdade face às outras regiões não seja muito expressiva, que é na Região de Lisboa que se observa uma percentagem muito idêntica entre os estudantes de ambos os sexos, embora as jovens registem também um valor um pouco mais elevado. Releve-se, ainda, os quantitativos mais elevados nos que têm idades superiores a 25 anos na Madeira, contrariamente ao que acontece nas outras regiões, em especial nas do Centro e do Alentejo.

Gráfico 3.6.1. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e sexo, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

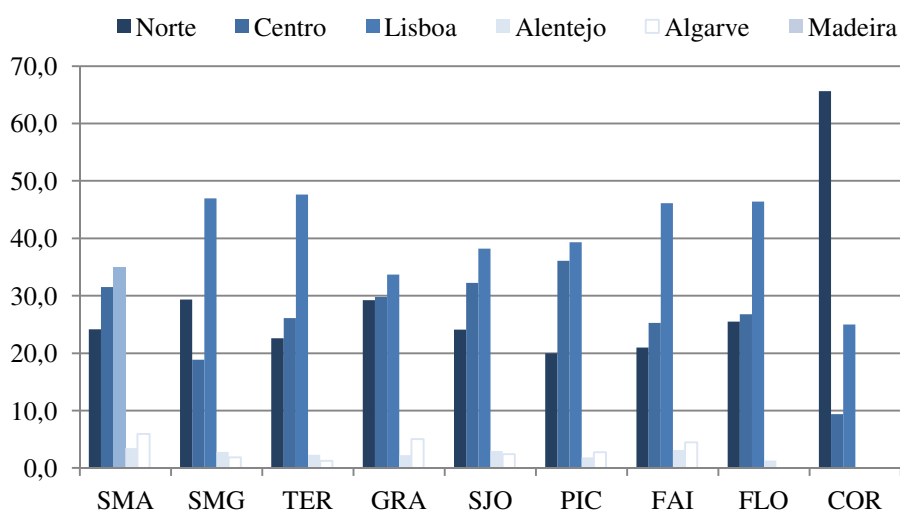
Gráfico 3.6.2. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e grupo de idade, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

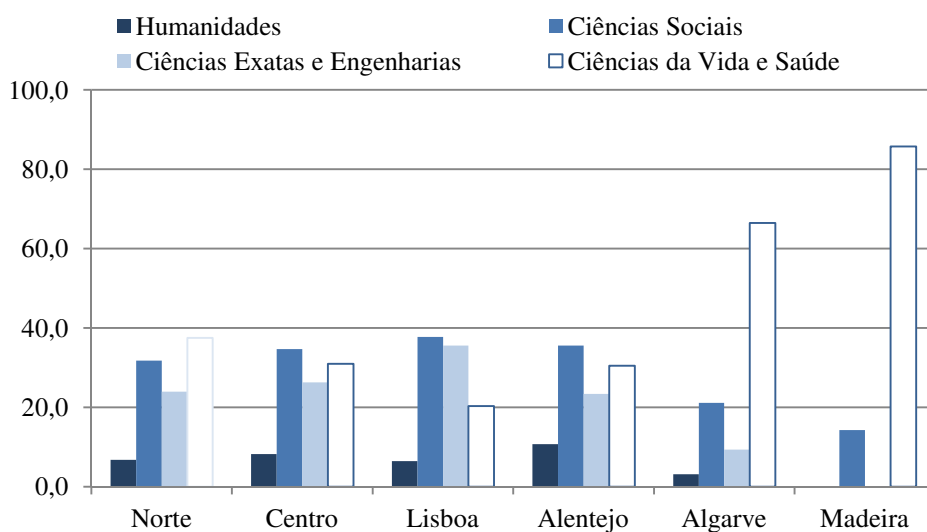
Tendo em consideração a ilha de naturalidade, verifica-se que no período em análise, com exceção dos naturais do Corvo, os estudantes estão maioritariamente a frequentar instituições de ensino superior na região de Lisboa, conforme se pode observar a partir do Gráfico 3.6.3. Esta preferência é mais acentuada nos estudantes provenientes das ilhas Terceira e Faial, já que um pouco mais de metade destes opta por aquela região, contrariamente aos da Graciosa, por exemplo, que registam valores similares para o Norte e Centro.

Gráfico 3.6.3. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e ilha de naturalidade, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Gráfico 3.6.4. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e área científica, (%)

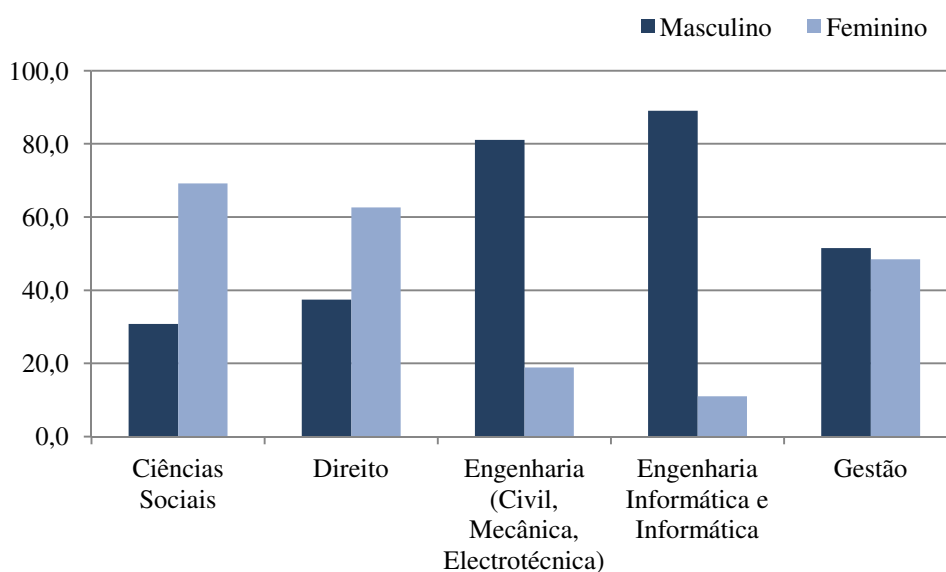


FONTE: Ministério da Educação e Ciência

No que respeita às áreas científicas, verifica-se que nas regiões da Madeira, Algarve e Norte predomina a opção pela Ciências da Vida e Saúde, enquanto que nas do Centro, Lisboa e Alentejo destaca-se a Ciências Sociais. Na região de Lisboa a área das Ciências Exatas e Engenharias surge em segundo lugar, enquanto que nas regiões Centro e Alentejo a área científica que surge em segundo lugar é a das Ciências da Vida e da Saúde.

Os cursos de Engenharia (Civil, Mecânica e Eletrotécnica) e de Engenharia Informática/Informática, que como vimos anteriormente respeitam aos que registam um maior número de alunos dos Açores, são frequentados maioritariamente por estudantes do sexo masculino, enquanto que os de Ciências Sociais e de Direito são frequentados maioritariamente por estudantes do sexo feminino, enquanto que no curso de Gestão há uma frequência aproximada entre os dois sexos, ainda que com um ligeiro predomínio do sexo masculino.

Gráfico 3.6.5. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por cursos de Licenciatura com mais de 50 alunos, por sexo, (%)



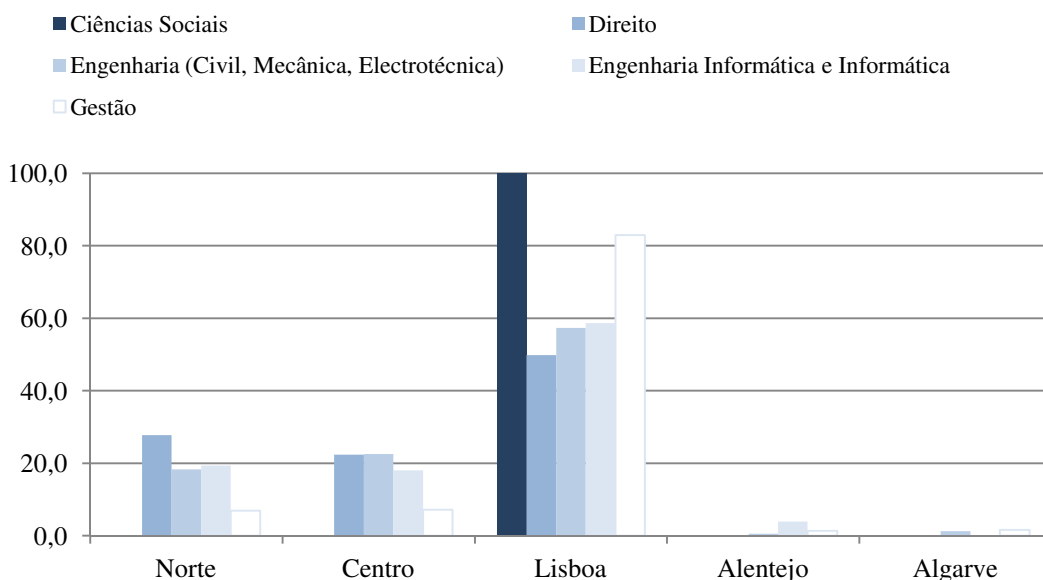
FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Tal como já tinha observado na caracterização respeitante aos estudantes da Universidade dos Açores, a grande diferença de género está nos cursos da área das Engenharias e da Informática nas quais o sexo feminino tem uma fraca representatividade.

Verifica-se que os cursos mais de 50 alunos que se inserem em instituições do ensino superior que se situam maioritariamente na região de Lisboa, cerca de 65,6%, com

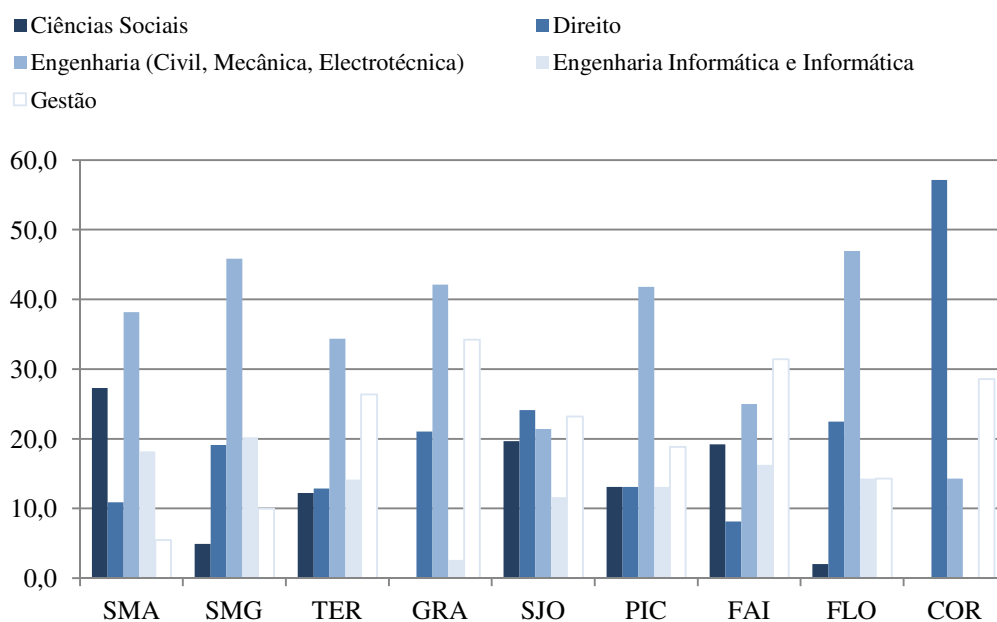
evidência para os cursos de Ciências Sociais e de Direito. Nas regiões Norte e Centro os cursos mais frequentados são os de Direito e das Engenharias.

Gráfico 3.6.6. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e por cursos com mais de 50 alunos, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

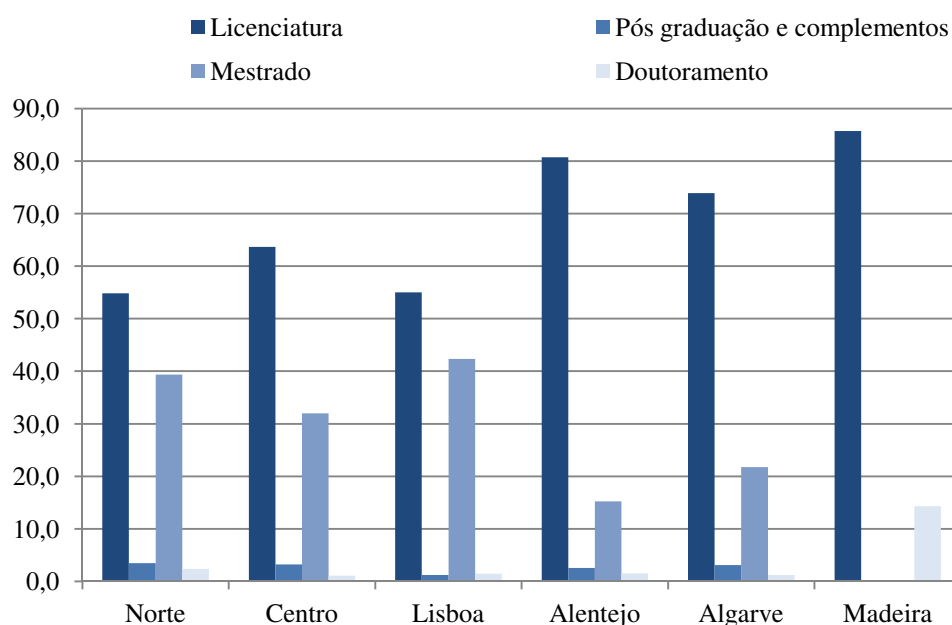
Gráfico 3.6.7. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por ilha e por cursos de Licenciatura com mais de 50 alunos, (%)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Tendo em consideração a ilha de naturalidade dos estudantes, verifica-se que os estudantes da ilha de São Miguel frequentam principalmente cursos de Engenharias, enquanto que os das outras ilhas, em especial da Terceira, Graciosa e Faial, além das Engenharias frequentam também de forma significativa o curso de Gestão, facto que pode ser explicado pela inexistência deste curso nestas ilhas, contrariamente ao que acontece para os que residem em São Miguel. Releve-se ainda a preferência pelo curso de Direito que para os da ilha do Corvo é o mais frequentado, conforme é apresentado no Gráfico 3.6.7.

Gráfico 3.6.8. Açorianos jovens a frequentar o ensino universitário fora dos Açores, por região e segundo o nível de graduação, (%)



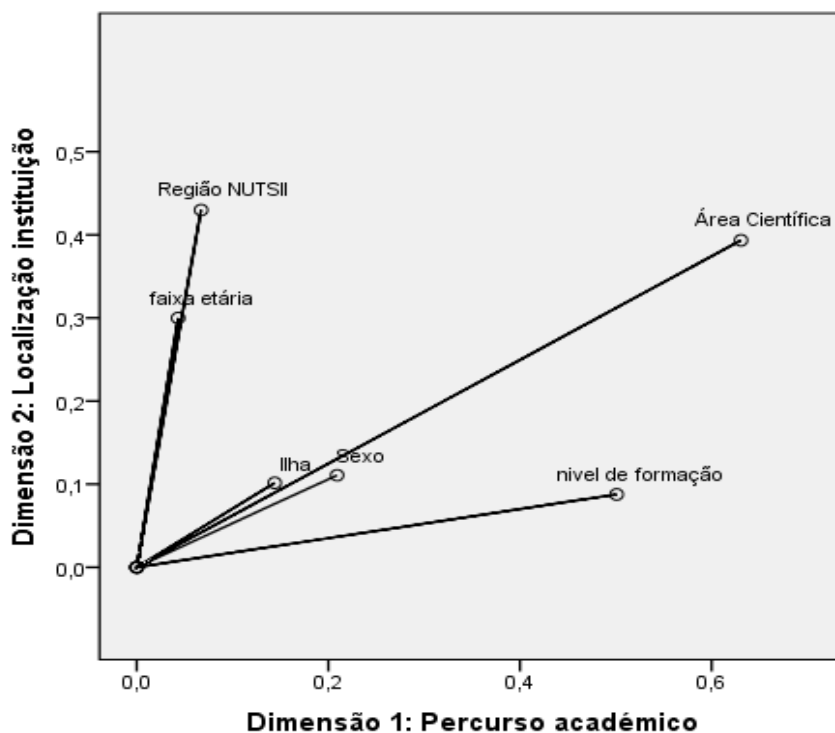
FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Em todas as regiões onde se encontram estudantes açorianos a estudar fora dos Açores, o nível de formação que a maioria frequenta é, como seria de esperar, a licenciatura. Nas regiões do Norte, Centro e Lisboa, embora predomine a licenciatura como o principal nível de formação (54,8% a 63,7%), verifica-se uma percentagem relativamente elevada (31,9% a 42,4%) de estudantes que se encontram a frequentar mestrados, como é apresentado no Gráfico 3.6.8.

Através da figura 3.6.1. podemos analisar as associações entre as variáveis e a respetiva importância para a definição das duas primeiras dimensões. As variáveis “Área Científica” e “Nível de formação” são as que mais discriminam na

dimensão 1, com contribuições para essa dimensão de 39.54% e de 31.40%. As variáveis que mais contribuem para a dimensão 2 são a “Região (NUTS II)” (30.21%) e a “Faixa etária” (27.65%), conforme é visível através do Anexo XIV.

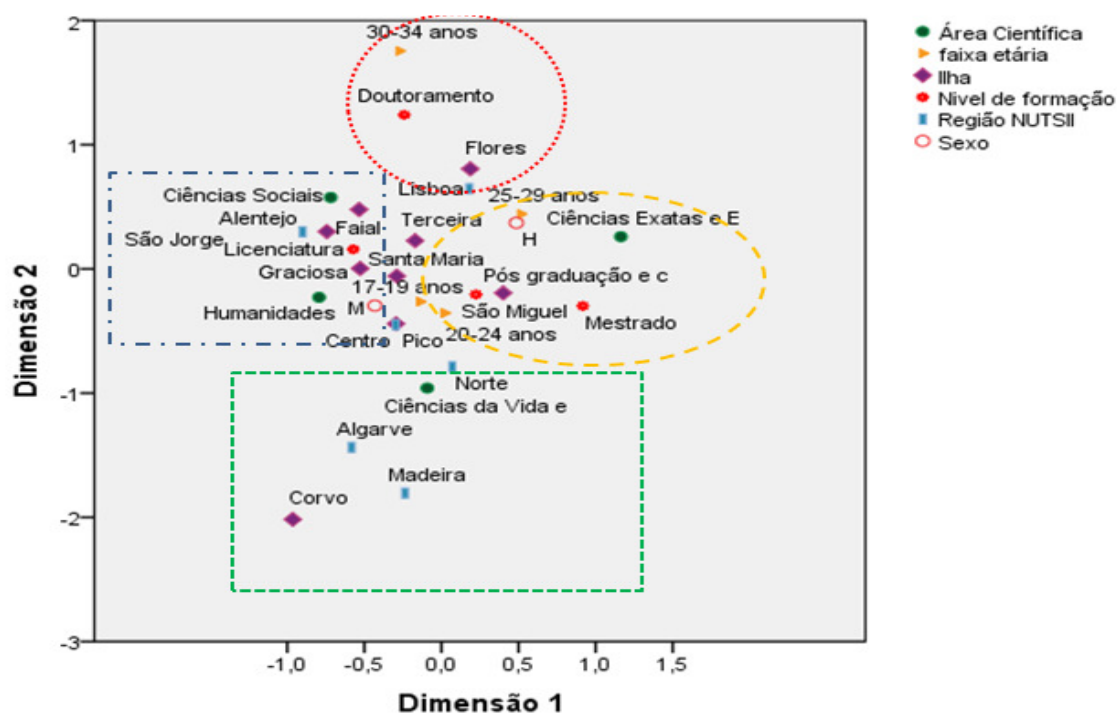
Figura 3.6.1. Medidas de discriminação (disposição das variáveis)



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

A primeira dimensão é estruturada fundamentalmente pelas variáveis relacionadas com a situação dos jovens estudantes face ao seu percurso académico (área científica e nível de formação), enquanto que na segunda dimensão encontramos variáveis referentes à localização da instituição frequentada pelos estudantes e à faixa etária onde estes se enquadram. Com base nas quantificações das categorias das variáveis utilizadas, as categorias vão ser projetadas num gráfico bidimensional conforme é apresentado na Figura 4. A representação das categorias num mapa perceptual facilita a análise e a visualização das associações entre as categorias das variáveis.

Figura 3.6.2. Mapa perceptual



FONTE: Ministério da Educação e Ciência

Com base no mapa perceptual (Figura 3.6.2.), podemos destacar essencialmente quatro grupos de estudantes açorianos que frequentam instituições de ensino superior fora da região Açores. A dimensão 1 opõe o grupo maioritariamente natural da ilha de São Miguel, que frequenta mestrados, cursos da área das Ciências Exatas e de Engenharia, ao grupo de estudantes que frequentam maioritariamente curso da área das Ciências Sociais e de Humanidades nas regiões Centro e Alentejo. A dimensão 2 opõe principalmente os estudantes que frequentam instituições de ensino superior nas regiões da Madeira, Algarve e Norte, optando por cursos da área das Ciências da Vida e da Saúde, aos estudantes que se situam maioritariamente na faixa etária dos 30-34 anos, a frequentarem instituições do ensino superior na região de Lisboa e cursos de nível de doutoramento.

Nota conclusiva

O número de estudantes açorianos que estão a fazer a sua formação de nível universitário em estabelecimentos de ensino superior nacionais, mas fora dos Açores, é, nos 3 anos em análise (2011/2012; 2012/2013 e 2013/2014), em número inferior aos

que optam pela Universidade dos Açores. Do total de estudantes da dos Açores, constata-se que, neste período em análise, entre 56% e 60% optaram por frequentar a Universidade dos Açores.

Os estudantes que vão estudar para fora da região preferem estudar em estabelecimentos de ensino que se situam na região de Lisboa, seguindo-se as regiões do Norte e do Centro, ou seja, as que oferecem uma oferta educativa mais abrangente e diversificada, não só em áreas científicas e cursos, como nos vários graus de ensino: licenciatura, mestrado e doutoramento, sendo que é no primeiro que se insere a maior parte dos alunos.

São maioritariamente bastante jovens, principalmente com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos, e do sexo feminino, não se verificando nestas variáveis diferenças significativas face aos que frequentam a Universidade dos Açores. Tal como estes também escolhem preferencialmente as áreas científicas das Ciências Sociais, com relevo para o curso de Gestão, mas também os das Engenharias e Tecnologias que são inexistentes ou insipientes na instituição universitária da Região. Nestes últimos cursos assiste-se a uma acentuada desigualdade de género pois o valor percentual dos efetivos do sexo masculino é bastante mais elevado, contrariando a tendência global de feminização do ensino superior.

Além das preferências globais por determinadas áreas científicas e cursos, encontramos algumas diferenças dignas de registo no que respeita à naturalidade dos estudantes, podendo concluir-se, por um lado, que o número de cursos em funcionamento na Universidade dos Açores em São Miguel faz com que os naturais desta ilha procurem fora dos Açores fundamentalmente as formações que não são oferecidos na sua ilha de residência. Por outro, a inexistência daquelas formações nas restantes ilhas faz com que os seus naturais optem por outras universidades portuguesas mais do que pela Universidade dos Açores.

4. Jovens açorianos na investigação na Universidade dos Açores e outras Instituições Regionais

Introdução

As atividades de investigação consubstanciam um misto de exercício de atividade profissional e formação, já que muitos dos bolseiros, como alguns dos que estão contratualizados pela Universidade dos Açores, estão a fazer a sua formação, designadamente a nível mestrado e de doutoramento.

Para melhor conhecer estes jovens a residir nos Açores em atividades de pesquisa optou-se por uma recolha de dados junto das entidades que, reconhecidamente, tutelam as instituições de investigação/ divulgação científica nos Açores ou seja, a Universidade dos Açores, através da Pró-Reitoria para a Modernização Administrativa e Tecnologias da Informação e Comunicação; a Direção Regional de Ciência e Tecnologia, através do Fundo Regional para a Ciência e Tecnologia (FRCT) e a Direção Regional do Ambiente do Governo Regional dos Açores, através da Azorina, sendo que os dados fornecidos por estas entidades respeitam às bolsas ou contratos em vigor no ano de 2015.

No entanto, a organização da informação nem sempre está de acordo com os principais indicadores científicos que nos permitiriam uma análise científica coerente, sobretudo se considerarmos a possibilidade de comparação entre os diferentes dados num período temporal significativo. Mais, existe alguma sobreposição entre os dados da Universidade dos Açores e os da Direção Regional de Ciência e Tecnologia, ainda que no primeiro caso devam estar inseridos bolseiros que são financiados por outras

entidades, designadamente pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), ou outros departamentos do Governo Regional dos Açores, associados a projetos específicos, mas sobre os quais não temos informação.

Ainda assim, achamos útil a análise desta informação, ainda que separadamente, pelo que se alterou o plano inicial, que se pretendia, tanto quanto possível, semelhante aos dos restantes pontos deste trabalho. Neste sentido, dividiu-se este capítulo em 3 pontos, um referente aos bolseiros na Universidade dos Açores, um outro que atende aos bolseiros apoiados pelo Fundo Regional de Ciência e Tecnologia (FRCT) e um outro relativo aos jovens que trabalham nos Centros de Interpretação e Ciência integrados na Azorina.

4.1. Bolseiros na Universidade dos Açores

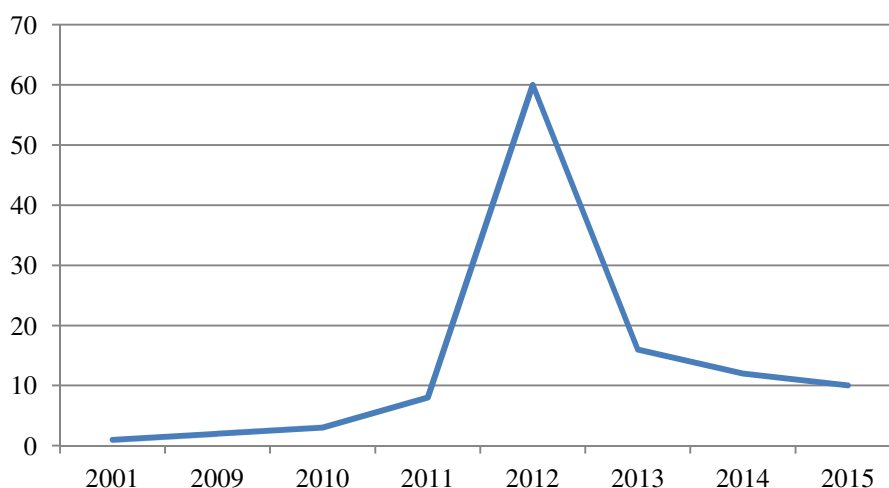
Os bolseiros a desenvolver a sua atividade científica na Universidade Açores são jovens, e altamente qualificados, que, mediante um contrato, desenvolvem uma atividade de investigação de interesse regional ou internacional. Num total de 112 verificamos algumas falhas de informação pelo que o valor pode variar em alguns dos quadros relativos à sua caracterização. Analisaremos a sua evolução global no período compreendido entre 2001 e 2015, embora a informação para outras características como os contratos, as áreas científicas e os tipos de bolsa só exista para anos mais recentes. Sempre que possível, teremos em conta a variável idade, não havendo, todavia, informação para a variável sexo. Dada a pequenez de efetivos e a natureza do trabalho desenvolvido, em especial o tempo necessário a uma formação avançada, altamente qualificada, como é o caso do doutoramento, consideraremos não só os jovens com idades inferiores a 34 anos, como acontece em outros pontos deste estudo, mas também aqueles que têm 35 e mais anos, diferenciando, no entanto, uns dos outros.

Releve-se ainda que a contratação de bolseiros é uma opção não só dos jovens, pois está igualmente bastante dependente das opções das diversas áreas científicas da Universidade dos Açores, como da política de ciência adotada pelos responsáveis políticos nacionais e regionais que, como iremos ver, é variável não só no tempo, como nas preferências por determinadas temáticas e projetos, considerados de maior relevância para o conhecimento e para o desenvolvimento regional, nacional e

internacional. Sublinhe-se ainda as capacidades financeiras, também elas estão dependentes de fatores externos principalmente de fundos da UE.

Tendo em conta o universo dos bolseiros em 2015 (112) verifica-se que a maioria iniciou o seu contrato de bolsa em 2012, onde se inserem cerca de 60% do total do conjunto dos anos considerados.

Gráfico 4.1.1. Evolução e contratação dos bolseiros na Universidade dos Açores, de 2001 a 2015



FONTE: Pró-Reitoria para a Modernização Administrativa e Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade dos Açores, 2015

Quadro 4.1.1. Ano de início da contratação dos bolseiros na Universidade dos Açores, por grupos de idade, em cada um dos anos de 2010 a 2015

			Grupos de Idade			Total	
			25-29	30-34	=>35		
Início Contrato	2010	n	0	0	2	2	
		%	0,0%	0,0%	100%	100%	
	2011	n	0	2	5	7	
		%	0,0%	28,6%	71,4%	100%	
	2012	n	3	18	24	45	
		%	6,7%	40%	53,3%	100%	
	2013	n	0	4	3	7	
		%	0,0%	57,1%	42,9%	100%	
	2014	n	2	2	5	9	
		%	22,2%	22,2%	55,6%	100%	
	2015	n	1	1	8	10	
		%	10%	10%	80%	100%	
	Total		N	6	27	47	80
			%	7,5%	33,8%	58,8%	100%

FONTE: Pró-Reitoria para a Modernização Administrativa e Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade dos Açores, 2015

Relativamente à idade com que iniciaram a sua atividade verifica-se que na maior parte do período, com exceção do ano de 2013, o fazem com 35 ou mais anos, com um quantitativo que no conjunto dos anos quase atinge os 60%, ou seja, fora do limite de jovens que definimos para este trabalho, como acima referimos. Com efeito, logo em 2010 a totalidade (apenas 2) tem idades iguais ou superiores a 35 anos. Embora tal não aconteça nos anos seguintes, só em 2013 é que mais de metade, 57,1%, está no grupo de idades entre os 30 e os 34 anos. Os mais novos, com idades compreendidas entre os 25 e os 29 anos, só nos anos mais recentes, designadamente em 2014 e 2015, é que registam um valor percentual um pouco mais levado, mas ainda assim inferior aos mais velhos e idêntico aos que estão na faixa etária dos 30-34 anos.

Esta alteração relativa ao rejuvenescimento dos bolsiros, designadamente a partir de 2012 e em especial nos últimos dois anos é confirmada pela observação do Quadro 4.1.2, que apresenta a sua importância relativa em cada faixa etária nos diversos anos (percentagens em coluna), diferentemente do quadro anterior quando os valores indicam os valores em cada um dos anos (percentagens em linha). Se em todos os grupos de idades os quantitativos mais elevados respeitam ao ano de 2012, também é verdade que os mais velhos perdem importância face aos mais novos.

Quadro 4.1.2. Ano de início da contratação dos bolsiros na Universidade dos Açores, por grupos de idade, entre 2010 a 2015

			Grupos de Idade			Total	
			25-29	30-34	=>35		
Ano Início Contrato	2010	n	0	0	2	2	
		%	0,0%	0,0%	4,3%	2,5%	
	2011	n	0	2	5	7	
		%	0,0%	7,4%	10,6%	8,8%	
	2012	n	3	18	24	45	
		%	50%	66,7%	51,1%	56,3%	
	2013	n	0	4	3	7	
		%	0,0%	14,8%	6,4%	8,8%	
	2014	n	2	2	5	9	
		%	33,3%	7,4%	10,6%	11,3%	
	2015	n	1	1	8	10	
		%	16,7%	3,7%	17%	12,5%	
	Total		N	6	27	47	80
			%	100%	100%	100%	100%

FONTE: Pró-Reitoria para a Modernização Administrativa e Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade dos Açores, 2015

Quadro 4.1.3. Ano de finalização da contratação dos bolsеiros na Universidade dos Açores, por grupos de idade, nos anos de 2015 a 2019

			Grupos de Idade			Total
			25-29	30-34	=>35	
Ano Fim Contrato	2015	n	1	7	20	28
		%	3,6%	25%	71,4%	100%
	2016	n	2	17	17	36
		%	5,6%	47,2%	47,2%	100%
	2017	n	2	2	6	10
		%	20%	20%	60%	100%
	2018	n	0	0	4	4
		%	0,0%	0,0%	100%	100%
	2019	n	1	1	0	2
		%	50%	50%	0,0%	100%
Total		n	6	27	47	80
		%	7,5%	33,8%	58,8%	100%

FONTE: Pró-Reitoria para a Modernização Administrativa e Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade dos Açores, 2015

Tendo em conta a evolução anterior, não admira que a maioria dos contratos acabe em 2015 e 2016, configurando uma duração média das referidas bolsas de 3 anos, o que afeta preponderantemente aqueles que têm uma idade um pouco mais avançada e que, como tal, já não consideramos no grupo etário dos jovens. Com efeito, do conjunto dos que nestes anos estão contratados como bolsеiros na Universidade dos Açores, 80% termina a bolsa e a consequente contratação ainda durante este ano (35%) e em 2016 (45%). Já para os finais do período a situação é inversa, afetando principalmente os mais novos, em especial os que têm idades compreendidas entre os 25 e os 29 anos.

Neste contexto, não podemos deixar de referir que as idades preponderantes para início da contratação para a atividade de investigação é relativamente elevada, na maior parte dos casos, quase a totalidade, com uma idade superior à habitual entrada no mercado de trabalho para o exercício de outras atividades profissionais, mesmo qualificadas, o que se repercute, naturalmente, na finalização da bolsa.

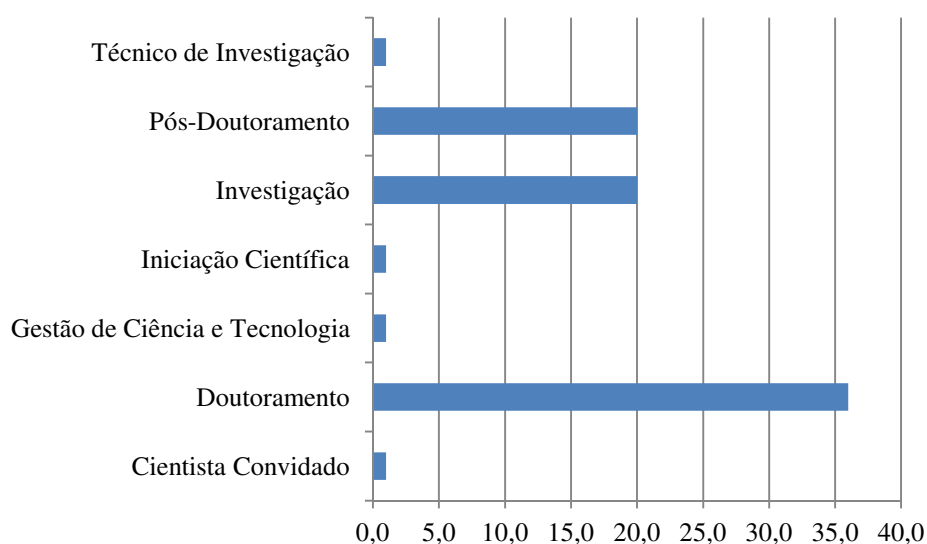
Quadro 4.1.4. Ano de início da contratação dos bolseiros na Universidade dos Açores, por grupos de idade, entre 2015 e 2019

			Grupos de Idade			Total
			25-29	30-34	=>35	
Ano Fim Contrato	2015	n	1	7	20	28
		%	16,7%	25,9%	42,6%	35%
	2016	n	2	17	17	36
		%	33,3%	63%	36,2%	45%
	2017	n	2	2	6	10
		%	33,3%	7,4%	12,8%	12,5%
	2018	n	0	0	4	4
		%	0,0%	0,0%	8,5%	5%
	2019	n	1	1	0	2
		%	16,7%	3,7%	0,0%	2,5%
Total		N	6	27	47	80
		%	100%	100%	100%	100%

FONTE: Pró-Reitoria para a Modernização Administrativa e Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade dos Açores, 2015

A maioria destes bolseiros (45%) encontram a desenvolver: projetos de doutoramento; de investigação (25%) ou de Pós-Doutoramento (25%). Com efeito, conforme se pode constatar no Gráfico 4.1.2, dos 80 para os quais temos informação verifica-se que são bem poucos os que estão nas outras categorias, apenas 1 em cada um delas.

Gráfico 4.1.2. - Tipos de bolsas na Universidade dos Açores em 2015, (%)



FONTE: Pró-Reitoria para a Modernização Administrativa e Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade dos Açores, 2015

Quadro 4.1.5. Tipos de bolsas na Universidade dos Açores, por grupos de idade, em 2015

			Grupos de Idade			Total
			25-29	30-34	=>35	
Tipo de Bolsa	Cientista Convidado	n	0	0	1	1
		%	0,0%	0,0%	2,1%	1,3%
	Doutoramento	n	3	16	17	36
		%	50%	59,3%	36,2%	45%
	Gestão de Ciência e Tecnologia	n	0	0	1	1
		%	0,0%	0,0%	2,1%	1,3%
	Iniciação Científica	n	0	1	0	1
		%	0,0%	3,7%	0,0%	1,3%
	Investigação	n	3	6	11	20
		%	50%	22,2%	23,4%	25%
	Pós-Doutoramento	n	0	3	17	20
		%	0,0%	11,1%	36,2%	25%
	Técnico de Investigação	n	0	1	0	1
		%	0,0%	3,7%	0,0%	1,3%
Total		N	6	27	47	80
		%	100%	100%	100%	100%

FONTE: Pró-Reitoria para a Modernização Administrativa e Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade dos Açores, 2015

A importância relativa de cada uma das idades, que acompanha os valores globais, apresenta algumas diferenças que não podemos deixar de associar ao percurso da carreira académica, particularmente da investigação, sendo que os mais novos se concentram exclusivamente nas categorias de doutoramento ou de investigação, o que já não acontece com os que têm 30 e mais anos. Por seu lado os pós-doutoramentos são, naturalmente, mais preponderantes nos que têm 35 e mais anos.

Um dos aspetos que reputamos de maior interesse para o desenvolvimento da Região respeita às áreas científicas em que estão inseridos, embora também estas, como inicialmente referimos, estejam bastante condicionadas pela situação das várias áreas na Universidade, como pelas opções do Governo Regional na abertura dos concursos de financiamento das bolsas.

Infelizmente a informação é bastante deficiente pois só foi possível obter informação para 39 bolseiros, quantitativo bem distinto do total (112) e mesmo dos que temos vindo a apresentar, quer para o início e o fim dos contratos, como para os tipos de bolsas e idade, nos quais contávamos com 80.

Apesar deste constrangimento, verifica-se que em 2015 as áreas científicas dominantes são as Ciências Naturais e do Ambiente (74,4%) e, com menor expressão, as Ciências Exatas e Tecnológicas e as Ciências Sociais ambas com 7,7%, seguindo-se as Ciências Agrárias com 5,1% e por fim as Humanidades com 2,6%.

Quadro 4.1.6. Distribuição dos bolseiros da Universidade dos Açores, por área científica e tipo de bolsa, em 2015

		Áreas Científicas						Total	
		Ciências Agrárias	Ciências Exactas e Tecnológicas	Ciências Médicas e da Saúde	Ciências Naturais e do Ambiente	Ciências Sociais	Humanidades		
Tipo de Bolsa	Cientista Convocado	n	0	0	0	1	0	0	1
		%	0,0%	0,0%	0,0%	100%	0,0%	0,0%	100%
	Doutoramento	N	2	2	1	13	2	1	21
		%	9,5%	9,5%	4,8%	61,9%	9,5%	4,8%	100%
	Gestão de Ciência e Tecnologia	n	0	0	0	0	1	0	1
		%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100%	0,0%	100%
	Investigação	n	0	0	0	5	0	0	5
		%	0,0%	0,0%	0,0%	100%	0,0%	0,0%	100%
	Pós-Doutoramento	n	0	1	0	9	0	0	10
		%	0,0%	10%	0,0%	90%	0,0%	0,0%	100%
	Técnico de Investigação	n	0	0	0	1	0	0	1
		%	0,0%	0,0%	0,0%	100%	0,0%	0,0%	100%
	Total	N	2	3	1	29	3	1	39
		%	5,1%	7,7%	2,6%	74,4%	7,7%	2,6%	100%

FONTE: Pró-Reitoria para a Modernização Administrativa e Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade dos Açores, 2015

Nas categorias mais significativas, de doutoramento e de investigação, mantem-se a preponderância das Ciências Naturais e do Ambiente que, no segundo caso, engloba a totalidade dos Bolseiros de doutoramento, havendo também uma grande representatividade dos que estão em processo de doutoramento, com um valor percentual da ordem dos 62%. É nesta categoria que encontramos a maior dispersão pelas diferentes áreas, ainda que com uma diferença muito significativa, já que as Ciências Agrárias, Exatas e Tecnológicas, bem como as Ciências Sociais registam uma percentagem de cerca de 10% cada, correspondendo a um valor absoluto de apenas 2 bolseiros, enquanto que as Ciências Médicas e da Saúde e as Humanidades contam apenas com 1 bolsheiro de doutoramento.

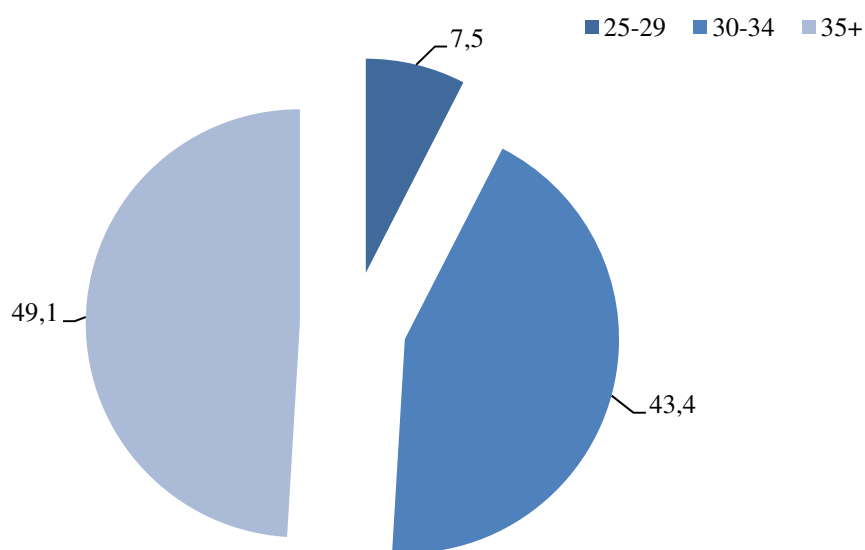
No pós-doutoramento há uma maior concentração, com 9 bolsiros nas Ciências Naturais e do Ambiente e apenas 1 nas Ciências Exatas e Tecnológicas.

A finalizar este ponto não podemos deixar de sublinhar algumas diferenças existentes das várias Unidades Orgânicas da Universidade dos Açores, que não devem ser alheias a esta caracterização, já que o Departamento de Biologia é dos que tem um maior número de docentes e investigadores, sendo também de realçar a importância da área das Ciências do Ambiente, que existe não só neste Departamento, mas também no de Ciências Agrárias, como no de Oceanografia e Pescas. É, com efeito, uma área científica que se concentra no Polo de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, mas que está igualmente presente no Polo de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, e no da Horta, no Faial.

4.2. Bolsiros do Fundo Regional de Ciência e Tecnologia

Como anteriormente referimos, pode existir alguma sobreposição entre os indivíduos que integram o ponto anterior e os que agora iremos apresentar, que correspondem, no entanto, a um universo de menor dimensão (53).

Gráfico 4.2.1. Distribuição dos bolsiros da FRCT, por grupos de idade, em 2015, (%)



FONTE: Direção Regional de Ciência e Tecnologia, 2015

Tal como acontecia no ponto anterior, relativo aos bolsеiros integrados na Universidade dos Açores, também os apoiados pelo FRCT estão maioritariamente no grupo de idade com 35 a mais anos (49%), embora a percentagem não seja muito distinta da dos que se inserem na faixa etária anterior, isto é com idades compreendidas entre os 30 e os 34 anos (43%). Sublinhe-se o fraco valor percentual dos mais novos, entre os 25 e os 29 anos, que representam apenas 7,5% do total.

Quadro 4.2.1. Distribuição dos bolsеiros da FRCT, por grupo de idade e sexo, em 2015

			Grupos de Idade			Total
			25-29	30-34	=>35	
Sexo	F	n	2	14	14	30
		%	50%	60,9%	53,8%	56,6%
	M	n	2	9	12	23
		%	50%	39,1%	46,2%	43,4%
Total		N	4	23	26	53
		%	100%	100%	100%	100%

FONTE: Direção Regional de Ciência e Tecnologia, 2015

Existe alguma feminização neste universo, com uma diferença de mais de 10 pontos percentuais para as mulheres no conjunto dos bolsеiros, sendo que o sexo também interfere na repartição por idades, no sentido de um maior rejuvenescimento. Com efeito, apesar da pequenez de efetivos, que não pode ser ignorada, a diferença a favor do sexo feminino na faixa etária intermédia é superior à verificada nos que têm idade igual ou superior a 35 anos.

Se atendermos agora ao tipo de contrato entre os anos de 2010 e 2012, constata-se que é neste último ano que se iniciam a maioria dos contratos, correspondente a cerca de 90% do conjunto dos 3 anos em análise.

Em relação à variável sexo verifica-se que a concessão de bolsas respeita, de uma forma geral, o mesmo padrão. Como afirmamos anteriormente existe alguma feminização neste contingente de bolsеiros de investigação sendo que esta realidade se manifesta sobretudo nas bolsas de doutoramento. Dado o reduzido número de bolsas de investigação e de técnicos de investigação esta tendência deve ser analisada com as devidas precauções.

Quadro 4.2.2. Distribuição dos bolseiros da FRCT, por tipo e início do contrato

			Grupos de Idade			Total
			2010	2011	2012	
Sexo	F	n	2	1	27	30
		%	6,7%	3,3%	90%	100%
	M	n	2	0	21	23
		%	8,7%	0,0%	91,3%	100%
Total		N	4	1	48	53
		%	7,5%	1,9%	90,6%	100%

FONTE: Direção Regional de Ciência e Tecnologia, 2015

Quadro 4.2.3. Distribuição dos bolseiros da FRCT, por tipo de contrato e sexo

			Tipo de Bolsa				Total
			Doutoramento	Pós-Doutoramento	Investigação	Técnicos Investigação	
Sexo	F	n	26	2	1	1	30
		%	55,3%	50%	100%	100%	56,6%
	M	n	21	2	0	0	23
		%	44,7%	50%	0,0%	0,0%	43,4%
Total		N	47	4	1	1	53
		%	100%	100%	100%	100%	100%

FONTE: Direção Regional de Ciência e Tecnologia, 2015

A observação do tipo de bolsa permite-nos verificar que em 2012 a grande maioria das bolsas estão integradas em projetos de doutoramento enquanto em 2010 e 2011 foram essencialmente concedidas bolsas de Pós-Doutoramento.

Quadro 4.2.4. Distribuição dos bolseiros da FRCT, por Centro / Universidade de acolhimento

		Tipo de Bolsa			Total
		Doutoramento	Licenciado e	Pos-	
CBA	n	1	0	0	1
	%	2,1%	0,0%	0,0%	1,9%
CCMMG	n	1	0	1	2
	%	2,1%	0,0%	25%	3,8%
CEEApIA	n	4	0	0	4
	%	8,5%	0,0%	0,0%	7,5%
CIBIO	n	3	0	0	3
	%	6,4%	0,0%	0,0%	5,7%
CIRN	n	10	0	0	10
	%	21,3%	0,0%	0,0%	18,9%
CITA-A	n	16	0	1	17
	%	34%	0,0%	25%	32,1%
CVARG	n	1	1	0	2
	%	2,1%	50%	0,0%	3,8%

Dep. Geociências	n	1	0	0	1
	%	2,1%	0,0%	0,0%	1,9%
IMAR	n	3	0	0	3
	%	6,4%	0,0%	0,0%	5,7%
INOVA	n	0	1	2	3
	%	0,0%	50%	50%	5,7%
ISCTE	n	1	0	0	1
	%	2,1%	0,0%	0,0%	1,9%
UAlgarve	n	2	0	0	2
	%	4,3%	0,0%	0,0%	3,8%
UAveiro	n	1	0	0	1
	%	2,1%	0,0%	0,0%	1,9%
UÉvora	n	1	0	0	1
	%	2,1%	0,0%	0,0%	1,9%
ULisboa	n	1	0	0	1
	%	2,1%	0,0%	0,0%	1,9%
UMinho	n	1	0	0	1
	%	2,1%	0,0%	0,0%	1,9%
Total	N	47	2	4	53
	%	100%	100%	100%	100%

FONTE: Direção Regional de Ciência e Tecnologia, 2015

Como podemos observar no Quadro 4.2.4 a distribuição dos bolsеiros por Centros/Universidades de acolhimento mostra a importância das áreas de Ciências Naturais e do Ambiente da Universidade dos Açores e dos seus Centros no recrutamento de doutorados. Os Doutoramentos a realizar em Universidades do Continente são em número reduzido e na sua maioria tratam-se de Doutoramentos em especialidades também na área das Ciências da Natureza e do Ambiente. Apenas um doutoramento está a ser realizado na área das Humanidades (Universidade de Évora).

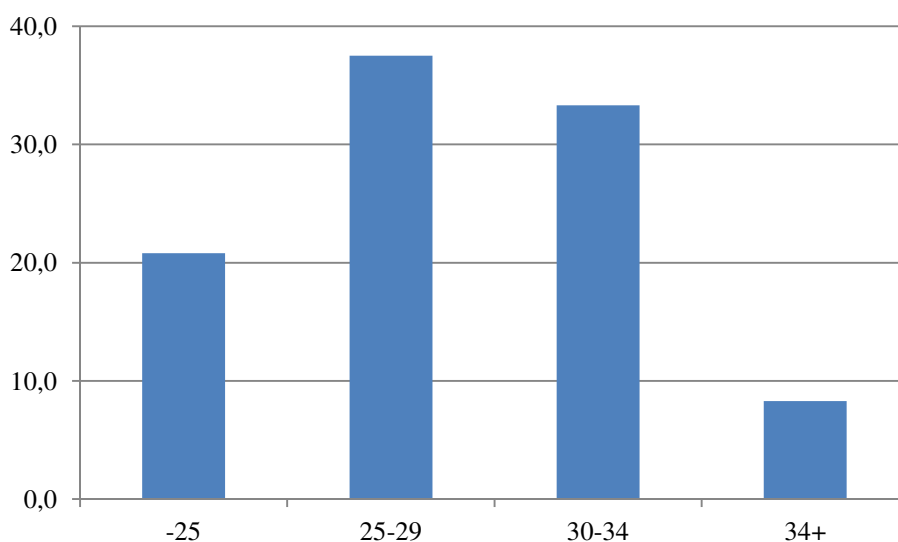
4.3. Técnicos nos Centros de Interpretação

Os dados disponibilizados para os Centros de Interpretação no domínio do Ambiente não nos permitem uma aprofundada caracterização dos jovens que trabalham nestes Centros que tem vindo a ser instrumentos significativos na investigação e, principalmente, na divulgação da ciência.

A ausência de dados sobre as habilitações literárias e o tipo de contrato de trabalho dos funcionários que desenvolvem a sua atividade nestes centros impedem relacionar estes jovens com os restantes grupos de jovens analisados neste estudo. Podemos, no entanto,

a partir da informação disponibilizada pela entidade que coordena estes centros (Azorina) verificar que existem, em 2015, 48 funcionários adstritos a estes centros.

Gráfico 4.3.1. Número de técnicos nos Centros de Interpretação, por grupo de idade, em 2015, (%)



FONTE: Direção Regional do Ambiente (Azorina), 2015

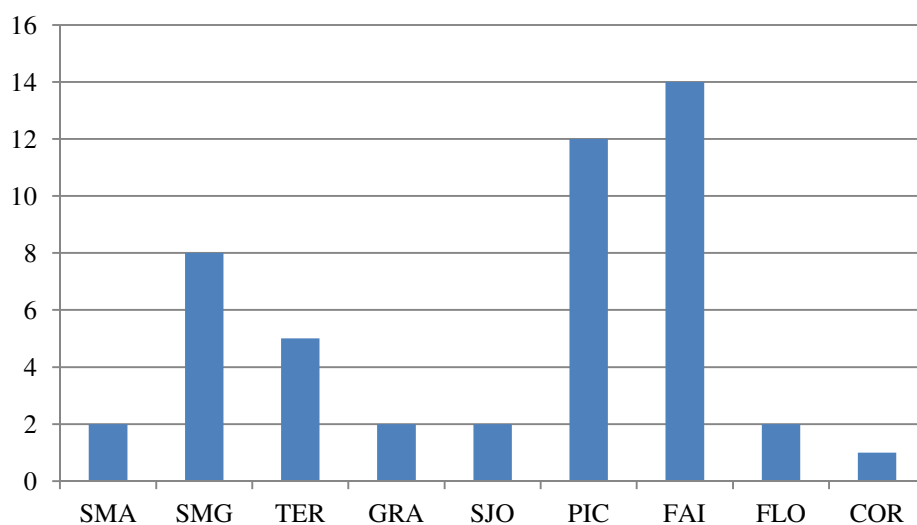
Em termos de grupos de idade verifica-se que estes têm idades superiores a 25 anos (Quadro 4.3.1 e Gráfico 4.3.1), mas que a maioria tem idades compreendidas entre os 25 e os 29 anos.

Quadro 4.3.1. Número de técnicos dos Centros de Interpretação, por grupo de idade, em 2015

			Grupos de Idade				Total
			<25	25-29	30-34	=>35	
Ano de Admissão	2011	n	0	4	6	1	11
		%	0,0%	22,2%	37,5%	25,0%	22,9%
	2012	n	1	2	5	2	10
		%	10,0%	11,1%	31,3%	50,0%	20,8%
	2013	n	0	2	1	1	4
		%	0,0%	11,1%	6,3%	25,0%	8,3%
	2014	n	2	4	1	0	7
		%	20,0%	22,2%	6,3%	0,0%	14,6%
	2015	n	7	6	3	0	16
		%	70,0%	33,3%	18,8%	0,0%	33,3%
Total		n	10	18	16	4	48
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Direção Regional do Ambiente (Azorina), 2015

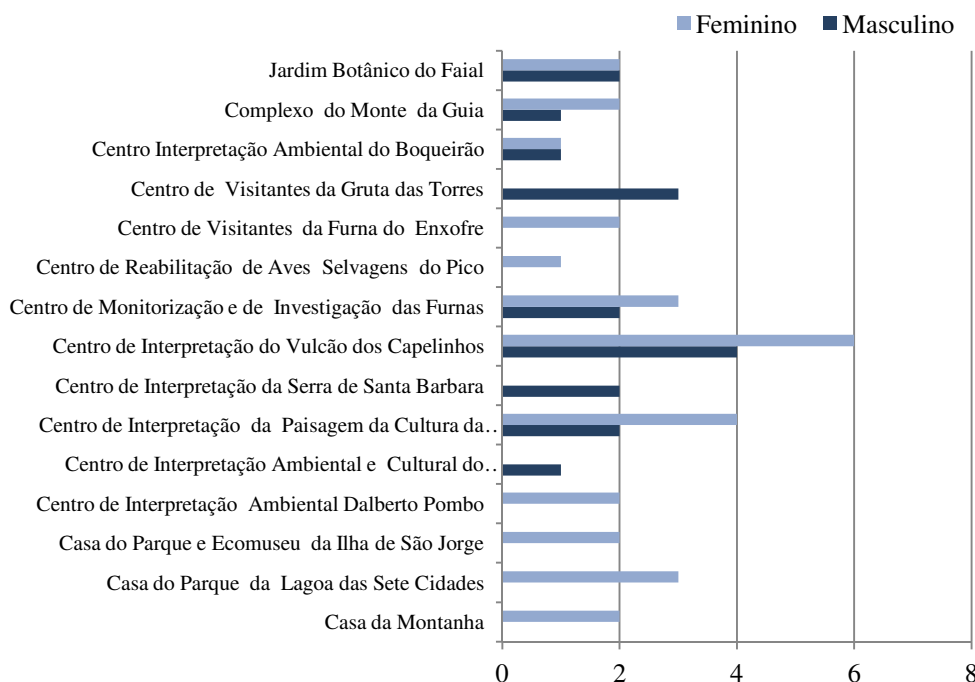
Gráfico 4.3.2. Número de técnicos nos Centros de Interpretação, por ilha, em 2015



FONTE: Direção Regional do Ambiente (Azorina), 2015

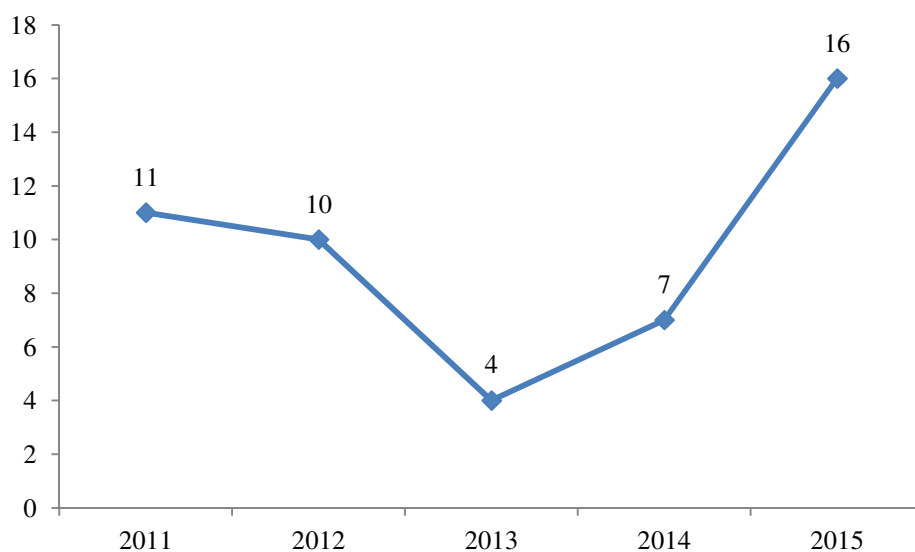
Dos 48 técnicos a trabalhar nos Centros de Interpretação dos Açores, a maioria são do sexo feminino, com uma Relação de Masculinidade de 60%. Estes técnicos distribuem-se pelos diferentes centros de interpretação existentes na Região com especial incidência nas ilhas do Pico, Faial, São Miguel e Terceira, conforme se pode constatar no Gráfico 4.3.2.

Gráfico 4.3.3. Número de técnicos por Centro de Interpretação e sexo, em 2015



FONTE: Direção Regional do Ambiente (Azorina), 2015

Gráfico 4.3.4. Evolução do número de técnicos admitidos, de 2011 a 2015



FONTE: Direção Regional do Ambiente (Azorina), 2015

Nos diversos Centros de Interpretação¹⁹ constata-se, ainda, que é muito variável a distribuição entre os sexos, sendo preponderante o feminino.

Verifica-se que a contratação destes técnicos tem vindo a acontecer, no período para o qual dispomos de dados, de uma forma regular com especial incidência nos anos de 2011, 2012 e 2015. Não tendo informação sobre a natureza do contrato não nos é possível caracterizar de modo mais aprofundado as condições de exercício profissional e de formação desta população.

Nota Conclusiva

Em termos conclusivos, podemos constatar que tanto a partir dos dados obtidos na Universidade dos Açores, como através do FRCT os bolsеiros caracterizam-se por serem uma população com percursos académicos longos (como é inerente à própria

¹⁹ Casa da Montanha, Casa do Parque da Lagoa das Sete Cidades, Casa do Parque e Ecomuseu da Ilha de São Jorge, Centro de Interpretação Ambiental Dalberto Pombo, Centro de Interpretação Ambiental e Cultural do Corvo, Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha, Centro de Interpretação da Serra de Santa Barbara, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Centro de Monitorização e Investigação das Furnas, Centro de Reabilitação de Aves Selvagens do Pico, Centro de Visitantes da Furna do Enxofre, Centro de Visitantes da Gruta das Torres, Centro de Interpretação Ambiental do Boqueirão, Complexo do Monte da Guia, Jardim Botânico do Faial

condição de técnicos altamente qualificados), com idades superiores a trinta anos que trabalham em Centros de Investigação principalmente nas áreas Ciências Naturais e do Ambiente. Os ciclos de contratação estão associados aos concursos públicos o que implica uma certa ciclicidade bem manifesta na informação relativa às datas de contratação e término das bolsas, sendo difícil, neste contexto, perceber a consistência e continuidade de um Política de Ciência na RAA.

No que diz respeito aos mecanismos de relação contratual, estamos perante populações com tipos de contrato diferenciados. Quanto aos bolseiros, a sua relação está regulada pelo estatuto do bolseiro, pelo que estão impedidos de desempenhar funções que correspondam a necessidades permanentes dos Serviços. O mesmo não se aplica aos jovens a trabalhar nos diversos Centros de Interpretação, independentemente do tipo de contrato pois a sua atividade é de âmbito profissional e não tanto de formação como acontece com os Bolseiros.

5. Ensino Profissional

Introdução

Na senda das orientações europeias para a educação e formação, também as políticas públicas nos Açores têm procurado criar as condições para o incremento das qualificações escolares das gerações mais jovens e contrariar indicadores que continuam a demonstrar taxas de insucesso escolar elevadas (em especial no ensino secundário) e um elevado abandono precoce de educação e formação, no contexto nacional e europeu²⁰.

Estas condições têm justificado a diversificação de ofertas formativas e a criação, no ensino regular, de ofertas formativas de dupla certificação como é o caso Programa Formativo de Inserção de Jovens (PROFIJ) e do Programa REATIVAR, especificamente direcionado para a formação de adultos (SREC, 2014). Os cursos do PROFIJ, ministrados em escolas do ensino regular e escolas profissionais, permitem que os jovens possam obter diplomas escolares equivalentes ao 3.º ciclo do ensino básico ou ao ensino secundário e certificados de qualificação profissional de nível II ou IV, respetivamente. Por seu turno, o programa REATIVAR está direcionado para a educação de adultos e permite igualmente percursos de dupla certificação que podem ser de nível básico (com equivalência aos 3 ciclos do ensino básico e/ou aos níveis de

²⁰ Segundo o “Plano Integrado de Promoção do Sucesso Escolar” (SREC, 2015), em 2014, a taxa de abandono precoce de educação e formação nos Açores era ainda a mais elevada (32,8%) no contexto nacional, e, em 2012/2013, no “3.º ciclo e no secundário, em cada quatro alunos, um ficou retido” (p. 6).

qualificação I e II) ou de nível secundário (com equivalência ao 12º ano de escolaridade e/ou nível de qualificação IV).

A aposta na formação neste tipo de formação assume o seu expoente máximo com a criação das escolas profissionais. Estas escolas – criadas em Portugal em 1983 – enquadram-se numa lógica de “responsabilidade partilhada entre o Estado e a Sociedade civil na formação de recursos humanos” (Marques, 1993: 14) e elegem como grandes objetivos a preparação de jovens para uma integração na vida ativa, facultando uma aproximação ao mundo do trabalho, ao mesmo tempo que permitem o prosseguimento de estudos.

As metas definidas pela União Europeia para 2020, no âmbito do Quadro Estratégico para a Cooperação Europeia no domínio da Educação e Formação, apontam para o incremento da escolarização no ensino secundário (85% dos jovens com 22 anos), desiderato que se torna particularmente desafiante para Portugal onde a taxa real bruta de escolarização no ensino secundário é, em 2013, de 73,6% (PORDATA) e a proporção de jovens com idade entre os 20 a 24 anos, que completou pelo menos o ensino secundário é, em 2011, de 60,8% (INE, 2012). No caso dos Açores, e apesar dos progressos assinaláveis registados entre 2001 e 2011, verificamos que em 2011 a proporção de jovens com idade entre os 20 a 24 anos, que completou pelo menos o ensino secundário, é de 42,9% (INE, 2012).

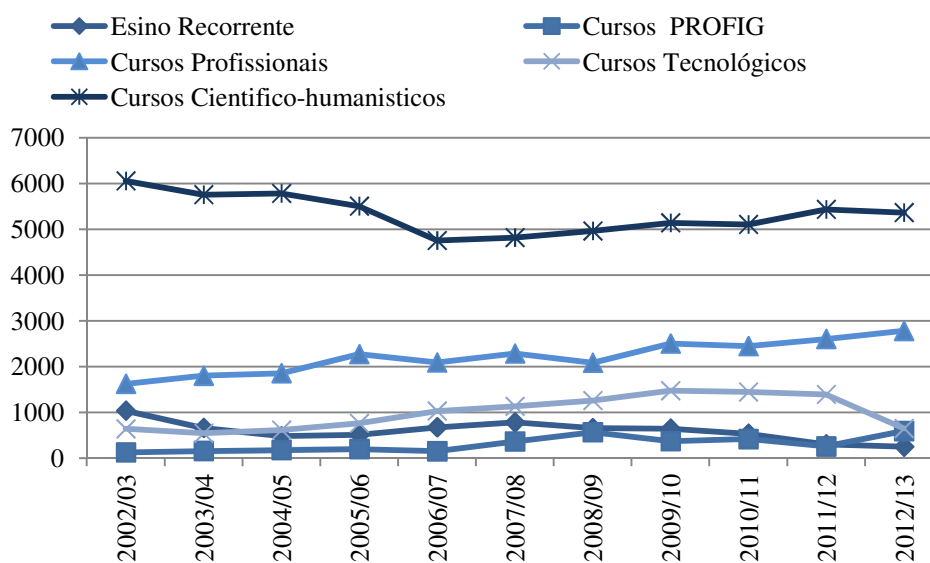
5.1. Evolução Global

Neste contexto, e em face do prolongamento da escolaridade obrigatória para 12 anos e dos quantitativos do insucesso escolar no ensino secundário²¹, torna-se crucial para a pensar a oferta formativa neste nível de ensino. As possibilidades atualmente existentes dividem-se entre as vias científico-humanísticas e as vias profissionalizantes (de dupla certificação).

²¹ Como referimos em Rocha *et al* (2012), entre 2000 e 2010 as taxas de retenção neste nível de ensino aproximam-se dos 30%. Em 2012/2013 esses valores mantêm-se nos 26,3% (SREC, 2014).

Como podemos verificar no gráfico²² seguinte, os cursos profissionais exercem sobre os jovens uma atratividade crescente ao longo do período em análise, contrariamente ao que se verifica na procura pelos cursos exclusivamente orientados para o prosseguimento de estudos (via científico-humanística) que têm uma quebra significativa ao longo dos anos em apreciação. Os dados disponíveis para o contexto nacional²³ também salientam que esta oferta formativa se tem vindo a afirmar entre a juventude, pois em 2011/2012 quase metade dos jovens (42,8%) que frequentam o ensino secundário fazem-no nesta modalidade formativa (CNE, 2014). Nos Açores, no mesmo ano letivo, a percentagem de jovens que frequenta o ensino secundário numa das vias profissionalizantes²⁴ é ligeiramente superior (45,6%). Já as outras vias profissionalizantes (PROFIG, cursos tecnológicos e ensino recorrente) parecem não exercer grande poder de atração sobre a população estudantil.

Gráfico 5.1.1. Distribuição de alunos matriculados no ensino secundário, por modalidade de ensino (ensino público e privado), de 2002/2003 a 2012/2013



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura (SREC, 2014)

²² Neste ponto do relatório preferimos apresentar a generalidade dos gráficos usando os valores absolutos uma vez que, dado que se trata de uma modalidade formativa diretamente articulada com o mercado de trabalho, consideramos que é importante perceber os quantitativos que estão a ser efetivamente disponibilizados em cada unidade territorial considerada.

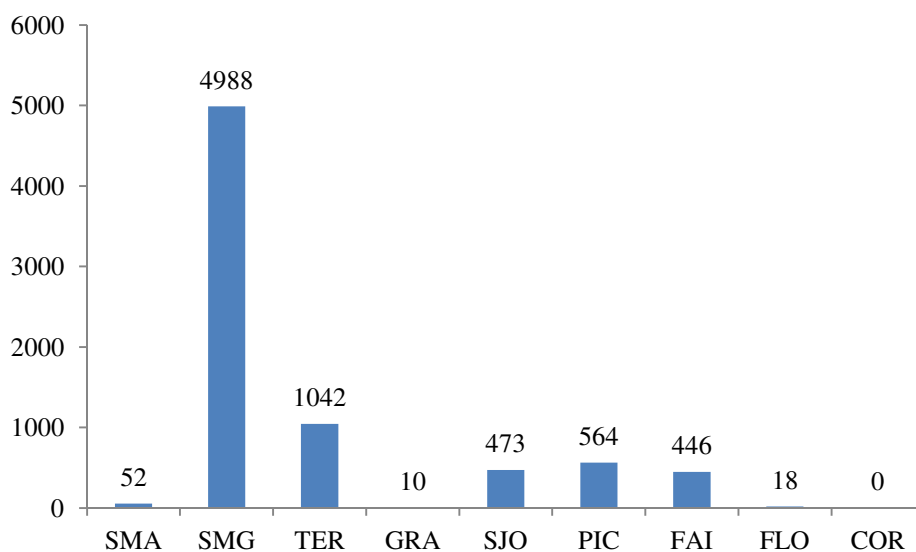
²³ Em Portugal Continental as ofertas formativas profissionalizantes são: “cursos profissionais, cursos de educação e formação, cursos artísticos especializados, cursos aprendizagem, e mesmo os cursos tecnológicos, atualmente em descontinuação” (CNE, 2014, p. 19-20).

²⁴ De notar que, e tendo em conta o objeto em estudo neste relatório, as nossas pretensões direcionavam-se para contemplar nesta análise apenas os jovens diplomados, mas os dados disponíveis (SREC) catalogam na mesma categoria as “conclusões” de um curso e as respetivas “aprovações”. Os jovens referenciados são os que aprovam/concluem o último ano dos cursos profissionais de nível IV.

A oferta de ensino profissional tem lugar em escolas profissionais, públicas ou privadas, ou em escolas secundárias da rede pública. Se atendermos à distribuição pelas diferentes ilhas salienta-se a desigual distribuição desta oferta formativa.

O gráfico 5.1.2²⁵. demonstra que a ilha mais populosa dos Açores (com 55,9% da população) concentra também o maior número de jovens que frequentam este nível de formação, entre os anos letivos de 2001/2002 e 2013/2014. Das cinco ilhas que integram o grupo central, a que apresenta uma procura de formação mais expressiva é a Terceira, sendo que na Graciosa essa procura é muito residual no período analisado. A oferta de ensino profissional nas ilhas do Pico, S. Jorge e Faial é relativamente equivalente e expressiva, pouco significativa em Santa Maria e inexistente nas ilhas do grupo ocidental.

Gráfico 5.1.2. Distribuição do número de jovens que aprovam/concluem o ensino profissional, por ilhas, no período de 2001 a 2014



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

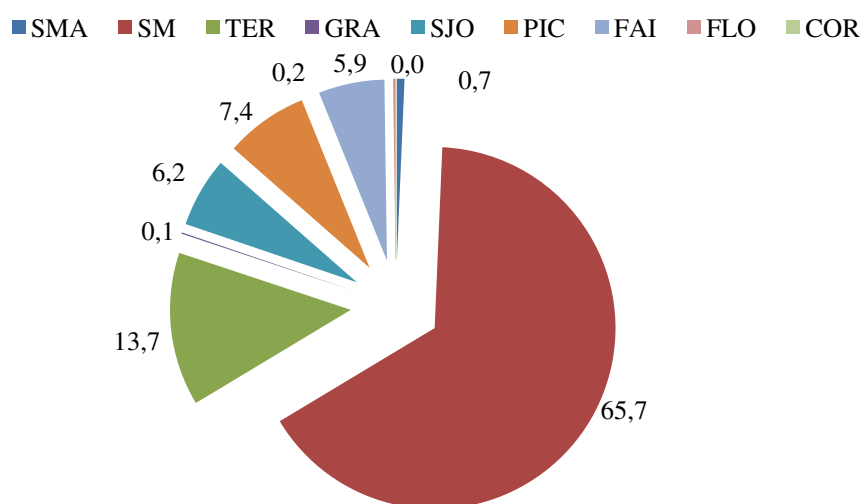
Este desequilíbrio na procura entre ilhas resulta, em primeiro plano, do desequilíbrio na distribuição da população pelas diferentes unidades territoriais do arquipélago, como

²⁵ Relativamente à apresentação dos dados, independentemente das variações observadas em cada um dos anos, trataremos a informação da totalidade do período em análise, ou seja, o somatório referente aos anos 2001/2002 a 2013/2014. Como referimos anteriormente, esta opção, que sacrifica a evolução anual, possibilita a simplificação de informação, para efeitos de visualização e de análise, porque permite minimizar as flutuações que derivam da pequenez dos efetivos observados em cada ano.

vimos no primeiro capítulo, mas o tendencial envelhecimento demográfico das ilhas, decorrente de um declínio da natalidade e da mortalidade, também poderá produzir efeitos, pois são justamente as ilhas do grupo central e ocidental que têm menor percentagem de jovens (INE, 2012) e estão a perder população²⁶.

Com efeito, se observarmos a importância relativa dos jovens no ensino profissional em cada uma das ilhas e a percentagem de cada uma delas no contexto regional, verifica-se uma diferença muito significativa, desde logo porque São Miguel apresenta um valor bastante superior, da ordem dos 61%, quando em termos globais regista um quantitativo da ordem dos 56%, como anteriormente referimos. Mesmo a ilha Terceira, que tem cerca de 23% da população do arquipélago apresenta neste contexto um quantitativo mais baixo, com uma diferença de cerca 8 pontos percentuais. Sublinhe-se, no entanto que as ilhas de São Jorge e Pico têm nos alunos do ensino profissional um peso relativo bastante mais elevado do que tem volume global da população, sendo que no Faial se verifica uma situação similar entre as os estudantes deste nível de ensino e a sua população, com valores, da ordem dos 6%.

Gráfico 5.1.3. Distribuição do número de jovens que aprovam / concluem o ensino profissional, por ilhas, no período de 2001 a 2014, (%)

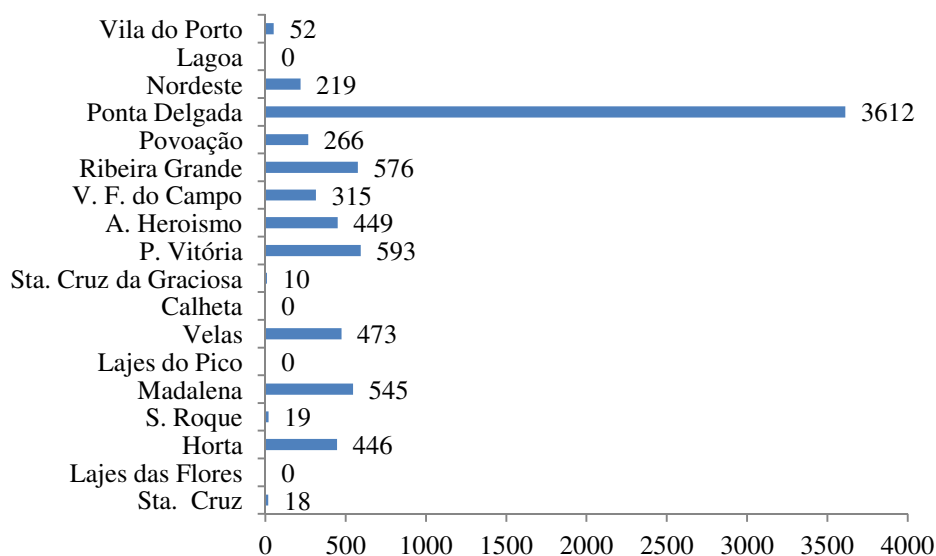


FONTE: INE, Censo de 2011; Secretaria Regional de Educação e Cultura

²⁶ Segundo o INE (2012) S. Jorge, Pico e Graciosa, perdem entre 2001 e 2011, respetivamente, 5,2%, 4,4% e 8,1% da população. Nas Flores este decréscimo é de 5,1% (p. 18). Esta não é, todavia, uma tendência recente, manifestando-se em períodos anteriores ao acentuado declínio da natalidade e da mortalidade. (Rocha, 1991; 2008a, 2013a)

As desigualdades na oferta formativa confirmam-se quando analisamos a sua distribuição pelos diferentes concelhos do arquipélago. E aqui convém notar que, contrariamente ao procedimento utilizado nos pontos anteriores do relatório, privilegiamos, como unidades territoriais de análise, não só a ilha mas também o concelho, dado que são cursos com um forte enraizamento local, desenhados para suprir necessidades de formação definidas a este nível de intervenção.

Gráfico 5.1.4. Distribuição do número de jovens que aprovam / concluem o ensino profissional por concelhos, de 2001 a 2014



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

O gráfico anterior reitera a tendência de concentração da oferta formativa no concelho de Ponta Delgada. Os dois concelhos da ilha Terceira apresentam dados muito equivalentes entre si e que se aproximam dos verificados para a Horta, Madalena ou Velas.

Muito provavelmente o imperativo de alongamento da escolaridade obrigatória para 12 anos exigirá a intensificação de ofertas formativas de cariz profissionalizante, pedagogicamente mais sensíveis à diversidade cultural e social dos jovens, aliás na linha do que tem acontecido nos países europeus onde a taxa de escolarização no ensino secundário se aproxima das metas estabelecidas pelo Horizonte 2020.

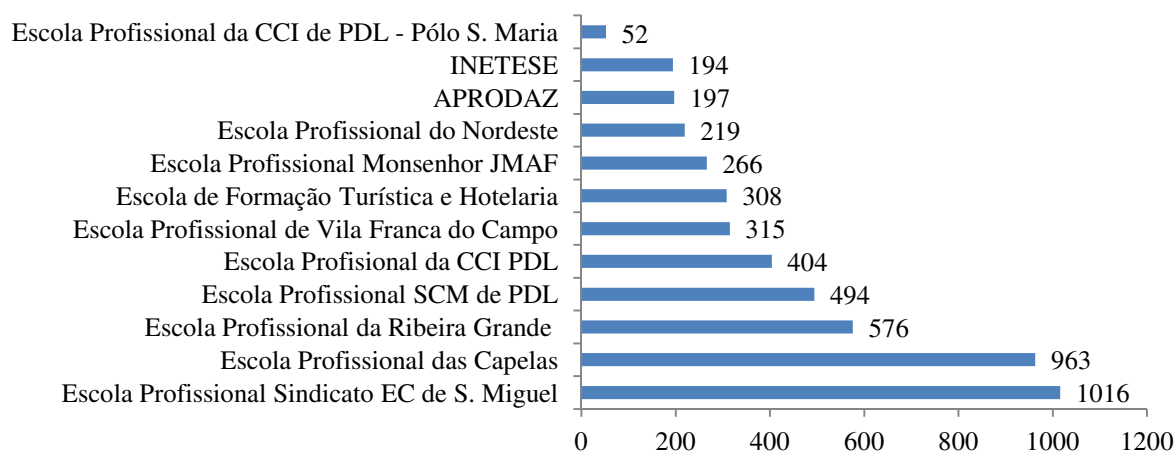
Os problemas decorrentes do isolamento e a descontinuidade geográfica dos Açores, e do seu efeito potencialmente dissuasor sobre a procura de qualificações, requerem atenção redobrada ao ordenamento da rede educativa, em especial à sua distribuição

territorial e pertinência local. Como tivemos oportunidade de referir anteriormente (Rocha *et al*, 2012), e tendo por base as propostas avançadas por alguns atores políticos diretamente implicados nas questões educativas, são várias as críticas dirigidas ao ordenamento da oferta do ensino profissional, apesar de ser consensual o papel insubstituível desta oferta no contexto do sistema de formação regional. Os principais comentários dirigem-se à desarticulação entre o que poderão ser as necessidades da economia regional e as formações que estão a ser concretizadas pelas diferentes escolas profissionais.

5.2. Evolução por instituição

As escolas profissionais açorianas estão implantadas em sete ilhas, como já vimos, e são promovidas por diferentes entidades, incluindo o Governo Regional, Associações Empresariais, Instituições Particulares de Solidariedade Social, Corporações Profissionais e Sindicais, Autarquias, Associações de Desenvolvimento Local ou promovidas por parcerias entre Governo Regional, empresas públicas e Associações Empresariais. Das dezassete escolas atualmente existentes na Região, apenas uma é pública²⁷.

Gráfico 5.2.1. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, por instituição, de 2001 a 2014 (ilhas do grupo oriental)



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

²⁷ De entre as instituições públicas que oferecem formação profissionalizante de nível IV temos ainda, no período considerado, as seguintes escolas: EB 2,3 de São Roque do Pico, EB 2/3 S da Graciosa, Escola Secundária Domingos Rebelo e Escola Secundária Vitorino Nemésio. Optámos por excluir estas escolas porque o número de alunos que frequenta estas formações é muito reduzido.

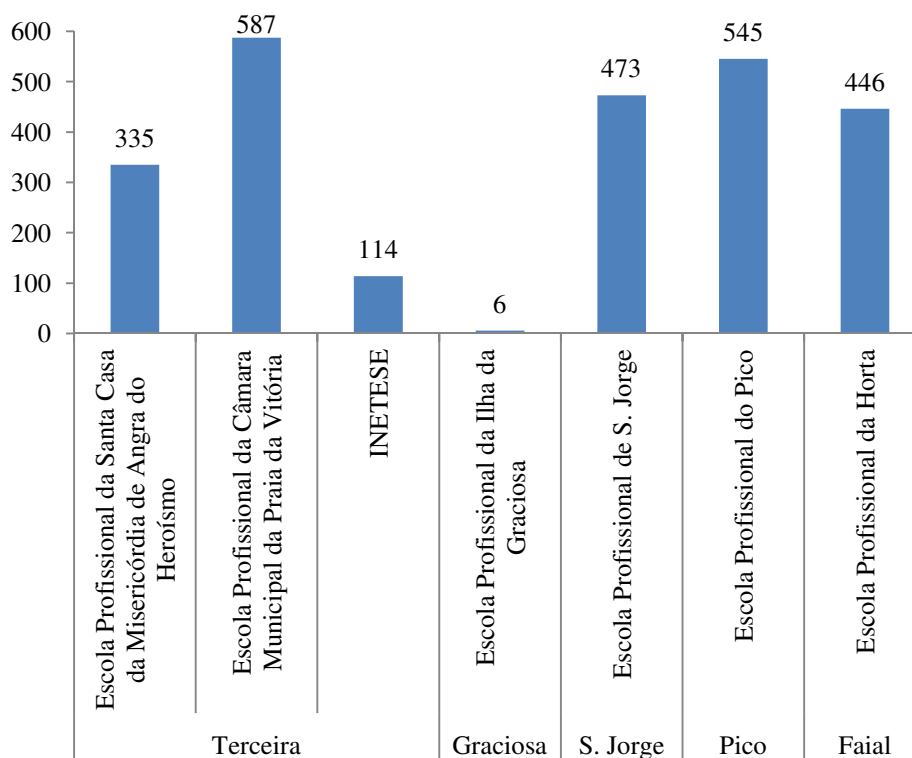
A ilha de S. Miguel tem não só o maior número de alunos como ainda um conjunto significativo de escolas profissionais. Das dezassete escolas existentes, onze situam-se na maior ilha do grupo oriental, que concentra 65,7% dos alunos que estão a ser formados nesta modalidade formativa.

Há duas escolas que ombreiam numa formação quantitativamente mais significativa de efetivos: a escola promovida pelo Sindicato do Comércio e Indústria de Ponta Delgada e a escola das Capelas. Ainda que com um número mais reduzido de efetivos, também se destacam as escolas da Ribeira Grande e da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada.

Na ilha de Santa Maria apenas existe uma delegação da escola da Câmara de Comércio e Indústria que, ao longo dos treze anos em análise, formou 52 efetivos.

Nas ilhas do grupo central, destacam-se as escolas do Pico, Faial e S. Jorge com um número muito significativo de alunos, bem como a escola profissional da Câmara Municipal da Praia da Vitória na ilha Terceira.

Gráfico 5.2.2. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, por instituição, de 2001 a 2014 (ilhas do grupo central)



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

Significativa é também a contribuição da escola da Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo para a formação de profissionais em diferentes áreas de formação. O impacto da escola profissional da Graciosa na formação de profissionais é numericamente muito reduzido, ao longo do período em análise.

5.3. Evolução por Idade e Sexo

Torna-se pertinente analisar agora a evolução da frequência do ensino profissional tendo em conta algumas variáveis sociodemográficas, designadamente distribuição etária e por sexo.

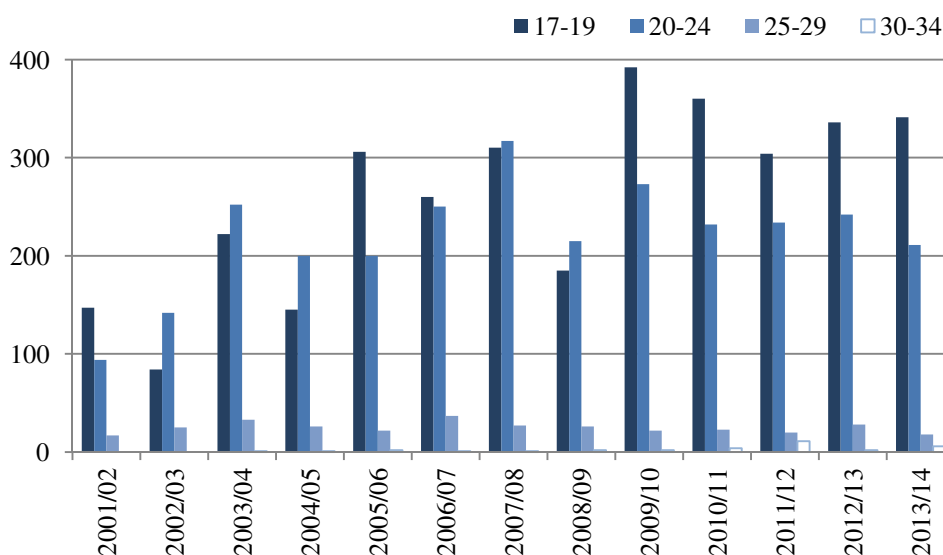
Tradicionalmente, o ensino profissional afirmou-se como um ensino direcionado para jovens com dificuldades de integração no sistema de ensino regular, ou como refere Santos Silva (1999), configurou-se historicamente como um ensino de “segunda oportunidade”, atraindo, por isso, principalmente jovens oriundos de grupos sociais mais desfavorecidos. A situação atual é manifestamente diferente, pois sabemos hoje que estes cursos constituem cada vez mais uma escolha orientada pela concretização de um projeto profissional e não necessariamente condicionada a desempenhos escolares anteriores. Alguns dos fatores que terão contribuído para o sucesso destas ofertas formativas, e para a sua crescente atratividade, derivam de formas de funcionamento pedagógico de proximidade, centradas nos jovens e nas suas necessidades formativas, bem como do facto de as formações propostas terem uma forte inserção local e uma razoável empregabilidade, comparativamente com os cursos gerais do ensino secundário ou até, nalgumas áreas de formação, com cursos pós-secundários ou formação graduada.

No caso dos Açores, e como salientámos em estudos anteriores (Rocha *et al.*, 2012; Palos, 2003), a opção pelo ensino profissional parece ser muito condicionada à qualidade das trajetórias escolares anteriores e quando analisamos a estrutura etária desta população escolar percebemos que a maioria dos jovens o faz em idades avançadas em relação à *idade ideal* de frequência do ensino secundário.

A distribuição dos jovens por idades permite perceber, desde logo, que ao longo dos anos em análise aumenta significativamente o número dos que se inserem neste tipo de formação, e alguns dos frequentadores destas fileiras formativas tendem a fazê-lo em

idades cada vez mais jovens, o que se torna mais visível a partir do ano letivo de 2009/2010. Em contrapartida, também nos anos mais recentes cresce ligeiramente o número de jovens com mais de 30 anos que procuram este tipo de formação.

Gráfico 5.3.1. Distribuição do número de jovens que aprovam / concluem o ensino profissional, por idades, de 2001 a 2014



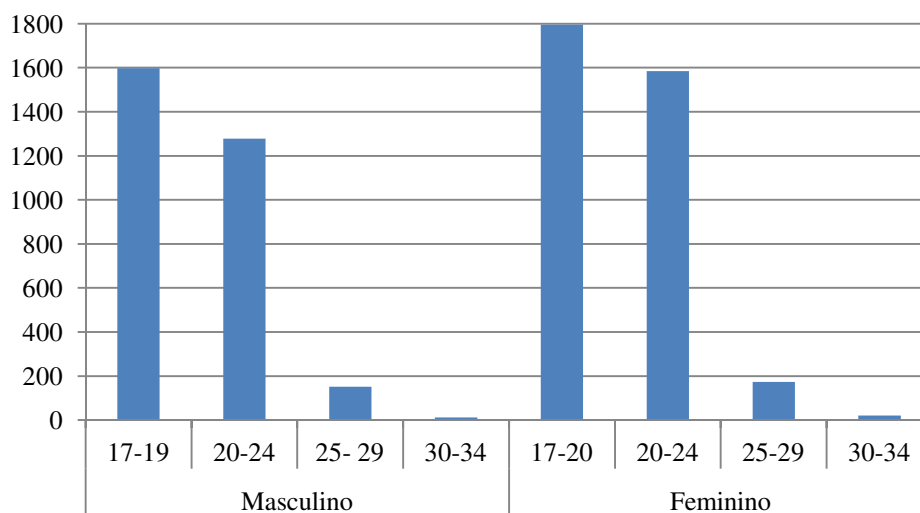
FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

Mas em qualquer um dos anos considerados é sempre muito significativo o número de jovens com idade superior a 20 anos que recorre a estas escolas para concluir uma formação equivalente ao 12º ano de escolaridade. Tal significa que em cada ano letivo em análise cerca de metade, ou mesmo mais de metade, dos jovens que frequentam um curso profissional ultrapassaram a “idade normal” de frequência deste nível de ensino. Este desfasamento etário²⁸ pode ajudar a comprovar, como referimos anteriormente, a importância do ensino profissional como via alternativa ao ensino regular, sendo perspectivado pelos jovens e famílias como a oportunidade para debelar potenciais fracassos e consequentes processos de abandono escolar precoce. Este papel do ensino profissional no combate ao abandono escolar precoce surge assumido na nota informativa de setembro, do CEDEFOP (2015), que demonstra que os países com as mais elevadas taxas de frequência e aprovação no ensino profissional são os que apresentam taxas de abandono escolar precoce mais baixas (inferiores à meta da UE).

²⁸ Que já tínhamos verificado em Rocha *et al* (2012).

Tal não obsta a que grande parte desta procura seja subordinada à concretização de um projeto profissional ou à sua reconfiguração, pois não é de negligenciar que alguns destes jovens mais velhos acedam a uma formação para adquirir qualificação profissional que lhes permita reorientar projetos profissionais e/ou escapar ao desemprego.

Gráfico 5.3.2. Distribuição do número de jovens que aprovam / concluem o ensino profissional, por grupos de idade e sexo, de 2001 a 2014



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

É também perceptível que a grande maioria de jovens frequentam o ensino profissional até aos 24 anos, sendo residuais os que o fazem depois dos 30 anos.

Se tivermos em conta a composição etária, segundo o sexo percebemos que, entre os alunos que entre 2001/2002 e 2013/2014 frequentaram as escolas profissionais da Região, existe uma relativa supremacia das raparigas para qualquer um dos grupos de idade considerados. Tal significa que estamos a assistir no ensino profissional a uma feminização progressiva, que contraria a tendência de crescimento inicial destas ofertas profissionalizantes. De facto, em 2000, o relatório introdutório ao QCA (Quadro Comunitário de Apoio-QCAIII) evidenciava a “fraca participação feminina em cursos das escolas profissionais” (p. 21) consideradas ainda, em certa medida, um reduto masculino que preparava para profissões tradicionalmente marcadas por estereótipos de género. Apesar do incremento do acesso das raparigas e estas ofertas formativas, convém frisar que estes estereótipos ainda se mantêm, sendo mais significativa a feminização em cursos das áreas de “serviços de apoio a crianças e jovens” ou “trabalho

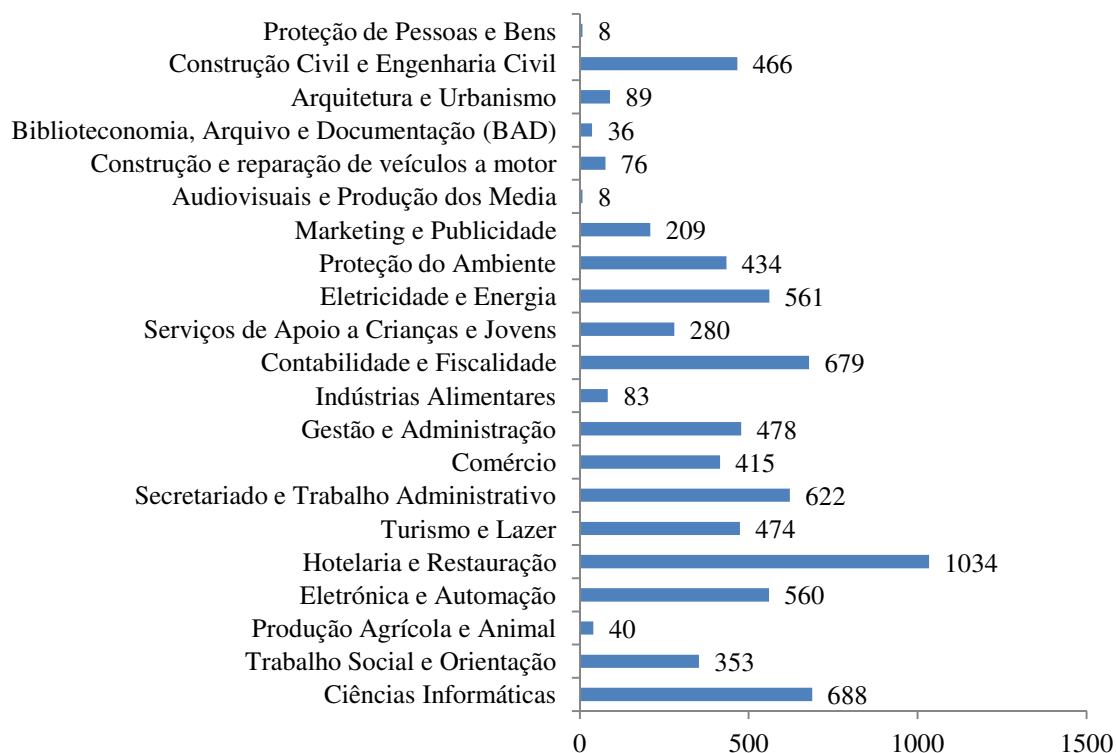
social e orientação” e menos significativa nas áreas ligadas à engenharia, computação ou construção, como veremos mais adiante.

5.4. Evolução por área de educação e formação

Neste ponto apreciaremos a atratividade que as diferentes áreas de educação e formação exercem junto dos jovens que na Região se inscrevem no ensino profissional. A categorização das áreas seguiu os referenciais previsto no Catálogo Nacional de Qualificações²⁹.

Quando analisamos a procura de cursos, por áreas de educação e formação, verificamos que esta é muito diversificada e que a oferta formativa disponível nos últimos 13 anos na Região é objeto de procura diferenciada.

Gráfico 5.4.1. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, nos Açores, por área de educação e formação, rede pública e privada, de 2001 a 2014



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

²⁹ Informação disponível em <http://www.catalogo.anqep.gov.pt/>.

Se tivermos em conta a evolução da procura no contexto dos Açores, representada no gráfico anterior, verificamos que se configuram dois grupos distintos. O primeiro integra os cursos mais procurados: “ciências informáticas”, “hotelaria e restauração”, “eletrónica e automação”, “contabilidade e fiscalidade”, “eletricidade e energia”. A par da aposta na formação direcionada para um setor económico tradicionalmente considerado prioritário na Região – como é o caso do turismo – vemos que ao longo do período em análise se intensifica a formação de profissionais para subsectores da economia relacionados com a sociedade da informação e do conhecimento. Como referimos num trabalho anterior (Palos, 2014) entre 2008 e 2012 os Açores registam um acréscimo de unidades empresariais relacionadas com a informatização e com o setor financeiro, com conseqüente acréscimo de população ativa ocupada nestes subsectores.

Em contrapartida, no grupo dos cursos menos procurados figuram as áreas das “indústrias alimentares”, “produção agrícola e animal”, o que provavelmente resulta do facto de nos últimos anos (mais especificamente entre 2008 e 2012) se registar uma retração nítida do número de unidades empresariais e dos quantitativos do emprego no subsector “agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca”, ou uma redução acentuada do número de trabalhadores envolvidos no subsector “indústrias transformadoras” ³⁰(Palos, 2014).

5.5. Perfis

Partindo dos dados estatísticos disponíveis, iremos agora procurar aprofundar a análise procedendo ao cruzamento de alguma informação disponibilizada nos pontos anteriores. Os dados de que dispomos apenas nos permitem focar a variabilidade da informação em função do sexo, áreas científicas de educação e formação e a ilha onde a formação decorre.

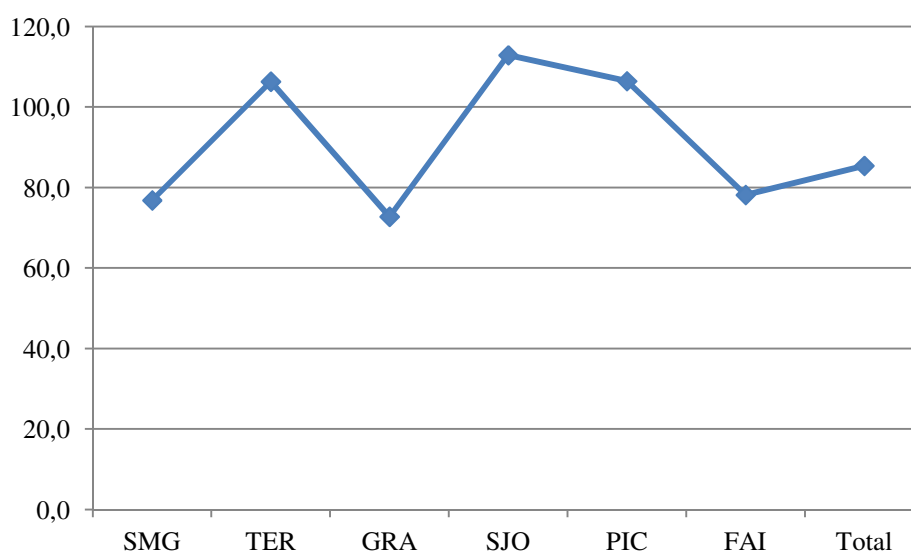
Focamos, num primeiro momento, a relação entre homens e mulheres neste subsistema de formação.

O cálculo da Relação de Masculinidade permite-nos reafirmar o que já tínhamos salientado anteriormente e que revela que, também no ensino profissional, a

³⁰ Entre 2008 e 2012, o setor das “indústrias transformadoras” perdeu postos de trabalho (- 18,3%) e na “agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca” registou-se uma retração do número de empresas (- 42,2%) e do número de trabalhadores (-27,7%) (Palos, 2014).

feminização é uma realidade, pois o seu valor total é de 85,4%. A contabilização da diferença entre homens e mulheres nas diferentes ilhas demonstra que em São Miguel, Graciosa e Faial a formação de efetivos femininos é, no período em análise, superior à formação dos efetivos masculinos. Já nas ilhas Terceira, Jorge e Pico há mais jovens do sexo masculino a concluírem cursos profissionais.

Gráfico 5.5.1. Relação de Masculinidade dos alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, por ilha, de 2001 a 2014, (%)



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

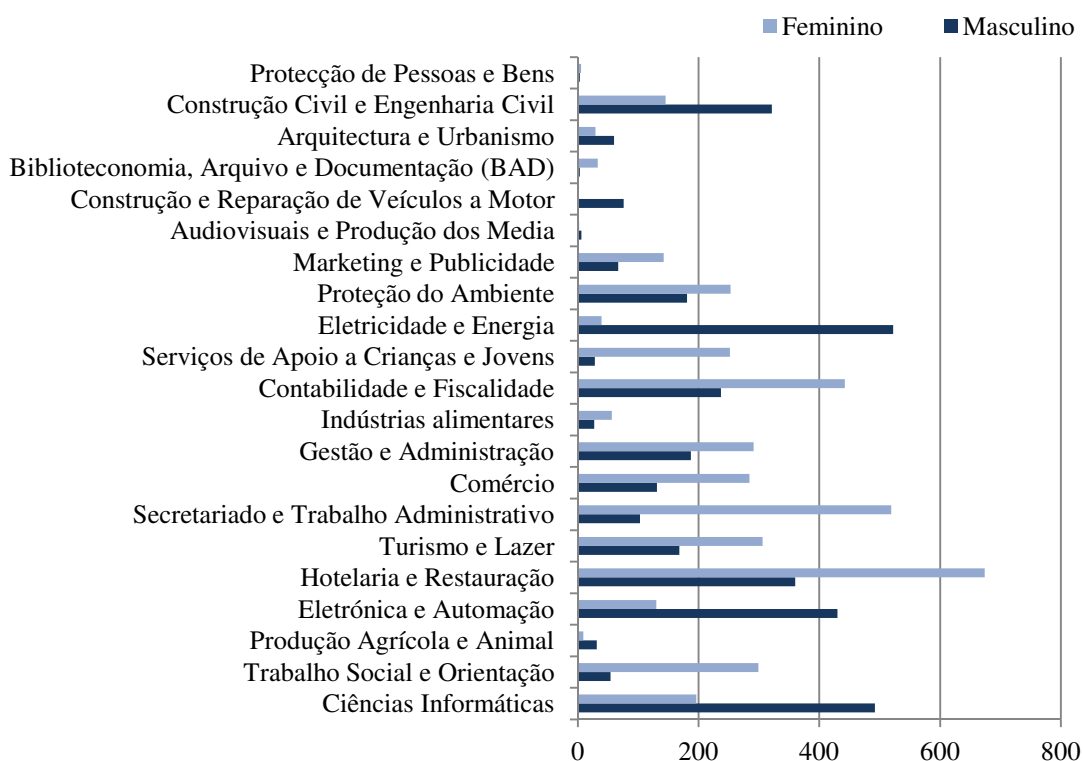
Mas, para além desta variabilidade na frequência dos cursos pelos rapazes e pelas raparigas, constata-se diferenças assinaláveis no que respeita à frequência das áreas científicas de educação e formação por ambos os sexos.

Dado que estamos em presença de cursos vocacionados para o mercado de trabalho importa, num primeiro momento, focalizar genericamente a evolução das oportunidades de inserção profissional entre homens e mulheres. Se tivermos em conta os dados registados nos três últimos recenseamentos da população, percebemos que também nos Açores há uma progressiva e acentuada diminuição da população empregada masculina e uma crescente feminização desta população. Entre 1991 e 2011, a percentagem de homens empregados passa de 72,3% para 56,3% e as mulheres que, em 1991, representavam apenas 27,7% desta população passam a representar, em 2011, 43,7% (SREA).

Na análise que realizámos da mão-de-obra assalariada entre 2008 e 2012 (Palos, 2014), percebemos que esta feminização é diferenciada segundo os setores de atividade. Nos subsetores do “alojamento, restauração e similares”, “atividades administrativas e serviços de apoio”, “educação” e “atividades de saúde humana e apoio social” a feminização regista os valores mais elevados.

Provavelmente decorrente das maiores oportunidades de emprego nestes subsetores, mas também da aplicação de alguns saberes-fazeres mais tradicionais da atividade feminina, mesmo a nível doméstico, verificamos que é para estas áreas de educação e formação que se dirige a maior procura por parte das raparigas açorianas, entre 2001 e 2014.

Gráfico 5.5.2. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, por área de educação e formação e por sexo, de 2011 a 2014



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

Como percebemos pelo gráfico anterior é nas áreas do “trabalho social e orientação”, “hotelaria e restauração”, “turismo e lazer”, “secretariado e trabalho administrativo” que a feminização é mais significativa. Também se torna evidente que as áreas da “protecção ambiental” e do “marketing e publicidade” estão a atrair cada vez mais as jovens açorianas. Por seu turno, os cursos mais relacionados com a informática, a eletrónica, a

construção civil, a eletricidade e energia ou a construção e reparação de veículos continuam a constituir redutos masculinos, o que também configura a tradição masculina associada a este tipo de conhecimentos e atividades.

Mas sabemos que a feminização não se traduz em iguais condições e oportunidades profissionais. Como demonstramos num trabalho anterior (Palos, 2014), em certos subsectores da economia regional, designadamente na “educação” e “atividades de saúde humana e apoio social”, a presença massiva das mulheres não obsta a que os assalariados masculinos figurem em maior número nos postos de trabalho mais qualificados, ainda que os padrões de escolarização sejam similares, pois as taxas de escolarização a nível do ensino secundário, profissional, pós secundário e superior da população assalariada, entre 2008 e 2012, são muito aproximadas entre homens e mulheres.

Por último, importa focalizar a distribuição das ofertas formativas nas diferentes ilhas³¹, em função das áreas de educação e formação. Anteriormente referimos que, ao longo do período em análise, tendia a decrescer a procura para os cursos direcionados para os setores mais tradicionais da economia e a aumentar para os cursos direcionados para a economia das sociedades da informação e do conhecimento ou para o terceiro setor. Esta tendência de evolução geral é confirmada nos relatórios do CEDEFOP a que já aludimos.

Quando analisamos a distribuição das ofertas formativas pelas diferentes ilhas – aquelas em que a oferta é mais significativa – torna-se saliente que em S. Miguel (gráfico 5.5.3) e na Terceira (gráfico 5.5.4) a formação nas áreas da “hotelaria e restauração” é a que exerce maior atratividade junto dos jovens destas ilhas.

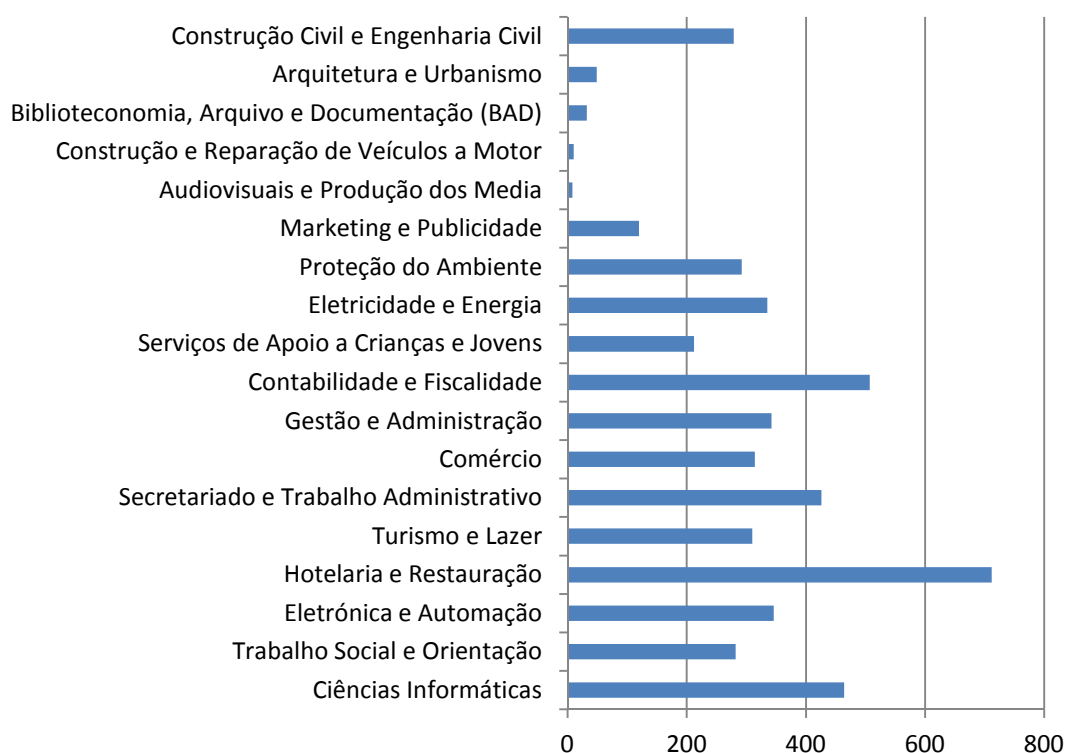
A terciarização da economia da ilha justifica a significativa procura para os cursos da área da “contabilidade e administração” e “secretariado e trabalho administrativo”. A expansão de unidades empresariais ligadas às “atividades de informação e comunicação” justifica a procura também significativa para os cursos de “ciências informáticas” e “eletrónica e automação”. Ao longo do período em análise existem áreas de formação que contam com cerca de três centenas de profissionais especializados, como é o caso

³¹ Nesta análise das ofertas formativas por ilha não incluímos a Graciosa dado que os dados disponíveis apontam para apenas 10 formandos que concluíram, nos anos em análise, uma formação na área do “turismo e lazer”.

do “turismo e lazer” ou “comércio” ou “gestão e administração”. Um pouco abaixo destes valores temos os cursos direcionados para a “construção civil e engenharia civil” ou “trabalho social e orientação” ou, ainda, “proteção do ambiente”.

A procura de cursos na ilha Terceira acompanha a tendência encontrada para S. Miguel, ainda que com quantitativos menos expressivos.

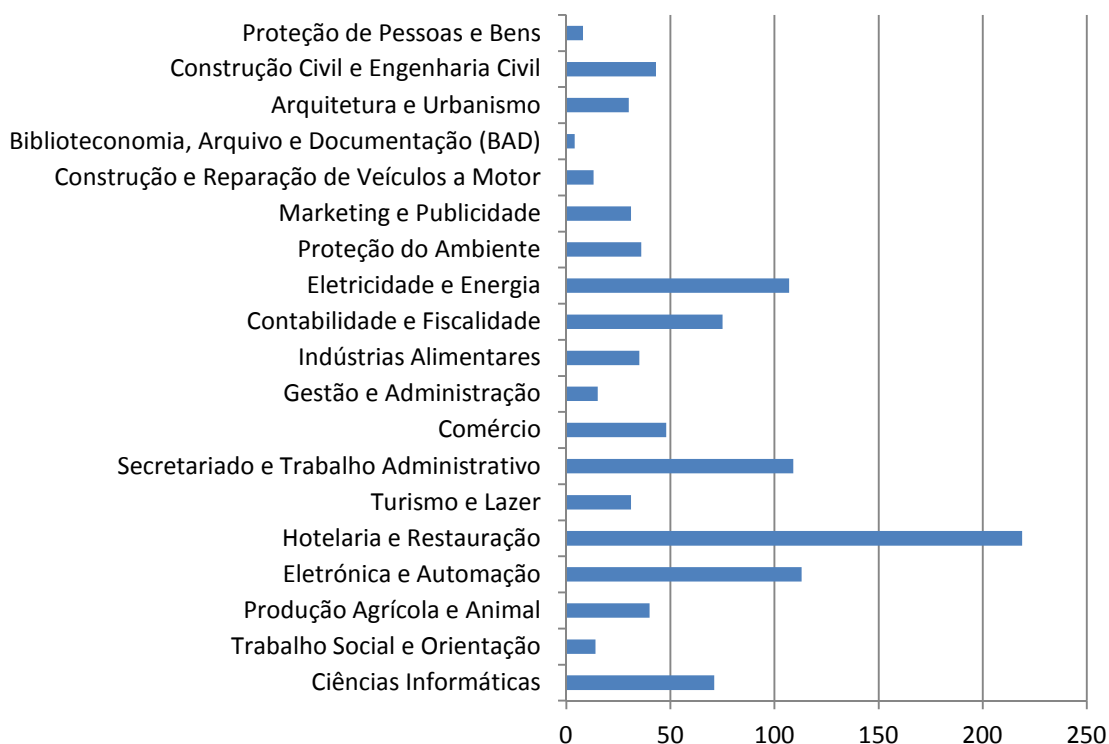
Gráfico 5.5.3. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, em S. Miguel, por área de educação e formação, de 2001 a 2014



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

Apenas a Terceira apresenta formações direcionadas para técnicos direcionados para as “indústrias alimentares” e “produção agrícola e animal”. Aliás os subsetores das “indústrias transformadoras” e “agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca” são tidos como apostas estratégicas de desenvolvimento para a ilha, contempladas no *Plano de Revitalização Económica da ilha Terceira* (PREIT), no sentido de criar condições – designadamente fiscais – para incentivar o crescimento e a diversificação da produção local, no domínio do setor primário da economia, e também o acréscimo de investimento no setor industrial.

Gráfico 5.5.4. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, na Terceira, por área de educação e formação, de 2001 a 2014



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

O “trabalho social e orientação” ou a “gestão e administração” encontram-se entre as áreas menos procuradas pelos jovens terceirenses.

A análise da distribuição da procura das áreas de formação para as ilhas de S. Jorge, Pico e Faial torna saliente uma diversidade de áreas em que se inserem os cursos procurados.

Em São Jorge a maior procura dirige-se para as “ciências informáticas” e para a “construção civil e engenharia”, seguidas da “eletricidade e energia” e “hotelaria e restauração”. Considerando que tradicionalmente a economia desta ilha assenta, para além da pecuária e pescas, nas indústrias dos lacticínios e conservas também se evidencia alguma aposta, ainda que menos significativa, na formação de mão-de-obra direcionada para as indústrias alimentares. De entre os cursos menos procurados salientam-se o “comércio” e a “gestão e administração”.

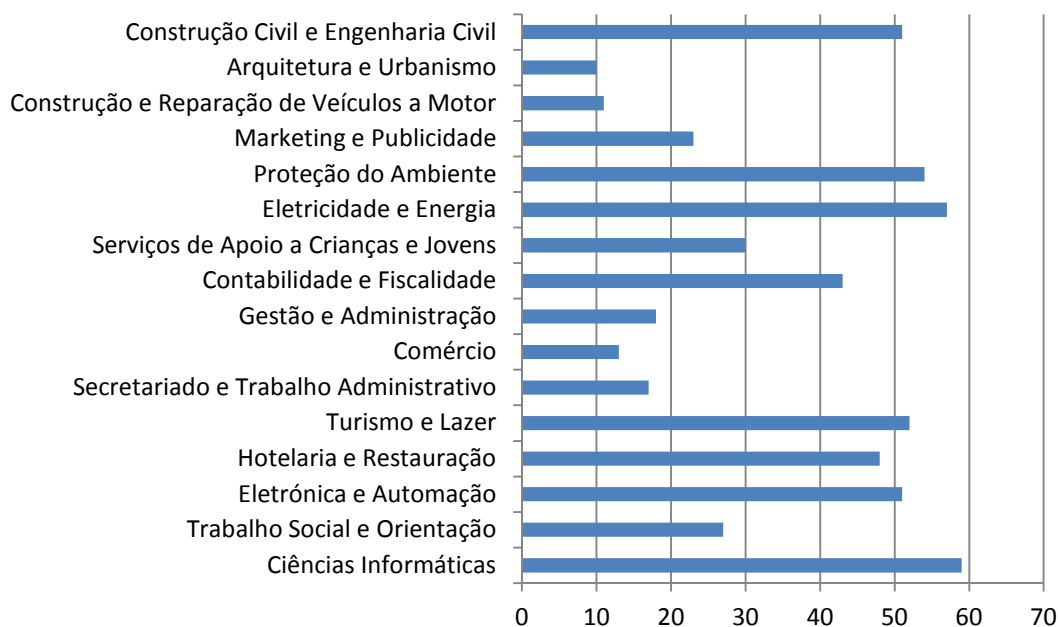
Gráfico 5.5.5. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, em S. Jorge, por área de educação e formação, de 2001 a 2014



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

No caso do Pico, a procura mais expressiva reparte-se por diversos cursos, designadamente: “ciências informáticas”, “eletrónica e automação”, “eletricidade e energia”, “proteção do ambiente” e “construção civil e engenharia”.

Gráfico 5.5.6. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, no Pico, por área de educação e formação, de 2001 a 2014



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

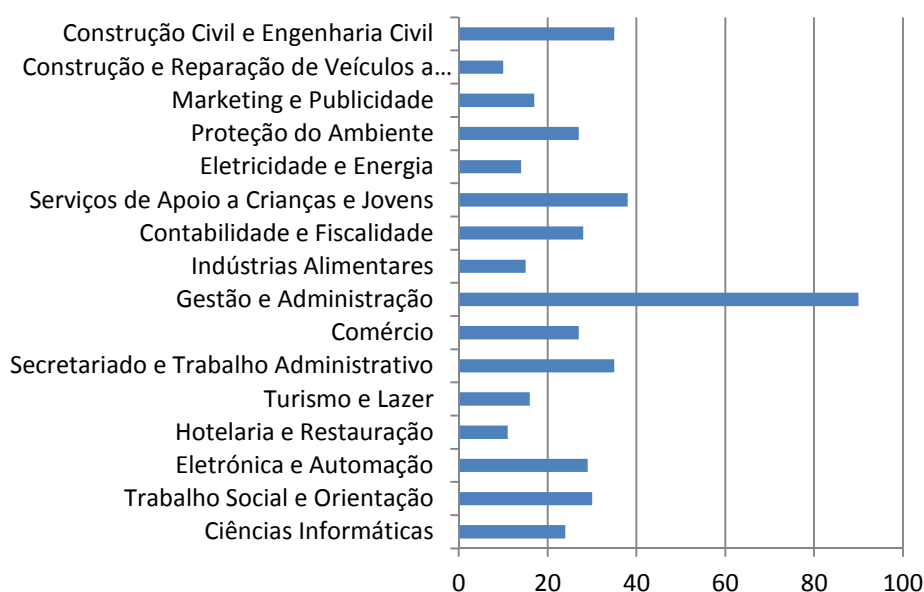
Considerando que esta ilha está economicamente mais dependente da agricultura, pescas, pecuária e produção vinícola, percebemos que as formações procuradas escapam a este cenário económico mais tradicional; denota-se ainda alguma aposta de formação especializada na área do “turismo e lazer”, ainda que a recente liberalização do espaço aéreo dos Açores possa vir a exigir um incremento de qualificações nesta área da atividade económica da ilha.

De entre os cursos menos procurados evidenciam-se a “arquitetura e urbanismo”, “comércio” e “construção e reparação de veículos a motor”.

A formação profissional desenvolvida no Faial parece escapar às tendências enunciadas para as duas ilhas anteriormente focadas.

Com uma economia igualmente dependente das atividades ligadas à agricultura, pecuária, lacticínios, pesca ou comércio, a maior aposta formativa dirige-se para atividades de “gestão e administração” ou “serviços de apoio a crianças e jovens” ou “secretariado e trabalho administrativo”, opções que parecem dirigir-se para profissões de âmbito administrativo e de solidariedade social, porventura associadas ao papel que a ilha, e muito especialmente a cidade da Horta, tem no contexto regional, com departamentos governamentais e sede alguns serviços públicos e associativos.

Gráfico 5.5.7. Alunos que aprovam / concluem o ensino profissional, no Faial, por área de educação e formação, de 2001 a 2014



FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

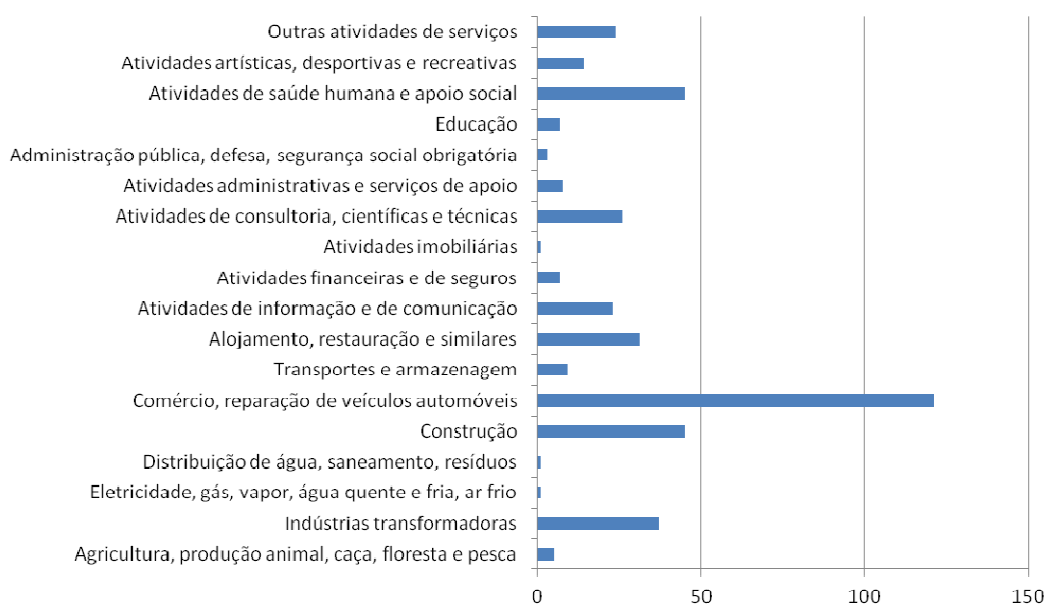
A formação nas áreas da “hotelaria e restauração” e do “turismo e lazer” encontram-se entre as propostas que menos atraem os jovens faialenses nos anos em análise, ainda que esta ilha se encontre entre as que mais parecem captar turismo, a avaliar pelo facto de, logo a seguir a S. Miguel e Terceira, ser a que mais dormidas registou em 2014 e nos dois primeiros trimestres de 2015 (SREA).

5.6. Empregabilidade

Em face dos quantitativos de jovens que aprovam/concluem cursos das escolas profissionais, e dado que os princípios legitimadores destas ofertas formativas radicam na empregabilidade e no combate ao desemprego juvenil, seria importante perceber em que medida a posse de um diploma do ensino profissional facilita a integração laboral e em que condições.

Mas os dados disponíveis não nos permitem perceber a empregabilidade destes jovens e, por outro lado, as alterações que têm sido introduzidas nas categorizações das atividades económicas, propostas pela CAE, dificultam a comparabilidade entre os diferentes anos. Em face destas dificuldades optámos por apresentar apenas a evolução da contratação de TCO com cursos do ensino profissional, entre 2008 e 2014.

Gráfico 5.6.1. Número de TCO admitidos nas empresas com cursos do ensino profissional, nos Açores, de 2008 a 2014

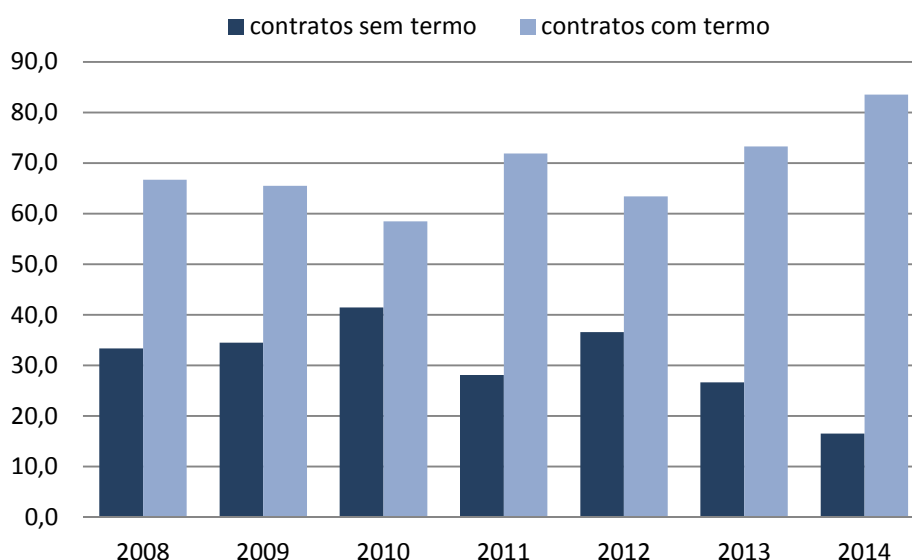


FONTE: Observatório do Emprego e Formação Profissional

Como podemos observar no gráfico anterior os ingressos mais significativos ocorreram no setor do “comércio e reparação de veículos automóveis”, seguido dos da “construção” e “atividades de saúde humana e apoio social”. Os setores que menos ingressos registam são as “atividades imobiliárias”, a “distribuição de água gás saneamento, resíduos” e a “eletricidade, gás, vapor, água quente e fria, ar frio”.

Quando tornamos central a forma contratual como estas transições profissionais foram efetivadas percebemos a dimensão da precariedade, expressa pelo peso numérico dos contratos a termo³² no total dos contratos, e que constitui um dos poucos indicadores que podemos utilizar para aferir a precariedade laboral na sociedade portuguesa.

Gráfico 5.6.2. Tipos de contratos dos TCO admitidos nas empresas com cursos do ensino profissional



FONTE: Observatório do Emprego e Formação Profissional

Ainda que com ligeiras oscilações, observamos que, entre 2008 e 2014, a tendência de decréscimo das formas contratuais mais estáveis é acompanhada pelo acréscimo muito significativo dos contratos temporários. A partir de 2010 a desproporção entre as duas formas contratuais vai-se agudizando e em 2014 verificamos que por cada 10 contratos realizados apenas 1 é permanente.

³² Utilizamos este termo para simplificar uma categorização que é bastante mais complexa e inclui, na categorização proposta a partir de 2009, diferentes modalidades contratuais. E aqui temos consciência que nem todas as formas contratuais têm igual impacto na precariedade, pois existem contratos que estão abrangidos por direitos e outros que, dada a situação de quase clandestinidade em que ocorrem, não permitem garantir direitos ou ações contributivas.

Estes quantitativos dão conta dos efeitos da crise económica sobre os mercados de trabalho, designadamente as tendências acrescidas de segmentação destes mercados como estratégia de resposta às oscilações económicas, o que não deixa de influenciar as oportunidades de emprego e as condições de trabalho, independentemente das qualificações escolares e formativas dos trabalhadores.

Nota Conclusiva

Procurando sistematizar as principais observações analisadas, relativamente ao ensino profissional na Região Autónoma dos Açores, diremos que a procura de uma formação profissionalizante tem vindo a crescer ao longo dos últimos anos, contrariamente ao que se verifica para as vias científico-humanísticas do ensino secundário.

Uma análise mais fina desta oferta formativa permite perceber que há um desequilíbrio da procura entre as diferentes ilhas que resulta da desigual distribuição da população pelas diferentes unidades territoriais do arquipélago e das dinâmicas demográficas inerentes a cada um desses territórios, aspetos que foram discutidos na parte inicial do presente relatório.

Por outro lado, demonstrámos que a procura do ensino profissional se faz por jovens cada vez mais novos o que tem desequilibrado a tradicional composição de género deste público, registando-se, também nos Açores, uma progressiva feminização dos alunos das escolas profissionais. As exceções a esta tendência geral ocorrem nas ilhas Terceira, S. Jorge e Pico.

Tornou-se ainda evidente uma procura muito diversificada pelas diferentes áreas de educação e formação nas diferentes ilhas, mas a feminização que registávamos no contexto do arquipélago é mais significativa nas áreas do “trabalho social e orientação”, “hotelaria e restauração”, “turismo e lazer”, “secretariado e trabalho administrativo”, ou seja, configurando ainda muito do que tem sido a atividade feminina ao longo do tempo.

Conclusão

O presente estudo sobre os jovens açorianos qualificados, mais concretamente sobre aqueles que estão a fazer ou fizeram recentemente a sua formação de nível superior ou profissional, deve ter em consideração a dinâmica demográfica e de qualificação observada na Região, e nas suas várias ilhas, nos anos mais recentes com uma perspetiva para o futuro próximo.

Entre 2001 e 2011 observa-se um ligeiro aumento da população global do arquipélago facto que, no entanto, não acontece em todas as ilhas, dependendo a evolução global fundamentalmente da tendência registada na ilha de São Miguel, ainda que o acréscimo, apesar de atenuado, seja também uma realidade nas ilhas Terceira e Corvo. É também a ilha micalense que sustenta o envelhecimento moderado do conjunto da Região, verificando-se em algumas das outras ilhas uma maior percentagem de Idosos (65 e mais anos) do que de Jovens (0-14 anos).

A desigualdade no número de jovens nas várias ilhas influencia o volume daqueles que optam por um percurso académico mais qualificado e que neste sentido poderão contribuir de modo mais inovador para o desenvolvimento económico, social e cultural do arquipélago e de cada uma das suas ilhas.

Em termos globais, ainda que em menor número, os jovens são os mais qualificados, distanciando-se de modo significativo dos níveis de instrução detidos pelas gerações mais velhas, tanto no ensino básico, como secundário ou superior. Todavia, esta mudança não é suficiente para que os Açores deixem de ser a região do País, como da UE, com as mais baixas qualificações académicas.

No que respeita aos estudantes que frequentam a Universidade dos Açores, verifica-se que entre 2001 e 2015 houve uma diminuição do número de alunos inscritos e mais ainda daqueles que se diplomaram, o que não favorece a necessidade de formação qualificada que a Região necessita para igualar outras regiões do País e, mais ainda, de outros países da UE.

São estudantes bastante jovens, com idades compreendidas principalmente entre os 20 e os 24 anos, tendência que se tem vindo a acentuar. São principalmente do sexo feminino, apesar do ligeiro aumento verificado nos últimos anos no sexo masculino. São naturais dos Açores, principalmente das ilhas de maior dimensão e nas quais existem polos da Universidade dos Açores que lecionam os vários ciclos de ensino universitário. Ainda que as diferenças se devam mais aos diferentes volumes populacionais das ilhas do que a uma maior apetência pelo Ensino Superior por parte dos jovens destas ilhas, constata-se que os jovens da ilha de São Miguel que frequentam a Universidade dos Açores têm um peso relativo superior aos do conjunto dos jovens desta ilha no mesmo grupo de idades, o que indica que a sua maior preponderância não depende unicamente de serem provenientes da mais populosa e mais jovem ilha do arquipélago, mas porventura também por ser nela que existe um maior e mais diversificado número de cursos, designadamente de licenciatura.

Escolhem mais as áreas das Ciências Sociais e das Ciências Biológicas e da Saúde em detrimento das de Humanidades e das Ciências Exatas e Engenharias, em particular os cursos de Gestão e Enfermagem, sendo que os mais velhos e das ilhas de São Miguel e Santa Maria são mais significativos nas áreas das Ciências Sociais ou nas Humanidades.

O número de estudantes açorianos que estão a fazer a sua formação de nível universitário em estabelecimentos de ensino superior nacionais, mas fora dos Açores, é, pelo menos nos 3 anos em análise, em número inferior aos que optam pela Universidade dos Açores.

Preferem estudar em estabelecimentos de ensino que se situam na região de Lisboa, seguindo-se as regiões do Norte e do Centro, ou seja, as que apresentam uma oferta formativa mais abrangente e diversificada, não só em áreas científicas e cursos, como nos vários graus de ensino: licenciatura, mestrado e doutoramento, sendo que é no primeiro nível que se insere a maior parte dos alunos.

São também maioritariamente bastante jovens, principalmente com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos, e do sexo feminino, não se verificando nestas variáveis diferenças significativas face aos que frequentam a Universidade dos Açores. Tal como estes também escolhem preferencialmente as áreas científicas das Ciências Sociais, com relevo para o curso de Gestão, mas também os das Engenharias e Tecnologias que são inexistentes ou insipientes na instituição universitária da Região. Nestes últimos cursos assiste-se a uma acentuada desigualdade de género pois o valor percentual dos efetivos do sexo masculino é bastante mais elevado, contrariando a tendência global de feminização do ensino superior.

Além das preferências globais por determinadas áreas científicas e cursos encontramos algumas diferenças dignas de registo no que respeita à naturalidade. Com efeito, o número de cursos em funcionamento na Universidade dos Açores em São Miguel faz com que os naturais desta ilha procurem fora dos Açores fundamentalmente formações que não podem ter na sua ilha de residência. A inexistência daquelas formações nas restantes ilhas faz com que os seus naturais optem por outras universidades portuguesas, mesmo quando escolhem formações que são oferecidas por esta instituição.

No que respeita aos que desenvolvem atividades de investigação, podemos constatar que, tanto a partir dos dados obtidos na Universidade dos Açores, como através do Fundo Regional de Ciência e Tecnologia, os bolseiros caracterizam-se por serem uma população com percursos académicos longos (como é inerente à própria condição de técnicos altamente qualificados), com idades superiores a trinta anos que trabalham em Centros de Investigação principalmente nas áreas Ciências Naturais e do Ambiente. Os ciclos de contratação estão associados aos concursos públicos e, consequentemente, dependentes das Políticas de Ciência dos Governos da República e da Região Autónoma dos Açores.

No que diz respeito aos mecanismos de relação contratual estamos perante populações com tipos de contrato diferenciados. Quanto aos bolseiros, a sua relação está regulada pelo estatuto do bolseiro, pelo que estão impedidos de desempenhar funções que correspondam a necessidades permanentes dos Serviços. O mesmo não se aplica aos jovens a trabalhar nos diversos Centros de Interpretação, independentemente do tipo de contrato pois a sua atividade é de âmbito profissional e não tanto de formação como acontece com os Bolseiros.

Procurando sistematizar as principais observações analisadas, relativamente ao ensino profissional na Região Autónoma dos Açores, diremos que a procura de uma formação profissionalizante tem vindo a crescer ao longo dos últimos anos, contrariamente ao que se verifica para as vias científico-humanísticas do ensino secundário.

Uma análise mais fina desta oferta formativa permite perceber que há um desequilíbrio da procura entre as diferentes ilhas que resulta não só da desigual distribuição da população pelas diferentes unidades territoriais do arquipélago, como das dinâmicas demográficas inerentes a cada um desses territórios.

A procura do ensino profissional faz-se por jovens cada vez mais novos o que tem desequilibrado a tradicional composição de género deste público, registando-se, também nos Açores, uma progressiva feminização dos alunos das escolas profissionais. As exceções a esta tendência geral ocorrem nas ilhas Terceira, S. Jorge e Pico.

Por outro lado tornou-se evidente uma procura muito diversificada pelas diferentes áreas de educação e formação nas diferentes ilhas, mas a feminização que registávamos no contexto do arquipélago é mais significativa nas áreas do “trabalho social e orientação”, “hotelaria e restauração”, “turismo e lazer”, “secretariado e trabalho administrativo”, ou seja, configurando ainda muito do que tem sido a atividade feminina ao longo do tempo.

A sua empregabilidade é de difícil quantificação e está muito dependente do contexto económico que nos últimos anos foi bastante agravado, tal como aconteceu com outros níveis de formação, sendo de sublinhar a nível contratual uma grande precariedade. Ainda que com ligeiras oscilações, observamos que, entre 2008 e 2014, a tendência de decréscimo das formas contratuais mais estáveis é acompanhada pelo acréscimo muito significativo dos contratos temporários. A partir de 2010 a desproporção entre as duas formas contratuais vai-se agudizando e em 2014 verificamos que por cada 10 contratos realizados apenas 1 é permanente.

A análise desta população jovem, qualificada e em qualificação no início do século XXI, permite identificar algumas melhorias nas gerações mais novas, com especial relevo no sexo feminino, que optam por áreas científicas e cursos que pelo menos até há pouco tempo, ou mesmo ainda no presente, são consideradas de maior empregabilidade e com facilidades de progressão na carreira profissional. Todavia, resta saber se estas

formações estão em consonância com as necessidades e estratégias de desenvolvimento de um território de pequena dimensão, territorialmente disperso e afastado de grandes centros urbanos, circunstâncias que em nosso entender exigem uma grande diversificação de saberes e competências que contemplem não só os novos meios tecnológicos, como o conhecimento das mudanças sociais e organizacionais deles decorrentes.

Bibliografia

- ARAÚJO, E., FONTES, M., BENTO, S. Editores (2013). *Para um Debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros*, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade dos Minho, www.cecs.uminho.pt.
- CEDEFOP [Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional] (2015). *O ensino e formação profissional previne e combate o abandono precoce do sistema educativo*. Nota Informativa de setembro, www.europarl.europa.eu.
- CNE [Conselho Nacional de Educação] (2014). *Relatório Técnico – Ensino e Formação Profissional Dual*, www.cnedu.pt/content/noticias/CNE/RelatorioTecnico_profduo.pdf.
- CNE [Conselho Nacional de Educação] (2014). *Estado da Educação 2013*. Lisboa: CNE.
- DIOGO, A. M. (2008). *Investimento das Famílias na Escola: dinâmicas familiares e contexto escolar local*. Oeiras: Celta.
- GOMES, R. M. (coord.) (2015). *Fuga de Cérebros - retratos da emigração portuguesa qualificada*, Lisboa: Bertrand Editora.
- INE [Instituto Nacional de Estatística] (2012). *Censos 2011 Resultados Definitivos - Região Autónoma dos Açores*.
- EUROSTAT (2013). *Population Projections at Regional Level*, http://ec.europa.eu/eurostat/data/database?node_code=proj.
- MARQUES, M. (1993). *O Modelo Educativo das Escolas Profissionais: um campo potencial de inovação*. Lisboa: EDUCA.

- PALOS, A. C. (2003). *Os Jovens, a Educação e o Trabalho: estratégias de escolarização e projectos de futuro*. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores (dissertação de doutoramento).
- PALOS, A. C. (2014). ““Mais educação mas menos trabalho!”: os jovens e a fragilização das relações laborais”, in MELO, B. P. e, DIOGO, A. M., FERREIRA, M., LOPES, J. T. & GOMES, E. E. *Entre Crise e Euforia: Práticas e Políticas Educativas no Brasil e em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- PALOS, A. C., DIOGO, F. e SILVA, O. (2015). “Schooling and Professional Trajectories of Young People: A View from the European Periphery”, *Eurasian Journal of Social Sciences*, 3(4), 2015, 1-9.
- Plano de Revitalização Económica da Ilha Terceira (PREIT) (2015), Governo Regional dos Açores.
- QCA [Quadro Comunitário de Apoio]. *Quadro Comunitário de Apoio III. Portugal 2000-2006*. Ministério do Planeamento, www.qca.pt/n_qca/pdf/QCA_2000_06.pdf.
- ROCHA, G.P.N. (1990). "A transição demográfica nos Açores" in *Arquipélago Ciências Sociais*, nº 5, Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 125-168.
- ROCHA, G.P.N. (1991). *Dinâmica Populacional dos Açores no séc. XX - unidade. permanência. diversidade*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- ROCHA, G.P.N. (2008), “Crescimento da população e os novos destinos da emigração”, in MATOS, A. T., MENESES, A. de F. e LEITE, J. G. R. (Dirs.) (2008), *História dos Açores*, Vol. II, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura: 265-305.
- ROCHA, G.P.N. (2008b), “Universidade: reflexividade e acção” in Anália Torres e Luís Batista (org) (2008), *Sociedades Contemporâneas – reflexividade e acção*, Porto: Edições Afrontamento:165-194.
- ROCHA, G.P.N., PALOS, A.C., DIOGO, F., TOMÁS, L., (2012). *"Dinâmica demográfica, educação, emprego e desigualdades sociais nos Açores: 2014 a 2020: Relatório final"*. Ponta Delgada: Direção Regional do Emprego e Qualificação Profissional.
- ROCHA, G.P.N., MEDEIROS, O., FERREIRA, E., (2010), *Perfis e Trajectórias dos Imigrantes nos Açores*, Ponta Delgada: Governo dos Açores - Direcção

- Regional das Comunidades/ Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores.
- ROCHA, G. P. N. (2013a), "Concentração Demográfica em Espaço Insular: Os Açores, 1864-2011", in SANTOS, C. e MATOS, P. T. (coord.) *A Demografia das Sociedades Insulares Portuguesas. Séculos XV a XXI*, Braga: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória: 297-323.
- ROCHA, G. P. N. (2013b), "Movimentos Migratórios Internacionais nos Açores - uma perspetiva demográfica" in FONSECA, M. L. et al (org) *Migrações na Europa e em Portugal: ensaios de homenagem a Maria Ioannis Baganha*, Coimbra: Almedina: 205-226.
- ROCHA, G. P. N. (2013c), "População das regiões insulares dos Açores e da Madeira em 2011" in *Revista de Estudos Demográficos*, nº51-52, Lisboa: INE: 85-106.
- ROCHA, G. P. N. (2014), "Dynamique démographique et éducative des régions ultrapériphériques portugaises, 2001-2011", en ASÍN CABRERA, M.A. y GODENAU, D. (dirs.), *Movilidad y Gran Vecindad en las Regiones Ultraperiféricas de la Unión Europea*, Área de Empleo, Desarrollo Económico, Comercio y Acción Exterior del Cabildo de Tenerife, Santa Cruz de Tenerife: Edición Primera: 87-112.
- ROCHA, G. P. N, FERREIRA, Eduardo. (2008), "População e circulação de pessoas" in MATOS, A. T. de, MENESES, A. de F., LEITE, J. G. R. (Dir), *História dos Açores*, Cap. VI, Vol. II, Instituto Açoriano de Cultura: 581-610.
- ROCHA, G. P. N, FERREIRA, Eduardo. (2010), "Territórios e Dinâmicas Migratórias nos Açores" in *Revista Cidades, Comunidades e Territórios*, nº 20/21, Lisboa, Centro de Estudos Territoriais (CET/ISCTE): 97-110.
- ROCHA, G. P. N., MENDES, D. (2012), " *Experiências da emigração açoriana*", in *Portuguese Studies Review*, nº20 (2):33-58.
- SANTOS S. A. (1999), *Parte Devida. Intervenções Públicas 1992-1998*. Porto: Edições Afrontamento.
- SILVA, O., SOUSA. A. (2015), "(Dis)Similaridades nas características da população açoriana" in ROCHA, G. P. N. e BORRALHO, A. (Org.) *Novas e Velhas Tendências Populacionais*, Lisboa: Edições Colibri: 21-42.
- SREC [Secretaria Regional da Educação e Cultura] (2014). *Estatísticas da Educação 2013/2014 - Região Autónoma dos Açores*, www.edu.azores.gov.pt.

ANEXOS

ANEXO I - Número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário na universidade dos açores por sexo

Ano Letivo	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
2001/02	1199	2221	3420
2002/03	1190	2252	3442
2003/04	1120	2202	3322
2004/05	1079	2154	3233
2005/06	1058	2093	3151
2006/07	1150	2107	3257
2007/08	1167	1969	3136
2008/09	1288	2182	3470
2009/10	1319	2226	3545
2010/11	1407	2353	3760
2011/12	1376	2321	3697
2012/13	1339	2062	3401
2013/14	1288	1859	3147
2014/15	1156	1667	2823

FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

ANEXO II - Número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário na Universidade dos Açores, por grupos de idade

Ano Letivo	Faixa Etária				Total
	17-19	20-24	25-29	30-34	
2001/02	534	1786	762	338	3420
2002/03	603	1729	786	324	3442
2003/04	611	1623	742	346	3322
2004/05	598	1530	734	371	3233
2005/06	618	1477	695	361	3151
2006/07	645	1446	764	402	3257
2007/08	667	1283	723	463	3136
2008/09	799	1325	803	543	3470
2009/10	836	1396	750	563	3545
2010/11	849	1573	770	568	3760
2011/12	800	1621	755	521	3697
2012/13	782	1601	621	397	3401
2013/14	755	1535	551	306	3147
2014/15	658	1454	453	258	2823

FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

ANEXO III - Número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário na Universidade dos Açores, por naturalidade

Ano Letivo	Naturalidade do Aluno											Total
	Cont_Madeira	SM A	SMG	TER	GR A	SJ O	PI C	FAI	FL O	CO R	Estrang .	
2001/02	993	46	1570	457	15	45	70	103	28	2	3	3332
2002/03	990	51	1597	448	14	48	62	107	33	2	16	3368
2003/04	944	52	1538	438	20	47	73	94	29	2	15	3252
2004/05	869	52	1514	456	22	41	80	97	29	2	29	3191
2005/06	851	46	1482	443	15	29	89	89	27	1	29	3101
2006/07	838	50	1591	429	21	30	96	92	33	0	36	3216
2007/08	762	51	1585	448	21	23	77	82	33	2	24	3108
2008/09	793	49	1775	515	18	26	78	94	33	3	24	3408
2009/10	717	53	1864	528	17	31	77	97	29	2	13	3428
2010/11	697	56	2034	595	18	40	88	94	24	3	7	3656
2011/12	675	54	1950	642	25	35	74	113	20	3	18	3609
2012/13	591	53	1807	623	21	35	68	81	30	4	21	3334
2013/14	457	54	1722	598	21	30	69	68	26	2	21	3068
2014/15	392	55	1642	453	17	36	57	61	23	1	8	2745

FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

ANEXO IV - Número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário na Universidade dos Açores, por área científica

Ano Letivo	Áreas Científicas			Total	
	Humanidades	Ciências Sociais	Ciências Exatas e Engenharia		Ciências da Vida e Saúde
2001/02	587	1145	604	1084	3420
2002/03	598	1202	561	1081	3442
2003/04	540	1297	473	1012	3322
2004/05	528	1274	426	1005	3233
2005/06	543	1222	350	1036	3151
2006/07	530	1229	370	1128	3257
2007/08	404	1325	373	1034	3136
2008/09	409	1450	445	1132	3436
2009/10	397	1505	440	1168	3510
2010/11	416	1644	432	1221	3713
2011/12	373	1675	404	1208	3660
2012/13	337	1540	324	1163	3364
2013/14	353	1435	249	1078	3115
2014/15	340	1302	208	946	2796

FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

ANEXO V - Número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário na Universidade dos Açores, por nível de graduação

Ano Letivo	Nível Formação				Total
	Licenciatura	Pós-graduação e complementos	Mestrado	Doutoramento	
2001/02	3129	160	127	4	3420
2002/03	3135	115	185	7	3442
2003/04	3019	80	209	14	3322
2004/05	2904	77	227	24	3232
2005/06	2764	68	245	36	3113
2006/07	2872	62	279	44	3257
2007/08	2681	50	313	64	3108
2008/09	2723	91	398	70	3282
2009/10	2671	86	426	71	3254
2010/11	2755	84	507	65	3411
2011/12	2702	110	501	55	3368
2012/13	2555	55	449	77	3136
2013/14	2390	33	403	57	2883
2014/15	2249	12	349	52	2662

FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

ANEXO VI - Distribuição dos jovens inscritos na Universidade dos Açores por Curso de licenciatura, de 2001/2002 a 2014/2015, (%)³³

	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Biologia	18,95	7,50	5,48	7,49	5,94	6,09	5,51	4,73	3,86	3,79	3,78	4,62	5,19	5,06
Economia	7,00	3,75	4,33	8,20	7,92	7,01	6,54	5,59	6,69	5,36	5,21	4,52	4,40	4,06
Enfermagem	15,20	10,14	11,32	21,75	22,17	21,13	21,41	21,15	19,44	17,69	16,97	17,44	17,09	17,68
Eng. Zootécnia e C. Agrárias	9,51	3,54	2,74	3,85	2,81	2,76	2,83	3,36	3,18	2,23	2,91	3,00	3,46	4,06
Ens. Básico	9,19	4,45	4,82	8,04	6,22	5,22	7,67	8,03	9,82	11,05	12,08	11,39	10,12	9,34
Gestão	12,45	6,16	6,20	11,56	12,65	15,65	16,88	16,01	15,73	17,31	19,10	19,65	20,02	18,34
História	5,82	2,27	1,84	1,87	1,38	0,77	0,21	0,05	1,03	1,33	1,11	0,44	1,00	1,78
Eng. Civil e Mecânica	3,94	2,03	2,17	3,14	2,20	0,97	2,68	2,69	2,83	2,75	2,91	3,63	3,14	2,50
Informática	2,50	0,81	0,69	0,94	0,61	3,63	5,35	7,27	6,60	6,92	5,81	5,75	4,98	5,39
Psicologia	0,00	0,58	1,17	1,98	2,31	3,32	3,81	5,49	5,52	5,55	5,81	6,04	6,92	6,56
Serviço Social	5,19	3,11	4,18	7,54	7,59	6,60	6,79	6,66	6,84	6,88	6,69	6,39	6,55	7,06
Sociologia	10,26	4,39	4,79	8,43	8,47	8,39	5,97	4,47	4,05	5,07	4,89	4,47	3,30	3,45
Comunicação Social e Cultura	0,00	0,00	0,00	1,82	3,74	4,71	4,37	4,52	4,45	4,46	4,06	4,42	4,61	4,78
Relações Públicas e Comunicação	0,00	1,89	3,13	8,20	10,12	9,05	7,41	7,12	6,94	6,54	6,00	5,55	6,08	6,78
Estudos Europeus	0,00	1,22	2,17	5,18	5,89	4,71	2,57	2,85	3,03	3,08	2,68	2,70	3,14	3,17

FONTE: Serviços de Gestão Académica da Universidade dos Açores, 2015

³³ Sublinhe-se que na especificação por cursos não foi considerado alguns que tiveram início já no meio do período considerado, como o de Património Cultural (licenciatura), entre outros, encontrando-se no Anexo VII todos os cursos de Licenciatura que funcionaram de 2001/02 a 2014/15.

ANEXO VII – Listagem dos cursos de licenciatura na Universidade dos Açores, de 2001/02 a 2014/2015

	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	TOTAL
Agricultura Ecológica	0	0	5	11	13	7	5	4	0	0	0	0	0	0	45
Arquitetura (Preparatórios)	0	0	0	13	30	48	53	55	52	50	42	30	30	26	429
Bioinformática	0	0	0	17	22	15	14	3	1	0	0	0	0	0	72
Biologia	303	258	182	136	108	119	107	93	79	80	82	79	82	75	1783
Biologia Marinha	0	30	53	62	82	81	22	4	0	0	0	0	0	0	334
Biologia/Geologia (Ensino de)	141	99	55	27	14	4	1	0	0	0	0	0	0	0	341
Biotecnologia	25	27	25	24	22	14	9	6	0	0	0	0	0	0	152
Ciclo Básico de Medicina	0	0	0	20	37	41	51	65	74	77	75	114	111	112	777
Ciência e Tecnologia da Computação	0	28	39	42	36	31	22	12	6	4	0	0	0	0	220
Ciências Agrárias	0	0	0	0	0	16	39	44	40	47	43	46	53	64	392
Ciências Biológicas e da Saúde	0	0	0	30	69	132	97	88	84	87	60	55	41	25	768
Ciências da Engenharia Civil	0	0	0	0	0	0	39	57	44	50	52	26	8	5	281
Ciências da Nutrição (Preparatórios)	0	0	0	11	26	34	35	41	42	27	18	25	22	12	293
Ciências de Engenharia - Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia	0	0	0	0	0	2	52	53	58	58	63	74	60	45	465
Ciências de Engenharia - Engenharia Informática e de Computadores	0	0	0	0	1	1	16	19	10	5	2	0	0	0	54
Ciências Farmacêuticas (Preparatórios)	0	0	0	0	0	0	15	31	35	36	34	32	23	15	221
Comunicação Social e Cultura	0	0	0	33	68	92	85	89	91	94	88	90	88	86	904
Economia	112	129	144	149	144	137	127	110	137	133	113	92	84	73	1684
Ecoturismo	0	0	0	0	15	13	10	1	0	0	0	0	0	0	39
Educação Básica	0	0	0	0	0	2	110	146	168	163	186	162	141	114	1192
Educação de Infância	141	139	135	113	94	84	30	10	0	0	0	0	0	0	746
Energias Renováveis	0	0	0	0	0	0	0	14	44	63	70	77	66	65	399
Enfermagem	243	349	376	395	403	413	416	416	398	373	368	355	326	318	5149
Engenharia Agrícola	47	35	20	11	6	4	0	0	0	0	0	0	0	0	123
Engenharia Civil (Preparatórios)	41	54	51	44	29	29	0	0	0	0	0	0	0	0	248
Engenharia do Ambiente	163	124	89	63	38	23	7	0	0	0	0	0	0	0	507
Engenharia e Gestão da Construção	0	0	0	14	24	18	0	0	0	0	0	0	0	0	56
Engenharia e Gestão do Ambiente	0	0	0	0	0	42	60	66	69	58	50	31	26	11	413
Engenharia Informática e de Computadores (Preparatórios)	0	10	18	26	23	19	0	0	0	0	0	0	0	0	96
Engenharia Mecânica (Preparatórios)	22	16	21	13	11	17	0	0	0	0	0	0	0	0	100
Engenharia Zootécnica	152	122	91	70	51	38	15	0	0	0	0	0	0	0	539
Ensino Básico - 1º Ciclo	147	153	160	146	113	102	39	12	0	0	0	0	0	0	872

(continuação)	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	TOTAL
Estudos Europeus e Política Internacional	0	42	72	94	107	92	56	62	65	58	55	60	57	50	870
Estudos Portugueses	3	3	3	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	12
Estudos Portugueses e Ingleses	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9	9
Filosofia	85	65	56	32	16	8	2	1	0	0	0	0	0	0	265
Filosofia e Cultura Portuguesa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	24	12	8	4	0	48
Física e Química	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	4
Física e Química (Ensino de)	140	135	109	79	45	29	12	3	0	0	0	0	0	0	552
Gestão	0	0	0	0	3	186	301	310	300	365	414	400	382	330	2991
Gestão de Empresas	199	212	206	210	227	120	27	5	0	0	0	0	0	0	1206
Gestão e Conservação da Natureza	0	25	26	35	45	7	0	0	0	0	0	0	0	0	138
Gestão/Informática	104	131	141	118	76	35	5	1	0	0	0	0	0	0	611
Guias da Natureza	0	0	0	0	0	23	44	70	61	51	54	49	46	46	444
História	93	78	61	34	25	15	4	1	21	28	24	9	19	32	444
Informática - Redes e Multimédia	0	0	0	0	0	64	104	142	135	146	126	117	95	97	1026
Informática (Ensino de)	40	28	23	17	11	7	2	1	0	0	0	0	0	0	129
Línguas e Literaturas Europeias	0	14	12	5	5	4	1	0	0	0	0	0	0	0	41
Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses	7	9	14	10	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	44
Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses	105	70	59	39	23	10	2	0	0	0	0	0	0	0	308
Línguas Modernas Aplicadas	0	19	23	32	24	19	10	7	0	0	0	0	0	0	134
Matemática (Ensino de)	136	106	77	52	30	14	4	5	0	0	0	0	0	0	424
Matemática Aplicada	0	4	2	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9
Matemática/Informática	62	42	33	19	13	5	1	1	0	0	0	0	0	0	176
Medicina Veterinária (Preparatórios)	0	9	17	21	26	27	26	26	25	30	30	30	30	29	326
Organização e Gestão de Empresas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Património Cultural	0	0	0	0	14	30	37	54	26	19	15	13	9	3	220
Português e Francês (Ensino de)	112	77	49	20	7	4	1	0	0	0	0	0	0	0	270
Português e Inglês (Ensino de)	132	103	66	38	23	7	5	3	0	0	0	0	0	0	377
Protecção Civil e Gestão de Riscos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	26	46	68	140
Psicologia	0	0	0	0	0	45	74	108	113	117	126	123	132	118	956
Psicologia (Preparatórios)	0	20	39	36	42	20	0	0	0	0	0	0	0	0	157
Relações Públicas e Comunicação	0	65	104	149	184	177	144	140	142	138	130	113	116	122	1724
Serviço Social	83	107	139	137	138	129	132	131	140	145	145	130	125	127	1808
Sociologia	164	151	159	153	154	164	116	88	83	96	98	82	60	60	1628
Superior de Enfermagem	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Tecnologia Agro-Alimentar	28	29	35	33	24	17	9	1	0	0	0	0	0	0	176
Turismo	0	0	0	0	0	36	86	123	127	132	126	107	108	112	957

ANEXO VIII – Dimensões retidas e quantificações das categorias na CatPCA

Tabela 1 - Dimensões principais retidas na CatPCA

Variáveis	Dimensão 1	Dimensão 2
Sexo	-0.036	0.616
Faixa etária de ingresso na UAç	0.761	-0.293
Faixa etária de graduação na UAç	0.571	-0.386
Área científica	0.110	0.762
Naturalidade	-0.134	-0.481
Habilitações anteriores	0.848	0.189
Grau de formação	0.880	0.234
Valor próprio	2.431	1.494
Variância explicada	0.308	0.208

Tabela 2 – Quantificação das categorias das variáveis nas dimensões 1 e 2

	Variáveis	Quantificações negativas	Quantificações positivas
Dimensão 1	Grau de formação	Licenciatura	Doutoramento, Pós graduação e complementos, Mestrado
	Habilitações anteriores	12º ano	Mestrado, Licenciatura
	Faixa etária de ingresso	17- 19 anos	25-29 anos, 30-34 anos
	Faixa etária de graduação	20-24 anos	30-34 anos
Dimensão 2	Sexo	Masculino	Feminino
	Área científica	Ciências Exatas e Engenharias	Ciências da Vida e da Saúde
	Naturalidade	Ilha São Miguel	Continente português e Madeira Terceira

FONTE: Ministério da Educação e Ciência

ANEXO IX - Número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário em universidades portuguesas, por sexo

Ano Letivo	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
2011/12	1262	1543	2805
2012/13	1056	1307	2363
2013/14	1136	1326	2462

FONTE: Ministério da Educação e Ciência

ANEXO X - Número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário em universidades portuguesas, por grupos de idade

Ano Letivo	Faixa Etária				Total
	17-19	20-24	25-29	30-34	
2011/12	618	1623	381	183	2805
2012/13	465	1394	338	166	2363
2013/14	514	1421	355	172	2462

FONTE: Ministério da Educação e Ciência

ANEXO XI - Número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário em universidades portuguesas, por naturalidade

Ano Letivo	Naturalidade									Total
	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	
2011/12	75	1266	810	65	126	202	215	41	5	2805
2012/13	69	994	638	58	128	187	197	62	15	2348
2013/14	59	1026	745	55	115	196	193	50	12	2451

FONTE: Ministério da Educação e Ciência

ANEXO XII - Número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário em universidades portuguesas, por área científica

Ano Letivo	Área Científica			Total	
	Humanidades	Ciências Sociais	Ciências Exatas e Engenharia		
2011/12	208	1009	814	774	2805
2012/13	147	840	674	702	2363
2013/14	178	824	755	705	2462

FONTE: Ministério da Educação e Ciência

ANEXO XIII - Número de jovens que frequentam o ensino universitário e pós-universitário em universidades portuguesas, por nível de graduação

Ano Letivo	Nível de Formação				Total
	Licenciatura	Pós-graduação e complementos	Mestrado	Doutoramento	
2011/12	1602	108	1049	46	2805
2012/13	1408	27	897	31	2363
2013/14	1426	45	945	46	2462

FONTE: Ministério da Educação e Ciência

ANEXO XIV – Contribuições das variáveis em cada uma das dimensões

Variáveis	Dimensão 1		Dimensão 2	
	Discriminação	Contribuição	Discriminação	Contribuição
Faixa etária	.043	2.71%	.300	21.08%
Ilha	.144	9.03%	.102	7.13%
Nível de formação	.501	31.40%	.088	6.16%
Área Científica	.631	39.54%	.393	27.65%
Região NUTSII	.067	4.21%	.430	30.21%
Sexo	.209	13.11%	.111	7.78%
Inércia	0.266		0.237	

FONTE: Ministério da Educação e Ciência

ANEXO XV - Número de jovens a frequentar o ensino profissional, por sexo

Ano Letivo	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
2001/02	132	126	258
2002/03	89	162	251
2003/04	178	330	508
2004/05	161	211	372
2005/06	238	292	530
2006/07	273	275	548
2007/08	283	372	655
2008/09	196	232	428
2009/10	325	364	689
2010/11	256	363	619
2011/12	305	264	569
2012/13	299	309	608
2013/14	303	273	576

FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

ANEXO XVI - Número de jovens a frequentar o ensino profissional, por grupos de idade

Ano Letivo	Faixa Etária				Total
	17-19	20-24	25-29	30-34	
2001/02	147	94	17	0	258
2002/03	84	142	25	0	251
2003/04	222	252	33	1	508
2004/05	145	200	26	1	372
2005/06	306	200	22	2	530
2006/07	260	250	37	1	548
2007/08	310	317	27	1	655
2008/09	185	215	26	2	428
2009/10	392	273	22	2	689
2010/11	360	232	23	4	619
2011/12	304	234	20	11	569
2012/13	336	242	28	2	608
2013/14	341	211	18	6	576

FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura

ANEXO XVII - Número de jovens a frequentar o ensino profissional, por ilha

Ano Letivo	Ilha									Total
	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	
2001/02	0	139	49	0	30	21	19	0	0	258
2002/03	0	156	63	0	18	10	0	0	0	247
2003/04	0	320	66	5	21	61	36	0	0	509
2004/05	0	234	44	5	0	64	25	0	0	372
2005/06	8	296	51	0	103	33	31	0	0	514
2006/07	0	329	60	0	46	64	34	0	0	533
2007/08	0	376	61	10	43	57	50	0	0	597
2008/09	0	233	100	12	11	33	39	0	0	428
2009/10	11	413	110	6	56	49	44	0	0	678
2010/11	0	383	107	0	40	45	45	0	0	620
2011/12	0	349	95	0	52	38	36	0	0	570
2012/13	0	395	79	0	15	45	41	0	0	575
2013/14	0	371	99	0	12	58	40	0	0	580

FONTE: Secretaria Regional de Educação e Cultura